



José Pedro Magalhães da Silva

**A 'Verticalidade' na organização do espaço
para a criação de uma 'Circunstância' futura**

**Trabalho realizado sob orientação da
Prof. Doutora Isabel Maria da Cruz Batista Matias**



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

José Pedro Magalhães da Silva

**A 'Verticalidade' na organização do espaço para a criação de uma
'Circunstância' futura**

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Tese/dissertação defendida em provas públicas
na Universidade Lusófona do Porto no dia 13/12/2016, perante o
júri seguinte:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Cândido Almeida D'Eça Ramalho
(Prof. Catedrático da Universidade Lusófona do Porto)

Vogais: Prof. Doutor Vitor Manuel de Araújo Oliveira
(Prof. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto) – Arguente

Orientador: Prof^a. Doutora Isabel Maria da Cruz Batista Matias
(Prof^a. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto)

Dezembro 2016

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Ao apoio de todos os colegas e docentes, que me acompanharam neste percurso.
À arquitecta Isabel Matias, pela paciência e orientação prestada.
A toda a família e à Francisca

Através da presente dissertação, “A Verticalidade na organização do espaço para a criação de uma circunstância futura”, pretende-se o estudo da interação entre espaço e forma num contexto local, a Quinta da Conceição, dividida em diferentes períodos, dos quais constam os principais momentos transitivos que dão origem ao espaço atual.

O principal objectivo consiste em definir de que modo a circunstância presente no espaço pode motivar diferentes aproximações e estratégias para a sua organização, assim como, de que forma uma nova intervenção, numa diferente geração, pode surgir como elemento promotor de uma circunstância futura.

Para este efeito, numa primeira fase, é analisado o espaço da Quinta da Conceição, procurando um melhor enquadramento histórico das suas origens, assim como, o contexto que dá origem às diferentes intervenções efectuadas, nas décadas de 50 e 60, pelo Arquitecto Fernando Távora.

Em seguida, procura-se relacionar equipamentos públicos inseridos num contexto temporal próximo ao espaço em estudo – Parque Florestal de Monsanto e Jardim do Campo Grande – na tentativa de encontrar semelhanças relativamente aos modelos usados no seu planeamento.

Numa segunda fase, através do estudo dos diferentes planos de Fernando Távora para o Parque Municipal da Quinta da Conceição, pretende-se a caracterização da estrutura proposta, assim como, os principais elementos que nela habitam, sugerindo uma base para a análise aprofundada do espaço atual, do qual consta apenas parte da estrutura programada.

Como objectivo final, procura-se evidenciar a influência do espaço organizado por Távora, como condicionador das diferentes estratégias adoptadas para a criação de uma nova proposta – a Escola de Dança – através da qual, condicionando o espaço organizado, surge também por si, indutora de uma nova circunstância; uma circunstância futura.

Through this dissertation, "The Verticality in the space organization for the creation of a future Circumstance" It's intended to study the interaction between space and form in a local context, Quinta da Conceição, divided into different periods, which contain the main transitive moments that give place to the current space.

The primary objective consists in defining how the circumstances present in the space can motivate different approaches and strategies for It's organization, as well as, how a new intervention, in a different generation, can arise as key element of a future circumstance.

For this purpose, in a primary stage, we get to analyze the space of Quinta da Conceição, looking for a better historical background of its origins, as well as, the context that gives origin to the different interventions carried out in the 50s and 60s by architect Fernando Távora.

Later, we try to relate public equipments contained in a temporal context similar to the space under study – Parque Florestal de Monsanto and Jardim do Campo Grande – in an attempt to find similarities in the models used in their planning.

In a second stage, through the study of different plans of Fernando Távora to the Parque Municipal da Quinta da Conceição, It's intended to characterize the proposed structure, as well as, the main elements that inhabit in it, suggesting a basis for in-depth analysis of current space, which contains only part of the planned structure.

As final objective, we seek to highlight the influence of the space organized by Távora, as conditioner of the different strategies adopted for the creation of a new proposal – Dance School "Escola de Dança" – through which, conditioning the organized space, emerges also by itself, inductor of a new circumstance; a future circumstance.

Resumo	v
Abstract	vii
Introdução	xi
Capítulo I. Revisão da Literatura	1
Capítulo II. O Parque Urbano	5
2.1. Parque Municipal da Quinta da Conceição	7
2.2. Casos de Estudo	17
2.2.1. Contextualização	17
2.2.2. Parque Florestal de Monsanto	23
2.2.3. Jardim do Campo Grande	27
Capítulo III. A Estratégia de Intervenção no Parque Municipal da Quinta da Conceição	31
3.1. Análise projectual das intervenções situadas nas décadas de 50 e 60	33
3.2. Caracterização do espaço atual	51
3.3. Equipamentos previstos construídos	65
3.3.1. Pavilhão de Ténis	65
3.3.2. Piscina Municipal	71
3.3.3. Parque Infantil	77
3.4. Equipamentos previstos não construídos	81
3.4.1. Museu	81
3.4.2. Teatro ao Ar Livre	83
3.4.3. Restaurante	85
Capítulo IV. A Proposta de Intervenção	91
4.1. A Circunstância e Verticalidade como moderadores de uma nova forma	93
4.2. Análise projectual da Escola de Dança	95
Capítulo V. Considerações Finais	113
Bibliografia	117
Índice de Imagens	121
Créditos de Imagens	131
Anexos	141
Anexo A – Peças Desenhadas da Proposta Final da Escola de Dança	

Intervir em espaço, independentemente do local em que se insere, pressupõe a análise aprofundada das suas origens, das suas determinações, das características que o definem e o uso a que é proposto.

Ainda que o espaço atual da Quinta da Conceição *per se* seja um lugar dotado de abundância de valor patrimonial, cultural e natural, o seu verdadeiro carácter reside na transição que sofreu e na forma como esta ocorreu ao longo da sua existência.

Pretende-se assim, como objectivo, o estudo do espaço e da interação entre o objeto arquitectónico e o lugar, procurando relacionar ambos, de forma a entender a circunstância que decorre da sua execução, aquela que a condicionou, e de que forma esta surge como matéria da composição formal da organização do espaço.

Proceder ao estudo do lugar desde as suas primeiras raízes, não são objecto suficiente para compreender a sua composição formal. Para esse efeito, será estabelecida uma contextualização a nível nacional, numa época onde se instalava a tensão entre valores tradicionais e modernos, dos diferentes modelos presentes em intervenções contemporâneas aos planos efectuados pelo Arq. Fernando Távora para a Quinta da Conceição, cujo objectivo reside no entendimento do contexto cultural e social presente na época.

A metodologia escolhida consiste na análise, tanto de provas documentais como da prática projectual executada no âmbito do planeamento dos diferentes equipamentos públicos, assim como as obras que nestes se inserem, situados em três décadas distintas, 40's, 50's e 60's.

Ainda no mesmo contexto, é analisado o espaço atual do Parque Municipal da Quinta da Conceição, de forma a entender presencialmente, através da obra existente, as diferentes influências que nesta decorrem, no contexto nacional e internacional, por influência horizontal da obra de diferentes arquitectos.

Como objectivo final é procurado evidenciar a influência da verticalidade na organização do espaço atual, na obra construída e não construída do Parque Municipal da Quinta da Conceição, para perceber de que forma esta molda, através da circunstância que dela decorre, um novo edifício, numa diferente geração, a Escola de Dança.

Sabido que o espaço organizado sendo condicionado, torna-se ele também condicionante, procura-se expôr de que forma este novo equipamento, pertencendo à estrutura do parque e sendo por si só, elemento organizador do seu espaço, gera uma circunstância futura. Promovendo novas dinâmicas na utilização do espaço, futuras à sua execução.

Capítulo I
Revisão da Literatura

Foram analisados, no âmbito da revisão literária, vários tópicos que de alguma forma incentivaram uma melhor compreensão do tema em estudo. Para este efeito foi estabelecido um critério de seleção do qual decorreu a bibliografia apresentada.

Procurar-se-ia assim, base documental, onde a teoria subjacente à prática arquitectónica do arquitecto Fernando Távora relativamente ao espaço público, surgisse com carácter primário. Estabelecendo-se, como elemento base da presente dissertação, o livro “*Da Organização do Espaço*” Távora (2008), do qual surge o mote para o tema escolhido, e a base teórica para a fundamentação do objectivo final. Comprovar a influência, física e teórica, da circunstância na organização do espaço.

Na sequência da análise do espaço da Quinta da Conceição, foram procuradas diferentes fontes que de alguma forma contribuíssem para um melhor entendimento das diferentes transições ocorridas. Tratando-se este de um espaço já analisado por distintos autores, tais como, as provas académicas de Pinto (2011), num carácter histórico evolutivo do espaço conventual outrora presente; Lima (2012), analisando várias obras de Fernando Távora enquanto arquitecto do espaço público; Clementino (2013), que abarca uma contextualização teórica dos diferentes artigos, textos e ensaios de Távora, e de que forma estas experiências se reflectem na obra executada; será em Furtado (2015) encontrado o mais amplo e descritivo estudo da obra presente e planeada para a Quinta da Conceição, que serve como apoio fundamental ao estudo efetuado na presente dissertação.

Os documentos elaborados por Fernando Távora, tais como, memórias descritivas e justificativas para os distintos planos e edifícios na estrutura da Quinta surgem também com papel decisivo na fundamentação das ideias apresentadas. Não obstante, as monografias existentes relativas à obra do arquitecto, tais como, Trigueiros (1993) e Instituto Fundação Arquitecto José Marques da Silva (2015) permitem um aprofundamento das diferentes teorias apresentadas.

A análise aos casos de estudo reflectiu a aprendizagem das metodologias presentes na obra do arquitecto Keil do Amaral, adquirida através dos textos de Tostões (1992, 2013) que sintetizam as diferentes abordagens no planeamento dos dois equipamentos públicos estudados.

Relativamente à obra do arquitecto Álvaro Siza, para a piscina da Quinta da Conceição, foram usados como base às reflexões efetuadas, os livros de Trigueiros, Barata (1997) e Vieira (2009).

Capítulo II
O Parque Urbano



- Antigo Leito do Rio Leça
- Cerca Conventual
- Antiga rua de S. João

Figura 01
Cerca conventual e hipótese de implantação do Convento da Nossa Senhora da Conceição Esc. 1/5000 com base em Furtado (2015)

O objecto em estudo situa-se na União de Freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira, na Vila de Leça da Palmeira, encontrando-se voltado para a doca nº 2 do porto comercial de Leixões, situada no outrora vale do Leça. Os seus principais acessos são feitos pela Rua de Vila Franca a Norte e Nascente e pela Avenida Antunes de Guimarães a Sul.

Analisar o Parque Municipal da Quinta da Conceição sem primeiro focar a presente herança histórica, sendo esta indissociável das práticas arquitectónicas lá efectuadas, é algo imprescindível para compreender a sua evolução, tanto no contexto cultural como no contexto patrimonial. Para isso deve ser separada a abordagem através da qual analiso este espaço, em três fases. Uma anterior à intervenção do Arq. Fernando Távora, outra posterior e por fim a situação atual, permitindo assim um melhor enquadramento cronológico.

A Quinta da Conceição alberga ainda hoje fortes indícios da antiga ocupação, resultante das estruturas que a habitam numa simbiose natural, originando fortes ferramentas compositivas e valorizadoras do espaço em geral.

“O Parque foi um Convento de Frades que se instalaram ali no séc. XV e, depois, uma propriedade particular. Existiam a avenida, a capela, o claustro, os tanques e portanto havia já elementos que garantiam uma estrutura a manter.”¹

A estrutura a manter a que se refere o Arq. Fernando Távora, consiste nos elementos remanescentes da ocupação por parte de frades franciscanos que ali escolheram eriger ainda na denominada Quinta da Granja, um Convento, dedicado a Nossa Senhora da Conceição em 1478.

“ (...) D. Afonso V, esteve no Porto e foi ver a Quinta da Granja cedida pelo Mosteiro de Leça do Balio, local escolhido para a refundação da comunidade...”²

Os frades que se instalaram na Quinta da Granja abandonaram o Convento de S. Clemente das Penhas, onde se encontravam desde 1392, devido à escassez de recursos do local relacionada com a proximidade costeira.³

Já a Quinta da Granja reunia as condições necessárias para a instalação de um novo Convento dado que as circunstâncias acima referidas não se verificavam no Convento de S. Clemente das Penhas.⁴

¹ Trigueiros, L. (1993). Fernando Távora. Lisboa: Blau, (p. 66)

² Pinto, M. A. (2011). *O Convento da Conceição de Leça: espaço, administração e património 1673-1834*. (Dissertação de Mestrado em História e Património). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. (p. 25)

³ “ (...) este ‘convento’, não passava de um pobre e árido ermitério onde os frades viviam com dificuldades investidas do vento, do mar, escassez de água doce e de terras férteis, porém lá permaneceram 89 anos, (1392-1481), até à esperada mudança para um local mais atractivo.” Pinto, M. A. (2011). (p. 27)

⁴ “A Quinta da Granja com acesso directo ao rio, possuía pomares, vinhas e boas terras para o cultivo, uma propriedade tranquila, uma espécie de ‘paraíso na terra’...” Pinto, M. A. (2011). (p. 29)



Figura 02
Capela de S. Clemente das Penhas (2011). Leça da Palmeira

Figura 03
Capela de S. Francisco. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira



Figura 04
Claustro. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira

Figura 05
Portal Manuelino. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira

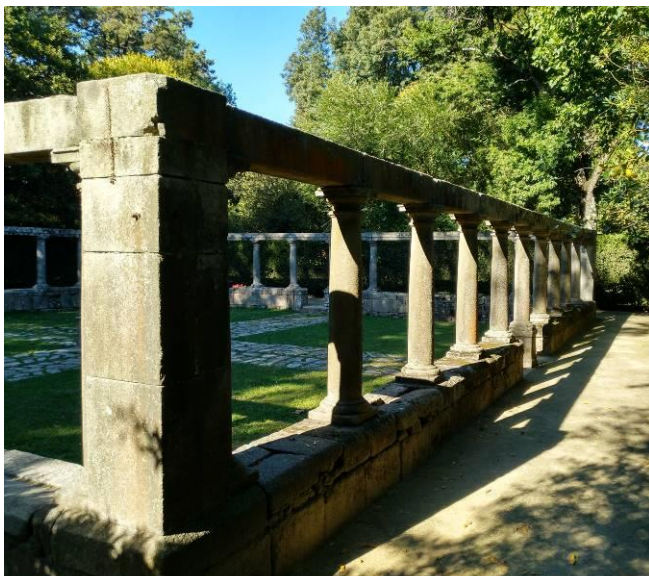


Figura 06
Claustro. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira

Figura 07
Alameda Vermelha. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira

Do outrora espaço conventual da Nossa Senhora da Conceição persistem, nos dias de hoje, entre outras estruturas de menor importância, a Capela de S. Francisco (Figura 03), única restante das quatro capelas⁵, o Portal de estilo manuelino (Figura 05) que terá pertencido à Igreja⁶, o Claustro (Figura 04 e 06) que embora não obedeça à traça original⁷ estará próxima desta e *per se* representa a estrutura conforme terá sido à altura, a avenida que comunicava as diferentes estruturas e por fim tanques destinados à irrigação cuja principal função era apoio ao lavradio.

A atual Alameda de S. João corresponderia à Rua de S. João, segundo Furtado (2015) “*A alameda vermelha era antes a rua de S. João, uma das duas ruas mais referidas nos inventários do convento.*”

Após a extinção do convento da Nossa Senhora da Conceição em 1834 a estrutura da qual se constituía foi vendida em hasta pública no ano de 1837,⁹ pelo que do espaço conventual outrora existente, pouco resta.

“Este passado que não deve esquecer-se, mantem-se vivo no espírito da Quinta, talvez na Alameda da Fonte de S. João, talvez no que resta do que outrora foi um Claustro, talvez na memória de Frei João da Póvoa, talvez ainda na sombra de qualquer velho castanheiro que conheceu os últimos frades.”¹⁰

A encomenda para um novo Parque Municipal surge em 1956 no âmbito das obras de aumento do porto comercial de Leixões. À data, os terrenos da Quinta da Conceição e de Santiago pertenciam à Administração dos Portos do Douro e Leixões (APDL) tendo a Câmara Municipal de Matosinhos proposto arrendar parte do terreno para a criação de um novo “*parque de recreio e diversões.*”¹¹

⁵ “Pela cerca, espalhavam-se, num raio próximo do claustro e da igreja quatro capelas: Capela de S. Francisco, Capela dos Navegantes ou Necessidades, Capela de S. Roque e Capela da Porciúncula servindo de acesso a fiéis e aos frades quando passeavam pelas ruas do convento.” Pinto, M. A. (2011). (p. 33)

⁶ “A igreja do convento da Conceição de Leça era composta pela capela-mor, dois altares laterais, três capelas do lado do evangelho e coro no andar superior.” Pinto, M. A. (2011). (p. 40)

⁷ A estrutura do Claustro presente na Quinta da Conceição terá sido reconstruída e realocada, não se sabendo exactamente a sua posição original.

Com base em:

- Pinto, M. A. (2011). *O Convento da Conceição de Leça: espaço, administração e património 1673-1834*. (Dissertação de Mestrado em História e Património). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. (p. 42)

⁹ “O convento de Nossa Senhora da Conceição de Leça foi, assim, acometido pela ideia de supressão, em 1822, justificada pelo facto deste se situar perto do Convento de S. Francisco do Porto e ser considerado campestre. (...) o convento franciscano de Leça conseguiu manter alguma vitalidade, albergando des religiosos moradores, até ao decreto de extinção publicado a 30 de Maio de 1834 (...) A 12 de Dezembro de 1837 todos os bens do convento foram vendidos em hasta pública, à excepção da Igreja, que foi comprada pela paróquia de Leça da Palmeira, sendo o restante adquirido por privados.” Furtado, J. C. (2015). (p. 31)

¹⁰ Távora, F. (1956). *Memória Descritiva, Ante-Projecto do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição*. (p. 3)

¹¹ Pinto, M. no livro *Fernando Pinto de Oliveira... um homem além de seu tempo* diz “[o] senhor presidente lembrou que seria de grande interesse a Câmara – ou Comissão de Turismo – tomar de arrendamento uma parte da Quinta da Conceição, que se destinaria a parque de recreio e diversões, cujo contrato seria feito com a Administração dos Portos do Doro e de Leixões.” (cit. in Furtado, 2015)

Legenda:

- 1 Entradas
- 2 Courts de Ténis
- 3 Bancada e Balneários
- 4 Capela
- 5 Claustro
- 6 Biblioteca-Museu
- 7 Piscina
- 8 Balneários
- 9 Parque Infantil
- 10 Piscina para crianças
- 11 Teatro ao ar livre
- 12 Camarins e anexos
- 13 Casa do Guarda

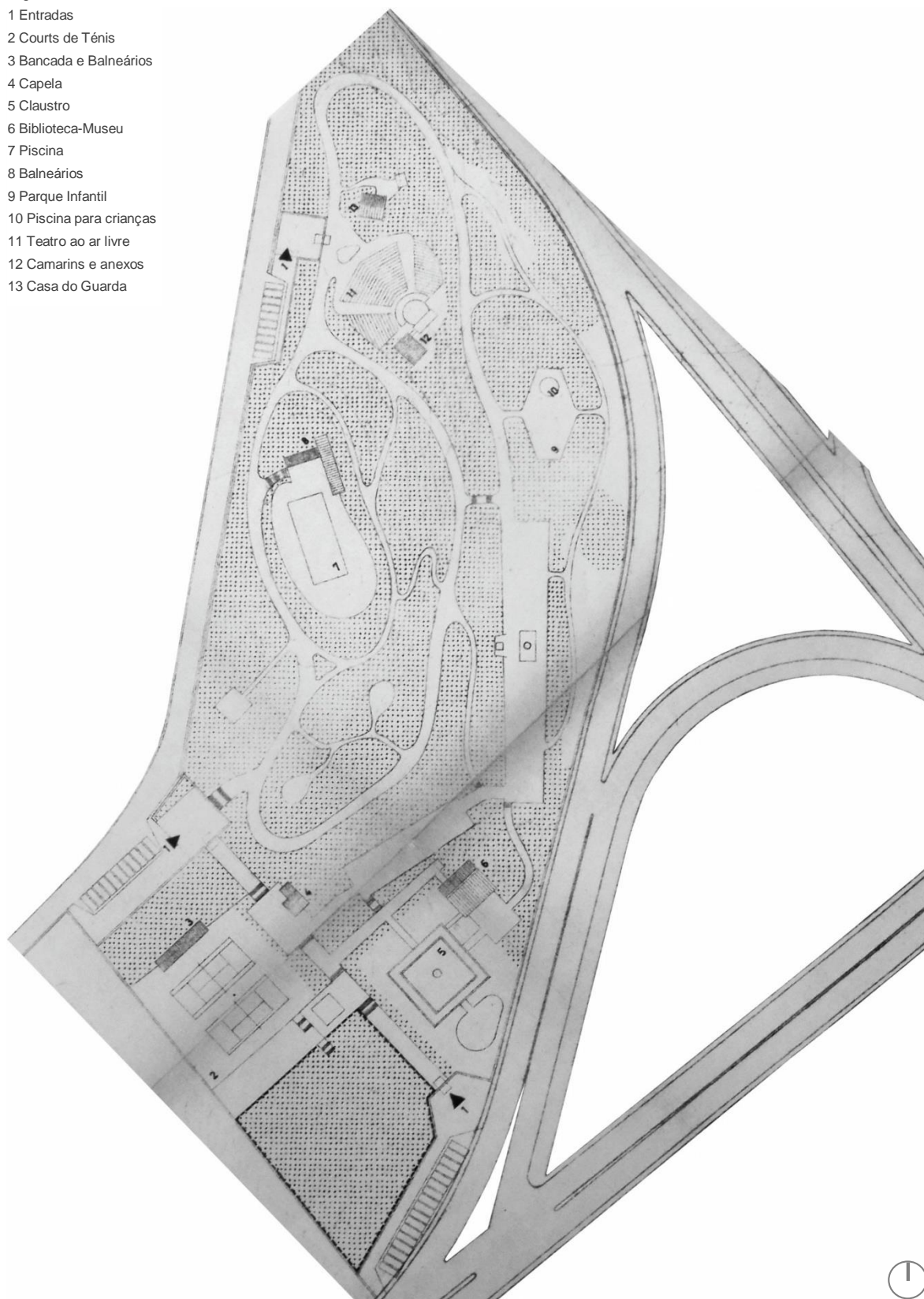


Figura 08

Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Ante-Projecto (1956). Fernando Távora, Leça da Palmeira. Sem escala. Com base em Furtado (2015)

“(…) a Quinta da Conceição assiste neste momento à realização dos trabalhos de construção da nova doca do Porto de Leixões, trabalhos que não prejudicando a melhor parte da Quinta (sob o ponto de vista paisagístico e de recreio), antes a valorizam sobretudo no que se refere ao sistema viário projectado (…) ficando a Quinta deste modo, ainda mais próxima do centro da Vila”¹²

O arquitecto Fernando Távora, com o apoio dos seus colaboradores, Álvaro Siza Vieira, Alberto Neves, Francisco Figueiredo, José Pacheco e Vasco Cunha, desenvolveu o projeto, cujas obras duraram cerca de 4 anos (até 1960).

Para o Anteprojecto do Parque Municipal da Quinta da Conceição foram estabelecidas diversas estratégias, pressupondo o arranjo do espaço da Quinta, assim como do seu sistema viário existente e programado. Para ali projectaram-se novos equipamentos, entre os quais, “(…) dois “2Courts” de Ténis e de um Parque Infantil, a adaptação de uma Piscina para uso público e a construção de um Teatro ao ar livre e de uma Biblioteca-Museu; (…) “. Távora (1956).

“Não se encontram ali dimensões grandiosas, nem vastíssimos panoramas; nem edifícios de grande qualidade artística, mas certamente não será difícil sentir-se ali um encanto muito especial que resulta não apenas das razões apontadas mas também do que ainda resta do passado “religioso” do lugar, outrora ocupado por humildes e pobres Franciscanos que aí tinham o seu convento.”¹³

“Foi um dia tornada pública uma notícia de grande interesse, referente ao destino que ia ser dado à famosa Quinta da Conceição em Matosinhos. Entregue à Câmara Municipal essa quinta de tão longas e tão firmes tradições, que, de 1481 a 1834, foi pertença e residência dos frades de S. Clemente das Penhas e teve ainda a denominação de Quinta da Granja antes de ser moradia particular, ia ser agora transformada em parque público.”¹⁴

¹² Távora, F. (1956). *Memória Descritiva, Ante-Projecto do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição*. (p. 1)

¹³ Távora, F. (1956). *Memória Descritiva, Ante-Projecto do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição*. (p. 3)

¹⁴ Jornal Notícias (1957), “*Está em construção no concelho de Matosinhos um parque maravilhoso e sem igual no País*”

Legenda:

- 1,2,3 Entradas
- 4 Pavilhão de Tênis
- 5 Courts de Tênis
- 6 Rinque de Patinagem
- 7 Capela e Sacristia
- 8 Museu
- 9 Piscina
- 10 Pavilhão da Piscina
- 11 Parque Infantil
- 12 Piscina Infantil
- 13 Pavilhão do parque infantil
- 14 Instalações Sanitárias
- 15 Teatro ao ar livre
- 16 Camarins e anexos
- 17 Casa do Guarda



Figura 09
Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1957). Fernando Távora,
Leça da Palmeira. Sem escala. Com base em Furtado (2015)

A preocupação de Távora pela “memória” do lugar surge evidente na sua proposta do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição. O respeito pelos elementos que decorrem do passado de cariz religioso lê-se, em especial, no cruzamento feito entre o existente e a modernidade que surge da sua intervenção.

Segundo Furtado (2015) *“A Quinta da Conceição, antes do projecto de intervenção de Távora, encontrava-se totalmente desconfigurada relativamente aos percursos e espaços.”*. Para este efeito são ligados, através de eixos primários e secundários “caminhos”; as diferentes zonas presentes na Quinta, estabelecendo uma lógica distributiva e criando uma série de momentos ou acontecimentos que resultam do cruzamento de diferentes eixos. Destes, por vezes, resultam espaços tais como adros ou pátios “locais de contemplação”, tanto de estruturas existentes como da obra construída, encontrando-se pontualmente elementos compositivos tais como estatuária, bancos, portais e fontanários, que caracterizam os espaços com uma linguagem muito própria.

Relativamente aos diferentes acessos à Quinta, o vocabulário¹⁵ é mantido existindo um diálogo entre a natureza construída e a natureza local. A transição não é feita de uma forma imediata sendo estabelecido um espaço que recebe e encaminha o visitante.

Os equipamentos previstos no plano geral na fase de Anteprojecto (1956) (Figura 08) são dispostos de forma a respeitar a topografia da Quinta e a enquadrar a estrutura pré-existente. Segundo Távora (1956) *“Parece-nos correcta a localização que foi dada às instalações previstas no Programa, localização quási fatal, pode dizer-se, atendendo por um lado às exigências próprias de cada um desses elementos e, por outro, às condições que a Quinta apresenta.”*

“Matosinhos, que tantos encantos naturais possui já a dar-lhe um apreciável valor turístico, vai ter esta inestimável obra a guindá-la a alturas que outras terras invejarão e (oxalá!) procurarão atingir. O seu Parque Municipal será, disso estamos seguros, um atractivo de excepcional valia e de importância tal que, por si só, constituirá um motivo turístico não apenas da vila e do concelho, que se ufanarão, justificadamente, de o possuir, mas até de todo o Norte do País.”¹⁶

¹⁵ “ (...) a construção de um vocabulário formal, onde são experimentadas diferentes atitudes e formas de intervir, desde o reaproveitamento de estruturas existentes à continuação de fragmentos, Távora confronta os vestígios da ruína que não informam sobre a totalidade do corpo que constitui a obra antes do estado de ruína.” Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, (2015). *Sobre o Projeto-de-Arquitetura de Fernando Távora*. (p. 206).

¹⁶ Jornal Notícias (1957), *“Está em construção no concelho de Matosinhos um parque maravilhoso e sem igual no País”*

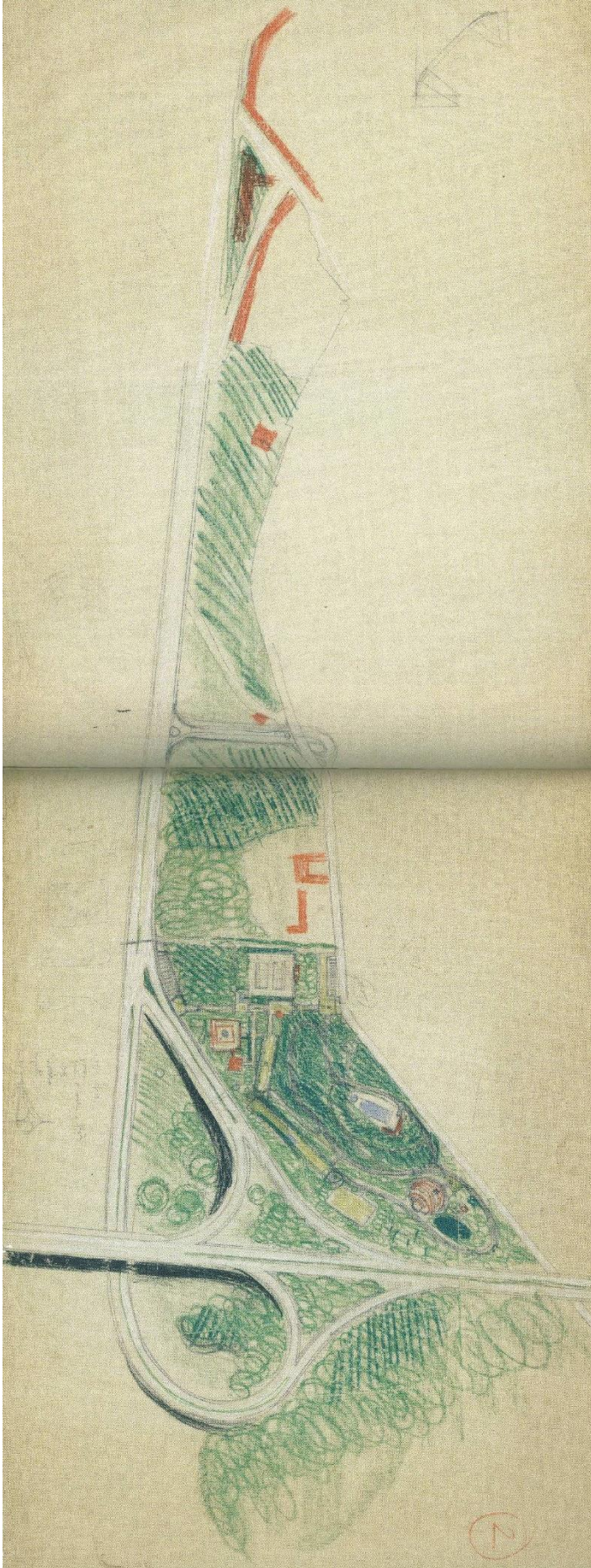


Figura 10
Esquisso do Conjunto da Quinta da Conceição e
Quinta de Santiago
Leça da Palmeira. Sem data. Sem escala

Numa fase posterior, através da proposta presente no Plano Geral (1957) (Figura 09), foram introduzidas mudanças, consistindo em afinações relativamente ao Plano Geral anterior, Anteprojecto (1956). Essas verificaram-se nos traçados e acessos. Foi também pensado a introdução de um novo equipamento “Rinque de Patinagem” assim como a alteração dos edifícios já existentes na fase de Anteprojecto.

Existe também, na memória descritiva do projecto, uma breve referência para a necessidade de integrar mais tarde no Parque um equipamento destinado a restauração.

A mais impactante mudança reflecte-se no exterior do Parque, tendo o arranjo do nó viário a Nascente, sofrido remodelação ao abrigo do Plano Regulador do Espaço Portuário, que, segundo Távora (1957a) “ (...) não deixará por certo de encontrar para êle uma correcta solução, evitando-se dêsse modo o perigo que a Quinta possa constituir, como então foi afirmado, ‘um oásis de harmonia no meio dum deserto caótico’.”¹⁷

Nos dias correntes, o Parque Municipal da Quinta da Conceição surge como um elemento isolado da frenética envolvente circundante. É um espaço de recreio e de lazer, exercendo precisamente as funções que lhe foram incutidas na intervenção do arquiteto Fernando Távora. Um parque urbano particular, onde o passado se cruza com o presente e, aproveitando o pensamento de Távora, um género de “oásis” no deserto que é a cidade de hoje.

Assim como a “memória” presente no local aparece fragmentada, o projecto de Távora para o Parque nunca foi totalmente executado. Apenas alguns dos equipamentos previstos, traçados e outras estruturas secundárias foram construídos. Hoje, o Pavilhão de Ténis, os Courts de Ténis e a Piscina Municipal da autoria do Arq. Álvaro Siza Vieira surgem como os principais elementos compositivos da estrutura da Quinta, de mãos dadas com a herança histórica do local.

A cada percurso pelo espaço, podemos deparar-nos com a história, antepassada “religiosa” e a de Távora, que por tão bem captar o “espírito do lugar” ali fez nascer um dos mais belos exemplos da Arquitectura Portuguesa.

“Na realidade é preciso defender, insistentemente, a todo o custo, os valores do passado, mas é preciso defendê-los com uma atitude construtiva, reconhecendo tanto a necessidade que temos deles e aceitando a sua actualização, bem como fazendo-os acompanhar de obras contemporâneas.”¹⁸

¹⁷ Távora, F. (1957). *Memória Descritiva, Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição*. (p. 3)

¹⁸ Távora, F. (1962). *Da Organização do Espaço*, FAUP publicações, (2006)

VIII	1951	Hoddesdon, Inglaterra	relatório do Congresso, publicado por Jacqueliye Tyrwhitt, José Luis Sert e Ernest N. Rogers	O coração da cidade – centro cívico e representativo da cidade moderna, para além do que foi exclusivamente atribuído aos centros históricos antigos.	O Coração da cidade (The Heart of the City)
IX	1953	Aix-en-Provence, França	Alison e Peter Smithson, Aldo van Eyck ...	HABITAT - Crítica ao formalismo da Carta de Atenas. Reclama-se para a resolução do tema do Habitat, a introdução do conceito de Identidade, de acordo com os princípios estruturais de crescimento urbano.	A Carta da habitação (The Charter of Habitat) ; Le Corbusier deixa os CIAM em 1955
X	1956	Dubrovnik-Jugoslávia	TEAM X: fim dos CIAM; Jaap Bakema, Georges Candilis, Giancarlo De Carlo, Aldo van Eyck, Alison e Peter Smithson e Shadrach Woods	Habitat humano – relação precisa entre forma física e necessidade social e psicológica das pessoas. Diversidade de modelos sociais e culturais: Identidade, modelo de associação e vizinhança. A complexidade da vida urbana. A crítica desta equipa à Carta de Atenas centrava-se na abstração da mesma, defendendo ser necessário caracterizar alguns temas como o habitar.	Team X Habitat: Giedion, Sert, Gropius e Le Corbusier, embora sem cooperar com o Congresso, fizeram duras críticas contra o Team X. Foram também importantes, particularmente: Josep Coderch, Ralph Erskine, Amâncio Guedes, Rolf Gutmann, Geir Grung, Oskar Hansen, Reima Pietila, Charles Polonyi, Brian Richards, Jerzy Soltan, Oswald Mathias
XI Team X	1959	Otterlo, Holanda	Team 10	Fim dos CIAM, no entanto, mantêm-se as reuniões internacionais de arquitetura.	1959, a lendária organização chegou ao fim

Figura 11

Lista de CIAM decorridos na década de 50 dos quais Távora participa juntamente com o grupo português dos CIAM

“Entre 1951 e 1959, participou, nos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna (CIAM) de Hoddesdon, Aix-en-Provence, Drubovnik e Otterlo, juntamente com Viana de Lima e o grupo português dos CIAM, onde conheceu, entre outros, Le Corbusier, Lúcio Costa e Óscar Niemeyer, participando ainda na Conferência Internacional de Artistas da Unesco de Veneza, nos UIA, entre outros.”²²



Figura 12

O Problema da Casa Portuguesa, Fernando Távora, 1945 (1º texto)

Figura 13

Capa do Inquérito da Arquitectura Popular Portuguesa, (1ª Edição 1960), 2ª Edição

²² Lima, S. R. (2012). *Fernando Távora e o Espaço Público Português*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura). Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto. (p. 63)

“Os parques urbanos são espaços livres, constituídos fundamentalmente por áreas ajardinadas entre as quais se intercalam passeios, áreas de repouso e de recreio, miradouros, lages, fontes, estátuas, monumentos comemorativos e construções diversas. É neste contexto que se insere a intervenção urbanística do Parque e Pavilhão da Quinta da Conceição, um amplo espaço verde paralelo ao rio Leça”¹⁹

É segundo esta premissa que pretendo analisar os seguintes casos de estudo, o Parque Florestal de Monsanto e o Jardim do Campo Grande ambos da autoria do Arq. Francisco Keil de Amaral, com o objectivo de identificar similaridades em questão de programa e estrutura no Parque Municipal da Quinta da Conceição.

A escolha destes exemplos teve em conta o período em que se inserem, a estrutura geral, a identidade do espaço e o programa que neles consta.

Também será relevante o facto de Keil do Amaral e Fernando Távora se relacionarem no que toca à cultura ideológica subjacente à prática arquitectónica à época, sendo que os arquitetos são contemporâneos. Segundo Trigueiros, (1993) “*A inquietação resultante da sua educação e formação levarão F. Távora então com vinte e quatro anos, a redigir O Problema da Casa Portuguesa, na sequência, aliás de preocupações semelhantes às de Keil do Amaral (...)*”.

Estas preocupações consistiam numa tomada de posição, relacionada com a “*necessidade de um conhecimento da realidade portuguesa, como condição indispensável a uma projecção moderna e simultaneamente enraizada (...)*” Trigueiros, (1993)

“Entre 52 e 58 F. Távora insistirá numa perspectiva teórica, na necessidade dum profundo enraizamento da nova arquitectura como condição necessária à sua modernidade, o que pressuporia a sua capacidade para traduzir as especificidades da realidade portuguesa, logo ilustradas no Inquérito, e balanceará dialogantemente o seu posicionamento entre a defesa dos valores da cultura e da arquitectura internacional e a dos da espontaneidade e da construção local, em consonância com o ocorrido nos CIAM realizados na década de 50, onde se defende a revisão do Movimento Moderno numa óptica que não ignore os valores regionais.”²⁰

No mesmo período (1952 a 1958), contemporâneo à elaboração do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Távora, assume uma atitude dialogante, posicionando-se numa vertente racionalista e crítica.

“Daí que se o seu desenho é desde logo sensível às obras contemporâneas dalguma forma ‘regionalizadas’ de um Le Corbusier de Chandigarh, de um E. G. Asplund ou de um A. Aalto, acusa, por outro lado, uma enorme sensibilidade aos valores arquitectónicos das nossas tradições locais e, até, de culturas exóticas coloniais”²¹

¹⁹ Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, (2015). *Sobre o Projeto-de-Arquitetura de Fernando Távora*. (p.204)

²⁰ Trigueiros, L. (1993). *Fernando Távora*. (p. 19)

²¹ Távora, F. (1993). *Fernando Távora: Percorso – A Life Long Trail*. Centro Cultural de Belém, Lisboa. (p. 15)

KEIL DO AMARAL, *RELATÓRIO DUMA VIAGEM DE ESTUDO*, Agosto de 1939
(Arquivo do D.S.U.-C.M.L.)

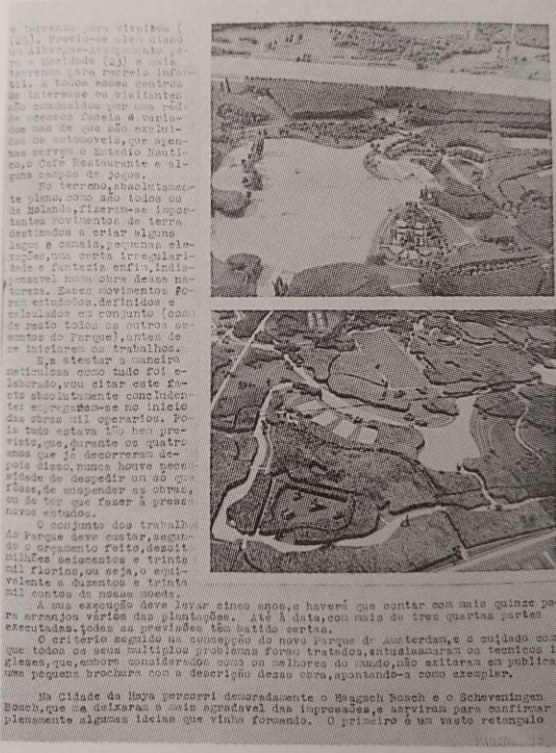


Figura 14
Relatório duma Viagem de Estudo, Keil do Amaral, Agosto 1939. (Arquivo do D.S.U.-C.M.L.)

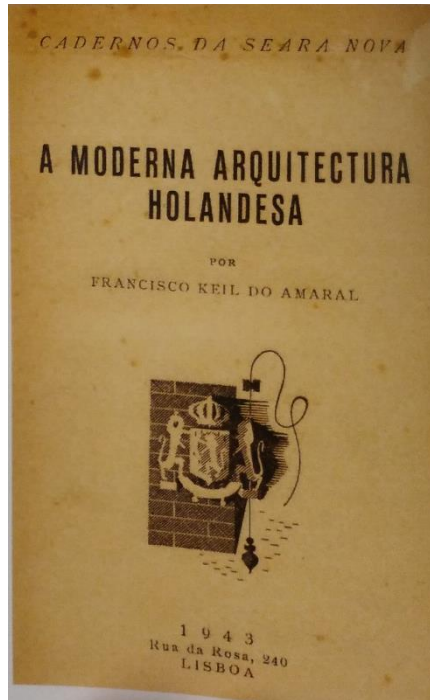


Figura 15
A Arquitectura e a Vida, Francisco Keil do Amaral. Lisboa, Edição de 1942. Biblioteca Cosmos

Figura 16
A Moderna Arquitectura Holandesa, Francisco Keil do Amaral, Lisboa, 1943. Cadernos Seara Nova

Já Keil do Amaral, segundo Tostões, (2013);

“Consciente da necessidade de uma investigação para o caminhar da Arquitectura moderna, (...) acredita numa Arquitectura funcional, ‘feita para servir mais do que para agradar’, com raízes nas muitas e valiosas lições da Arquitectura regional.”. Sendo para isso necessário “descer ao fundo do problema de forma sistemática e científica, criando as bases de uma análise objectiva da Arquitectura popular e entendendo a tradição numa perspectiva ‘honesto, viva e saudável’”.

Para este efeito Keil afirma que seria necessário;

“ (...) combater a abusiva importância da especulação, do negócio’ quando importava sobretudo ‘Olhar muito e muitas vezes para o sítio onde se pretende construir e para as suas imediações’. O segredo da desejada continuidade com a paisagem, com o sítio, estava em ‘apreender-lhe o carácter e respeitá-lo; descobrir-lhe as possibilidades e explorá-las. Não introduzir os edifícios nos terrenos, nem os conceber ‘com o emprego da força’, o que equivale assim a dizer: sem ideias pré-concebidas; sem forçar as circunstâncias e as soluções naturais. Preocupar-se mais e com mais humildade em fazer uma Arquitectura certa, justa, adequada do que em fazer ‘Arquitectura Moderna’ ou ‘Arquitectura Tradicionalista’.”²³

Relativamente à influência de estilos ou modelos internacionais no planeamento dos Parques, Keil do Amaral realiza várias viagens pela Europa no Verão de 1939 com o objetivo de “*colher elementos para o bom andamento dos trabalhos.*”²⁴

“No final dos anos 30 realiza diversas viagens pela Europa. A Arquitectura holandesa entusiasma-o fortemente, marcando a sua postura e a sua produção futuras. (...) Apaixonado em particular pela arquitectura de Dudok (1884-1974), que visita em 1937, as suas obras começam a manifestar estas influências (...) Neste contexto realiza a partir de 1938, ano que ingressa no Município lisboeta então sobre a presidência de Duarte Pacheco, os planos e diversos equipamentos para os parques de Lisboa (Parque Florestal de Monsanto, Parque Eduardo VII e Jardim do Campo Grande).”²⁵

Desta viagem, segundo Tostões (1992);

“De Paris recolherá o encanto dos pequenos Parques, (...) para Keil, a fonte mais significativa de inspiração parece estar nos bosques dos arredores: Vèrrieres e Fontainebleau. (...) É, no entanto, na Alemanha e, sobretudo, na Holanda que recolhe os ensinamentos mais úteis, visitando parques e bosques criados recentemente que apresentam semelhanças com o caso de Monsanto.”

Visitando o Bosque de Amesterdão na Holanda, um grande parque de 900 hectares, Keil observou a sua execução e o seu planeamento, na forma como era projetado e na orientação dos trabalhos, “*salientando a pluridisciplinaridade das equipas, o planeamento do projecto, o faseamento da obra e a divulgação pública do bosque.*”²⁶

²³ Tostões, A. (2013). *Francisco Keil de Amaral*. (p. 17, 18)

²⁴ Tostões, A. (1992). *Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande*. KEIL DO AMARAL, *Arquitecto dos Espaços Verdes de Lisboa*. (p. 44)

²⁵ Tostões, A. (2013). *Francisco Keil de Amaral*. (p. 11, 12)

²⁶ Tostões, A. (1992). *Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande*. KEIL DO AMARAL, *Arquitecto dos Espaços Verdes de Lisboa*. (p. 46)

Para Távora, a manifestação contemporânea só seria autêntica sendo moderna; e, moderna, seria quando entre esta e a vida, se estabeleceria uma relação perfeita. “ (...) o ‘estilo’ não conta; conta, sim, a relação entre a obra e a vida; o estilo é o resultado dessa relação.”²⁷

“Os meus grandes mestres foram os praticantes da arquitectura popular portuguesa (marca de que de resto encontramos como uma espécie de *gaucherie* ou de traição nas melhores obras da arquitectura erudita portuguesa) por um lado, e por outro lado o nosso querido Le Corbusier, com todos os seus defeitos, as suas racionalidades e não diria irracionalidades mas arracionalidades não no seu internacionalismo, mas como criador espantoso fortissimamente apoiado numa tradição, capaz de manobrar as grandes ideias da arquitectura (...) É um pouco nesta complementaridade que encontro as minhas referências (...)”²⁸

A ideia da tradição e o condicionalismo que esta cria; na geração de circunstância e fenomenalidade, surgem como meios de trabalho para a contextualização com o meio e com o homem.

“A importância dada ao condicionalismo, como vase de uma atitude realista e de serviço, é entendida e tem sido frequentemente defendida por F.T. como importante na formação do arquitecto chamado a trabalhar num meio contraditório como é o nosso. (...) ora o condicionalismo (pode ser) aceite assim no plano do ‘aonde’ as obras são e, logo, ‘para quem são’, e noutros casos também do ‘por quem podem ser construídas’.”²⁹

Já segundo Furtado (2015) “*necessidades análogas à casa e o trabalho no Inquérito podem ter contribuído para a linguagem e o pensamento subjacentes ao projecto do parque da Quinta da Conceição, no sentido em que Távora deambolou entre a arquitectura vernacular, estudada no Inquérito, e a arquitectura moderna, experienciada nos CIAM, entre o local e o internacional.*”.

Távora partilha ainda a influência da presença nos CIAM, e possivelmente do pensamento de Van Eyck, relativamente ao Team X do qual fazia parte.

“The kind of development we wanted was just a richer functionalism. We were functionalist architects, then: We were for functionalism, for a more inclusive functionalism, which could include the past and learn from thousands of years of experience people had in building.”³⁰

²⁷ Távora, F. (1953) “Resposta a um inquérito: Que pensa do desenvolvimento actual da nossa arquitectura”, in *Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação*, nº 3/4 (p. 71). Cit. In Lima, S. R. (2012). *Fernando Távora e o Espaço Público Português*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura). Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto. (p. 77)

²⁸ Távora, F. “A arquitectura é o dia a dia”, *Boletim da Universidade do Porto* (p. 47). Cit. In Lima, S. R. (2012). *Fernando Távora e o Espaço Público Português*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura). Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto. (p. 77)

²⁹ Portas, N. (1961) “Arquitecto Fernando Távora”, *Arquitectura*, nº 71 (p. 22). Cit. In Lima, S. R. (2012). *Fernando Távora e o Espaço Público Português*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura). Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto. (p. 81)

³⁰ Eyck, A. V. (1999), *Entrevista por Cíelia Tuscano* Cit. In Delecave, J. (2011), *Identidade e subjetividade na obra de Fernando Távora: o segundo Pós-Guerra e a Quinta da Conceição*. 9.º seminário docomomo brasil. Interdisciplinariedade e experiências em documentação e preservação do património recente. Brasília.

“O projecto do Parque Florestal de Monsanto resulta da transferência para a periferia do grande parque da cidade de Lisboa e revela um novo entendimento da questão de espaços verdes urbanos integrados na escala vasta da área metropolitana de expansão da cidade. Regressando da viagem aos parques da Europa, Francisco Keil do Amaral considerava certa a opção de criar ‘um bosque natural e selvagem com centros de interesse para todas as classes da capital na Serra de Monsanto’”³¹



Figura 17
Planta do Parque Florestal de Monsanto, Keil do Amaral. Lisboa. Sem data. Sem escala

³¹ Tostões, A. (2013). *Francisco Keil de Amaral*. (p. 33)

O arquitecto Keil do Amaral desenvolve o plano geral e os projetos dos equipamentos para o Parque Florestal de Monsanto (Figura 17) após ter iniciado, em Fevereiro de 1938, a sua atividade no Município de Lisboa.

Este plano geral consiste na divisão e faseamento das obras do Parque, em seis zonas operacionais, nas quais decorreram ampliações devido a expropriações promovendo assim a expansão da área total, segundo Tostões (1992) “ (...) em Dezembro de 1943, o Parque Florestal da Cidade definia-se em toda a sua extensão (...) ”.

Para este parque, apesar da sua dimensão, procurava-se uma imagem simples, “*humilde no espírito como a terra portuguesa*”.³² A imagem de um bosque, aliando a natureza no seu estado primordial à natureza construída, como o que acontecia no Parque Municipal da Quinta da Conceição.

O arquitecto tirou partido das condições naturais existentes, as vistas, o traçado e estruturas tais como fortes e moinhos, representando a memória do lugar. Para este efeito foram construídos miradouros que permitiam enriquecer os percursos e contemplar as vistas desafogadas.

Estes elementos evocam na memória os pátios criados pelo Arq. Távora na Quinta da Conceição, sendo clara a mudança de um contexto introspectivo da contemplação de uma capela ou claustro para a de abertura da paisagem e do vasto manto florestal.

Em matéria de traçados procurava-se evitar o acesso automóvel, predominando assim percursos pedonais que procuravam tirar partido “*das árvores mais belas, por acidentes interessantes, por diversos pontos de vista (...)*”.³³

Para o Parque foram planeados diversos equipamentos, entre os quais e de maior relevo, o Miradouro de Montes Claros e Casa de Chá (1939-1940) (Figura 18), esta última que em 1949 foi convertida no Restaurante do Miradouro de Montes Claros.

³² Tostões, A. (1992). *Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande. KEIL DO AMARAL, Arquitecto dos Espaços Verdes de Lisboa.* (p. 54)

³³ Tostões, A. (1992). *Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande. KEIL DO AMARAL, Arquitecto dos Espaços Verdes de Lisboa.* (p. 56)

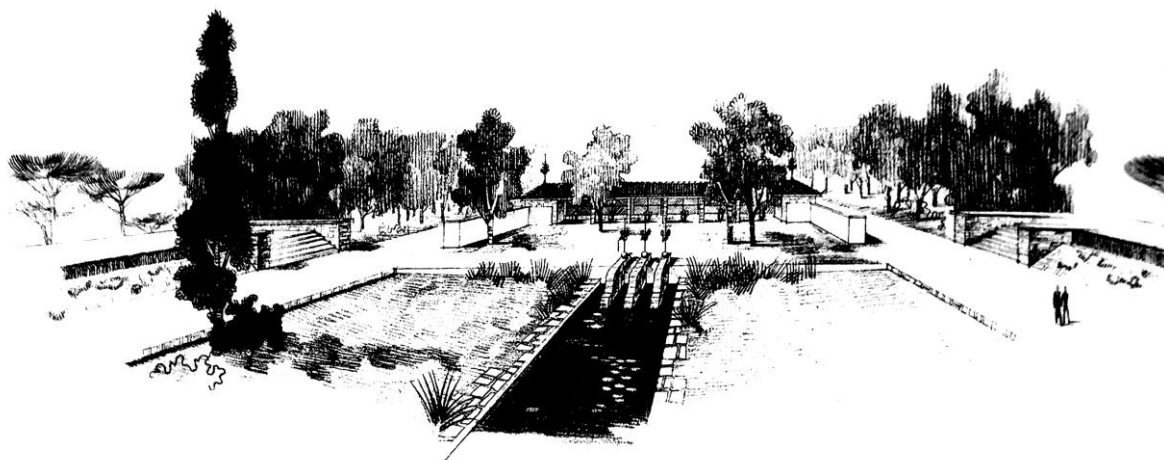


Figura 18
Miradouro de Montes Claros e Casa de Chá,
Parque Florestal de Monsanto. Lisboa

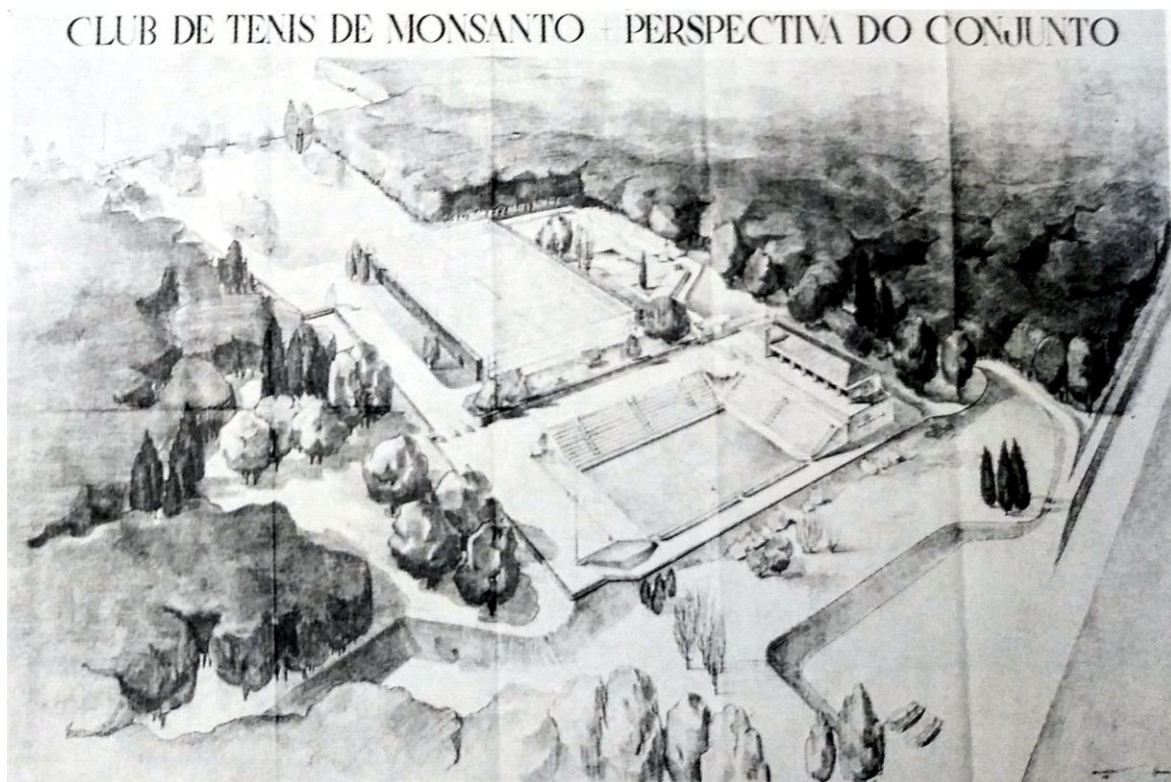


Figura 19
Perspectiva do Clube de Ténis e Pavilhão Desportivo de
Monsanto, Parque Florestal de Monsanto. Lisboa

Em 1948 foi concluído o Clube de Ténis (Figura 19), onde o arquiteto procura uma relação entre o moderno e tradicional, atento à “terceira via”³⁴. Este equipamento, embora anterior ao Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição, surge com um programa semelhante, atendendo a preocupações semelhantes às consideradas por Távora; o respeito pelo lugar, pela sua topografia e pelo contexto local. Estas são apenas algumas das premissas que Keil do Amaral pretende atingir com o projeto para este equipamento. A planta de formato rectângular, a cobertura de uma água, os muros em pedra e os seus dois pisos são outros factores que se podem identificar em ambas os edifícios.

Ainda integrado na mesma fase do Clube de Ténis, é programado um Centro de Desportos e o Parque Infantil do Alvito, que segundo Tostões, A. (1992) “*A escolha deste tipo de equipamentos é uma inovação no panorama nacional (...)*”.

Tal como acontece na intervenção do Parque Municipal da Quinta da Conceição, o Parque Florestal de Monsanto assiste à não realização de alguns dos equipamentos programados, pelo que, em semelhança com a última, nunca chegaram a ser construídos, o Teatro ao Ar Livre (1943-1948) (Figura 20) e um Restaurante Panorâmico (1959) (Figura 21).

Relativamente ao Teatro, este tratava-se de um edifício inovador para a época, cuja capacidade total rondava oito mil pessoas.

Por fim, o Restaurante Panorâmico (1959) foi o último a ser projetado para o Parque, consistindo num jogo de plataformas que se adaptariam ao declive, tirando proveito de uma situação privilegiada, numa cota superior. O edifício abre-se para um terraço panorâmico destinado à esplanada que tira proveito das vistas.

Em 1967 assiste-se à elaboração do Anteprojeto para um Restaurante no Parque Municipal da Quinta da Conceição da autoria do Arq. Fernando Távora, que, não obstante claras diferenças no que toca à sua planta e linguagem compositiva, podemos ler intenções semelhantes, no conteúdo programático que estes equipamentos albergam.

Existem também paralelismos relativamente ao enquadramento e disposição no lugar, sendo que ambos edifícios ocupam os pontos de cota mais alta do lugar onde se propõem.

Curiosamente, alguns dos equipamentos programados não construídos no Parque Florestal de Monsanto; o Restaurante Panorâmico e o Teatro ao Ar Livre repetem o mesmo desfecho no Parque Municipal da Quinta da Conceição.

³⁴ “*Eu defendia neste texto [O Problema da Casa Portuguesa] o que se chamava a terceira via, no sentido de uma evolução da arquitectura moderna com capacidade de identificação com o tradicional (...) que reconhecia a incapacidade dessa arquitectura para resolver alguns problemas, não só em termos de construção (...) Resumindo a minha postura, o problema era procurar aquilo que eu chamaria uma arquitectura realista.*” Távora, F. (2013). Cit. In Clementino, L. L. (2013). *De O Problema da Casa Portuguesa ao Da Organização do Espaço*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura), Departamento de Arquitectura FCTUC.

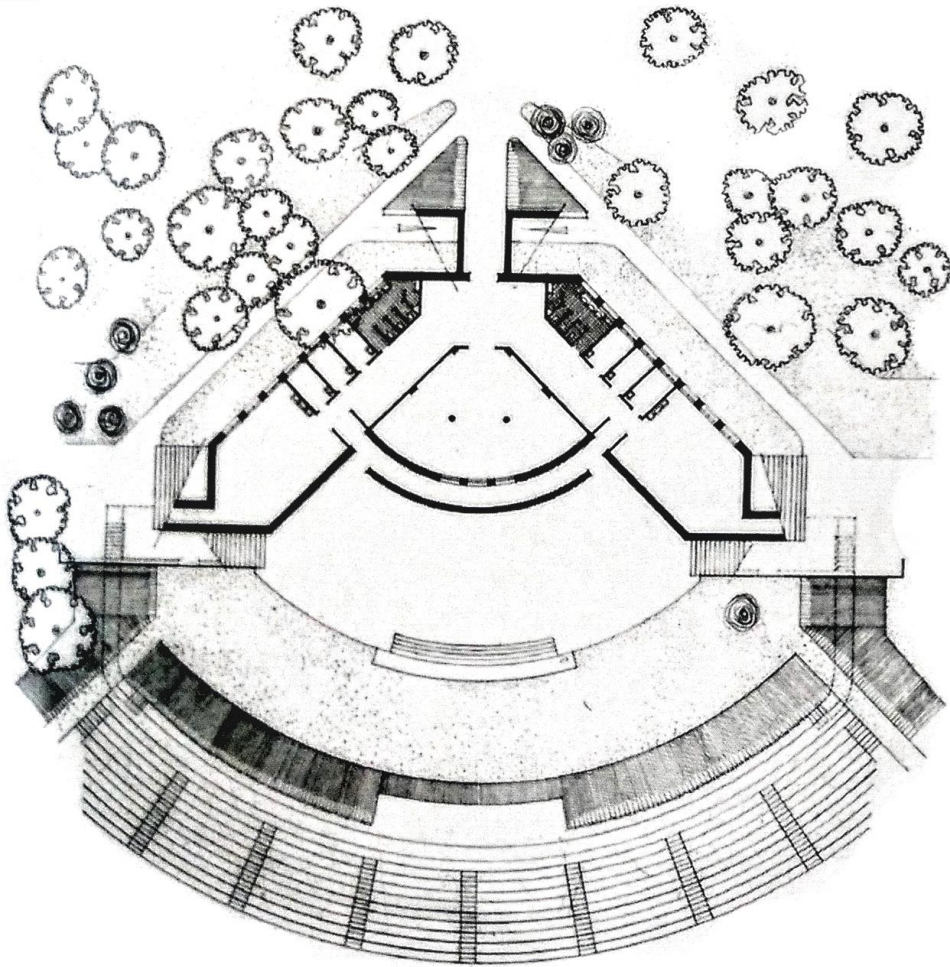


Figura 20
 Planta do Teatro ao Ar Livre, Parque Florestal de Monsanto. Lisboa. Sem data. Sem escala

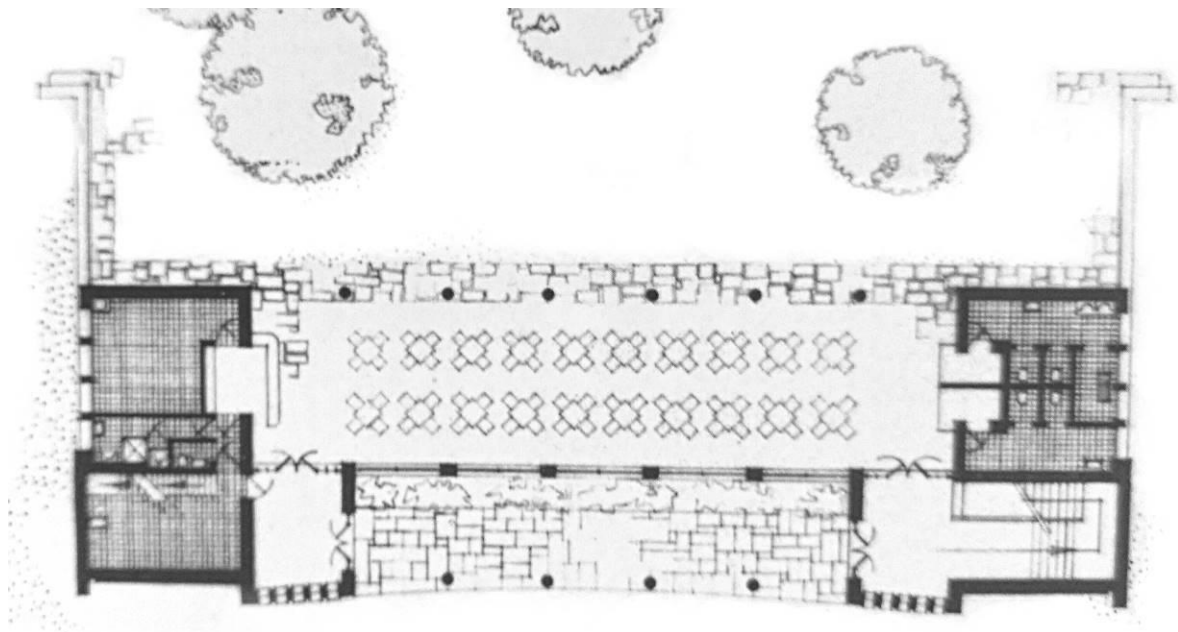


Figura 21
 Planta do Restaurante Panorâmico, Parque Florestal de Monsanto. Lisboa. Sem data. Sem escala

*“No princípio dos anos 40, entre a futura Cidade Universitária e o novo Bairro de Alvalade, o Campo 28 de Maio, como Estado Novo entendeu denominá-lo, encontrava-se muito degradado. Em 1945 Keil é encarregue de repensar o jardim e os seus equipamentos.”*³⁵

O Jardim do Campo Grande surge com dimensões inferiores ao exemplo anteriormente abordado. A sua área não se assemelha a um grande Parque Florestal, tendo em conta que este se trata de um Parque de carácter urbano, circundado pela Cidade. A sua estrutura encontra-se dividida em duas margens. Norte e Sul, pelo atravessamento de um eixo viário.

As obras foram finalizadas em 1948, tendo a sua área inicial sido aumentada em mil metros quadrados para, segundo Tostões (2013) *“(...) estabelecer um plano regular e racional”*.

O propósito da intervenção concentrava-se em revitalizar os principais atrativos do parque, repensar traçados e manto verde, de forma a criar vistas mais desafogadas e uma maior introspeção em relação à envolvente.

*“A par da recuperação das funções existentes, propôs novas utilizações. Mantendo o espírito pitoresco e romântico do Campo (...)”*³⁶

Estas utilizações consistem em novos equipamentos e alterações à estrutura do Parque visando um programa diverso. Deste, consta o Botequim da Ilha (1947)^(Figura 22 e 23), que surge da transformação de um espaço existente na margem norte do Jardim do Campo Grande.

Na ilha, outrora existente, é criada uma base onde se insere uma esplanada sobre o lago, esta servida por sua vez de um Botequim de pequenas dimensões. O seu programa simples revê-se na estrutura que evoca um pequeno abrigo, dispondo de um contacto amplo com o meio natural que o envolve.

Na mesma data é projetado o Restaurante Alvalade^(Figura 24). Neste edifício, *“Keil consegue um sábio equilíbrio entre as raízes de uma construção vernácula e os conceitos de modernidade que enformavam a sua cultura”* Tostões (2013)

Desde o embasamento em alvenaria de granito e o seu tecto falso em madeira ao jogo de formas orgânicas no interior sugerem, segundo Tostões (2013) *“clara referência à obra de Frank Lloyd Wright e ao sentido conciliador da via holandesa.”*

³⁵ Tostões, A. (2013). *Francisco Keil de Amaral*. (p. 55)

³⁶ Tostões, A. (2013). *Francisco Keil de Amaral*. (p. 55)

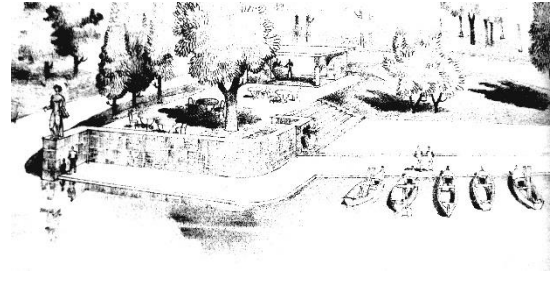
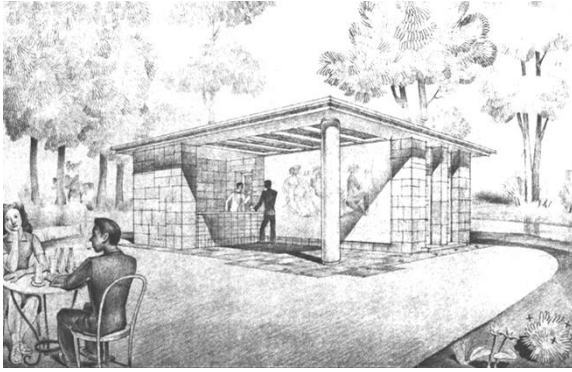


Figura 22

Perspectiva do Botequim, Jardim do Campo Grande. Lisboa

Figura 23

Perspectiva da Ilha com Botequim sobre o Lago, Jardim do Campo Grande. Lisboa

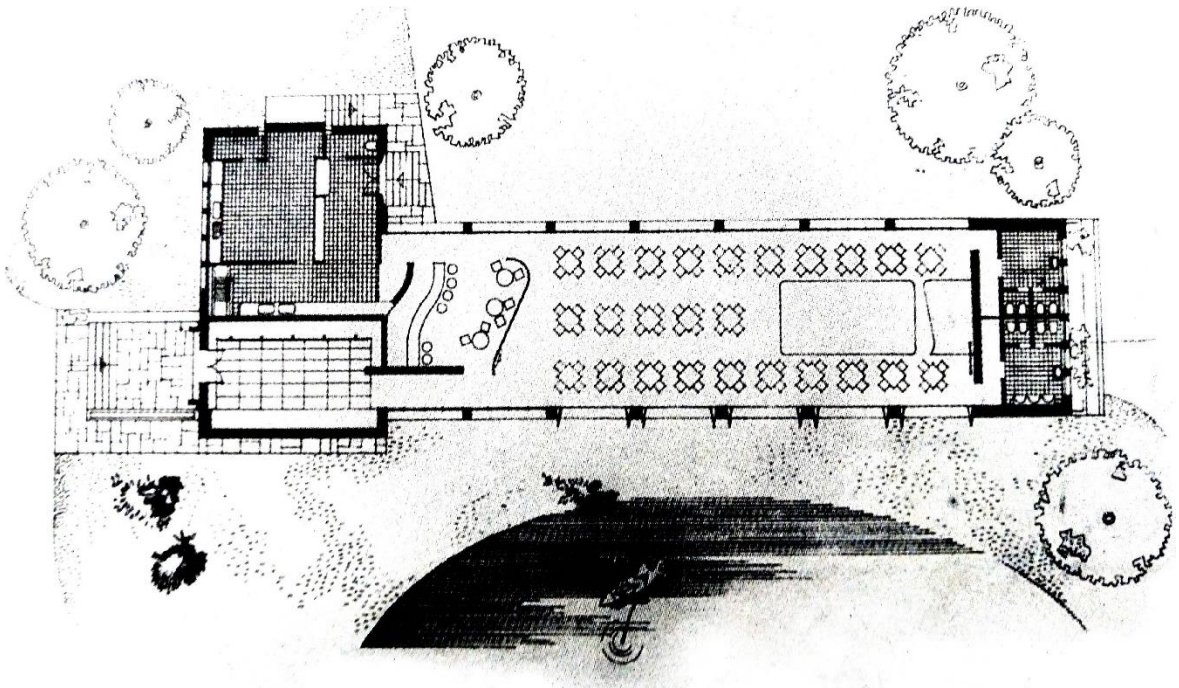


Figura 24

Planta do Restaurante Alvalade, Jardim do Campo Grande. Lisboa. Sem data. Sem escala

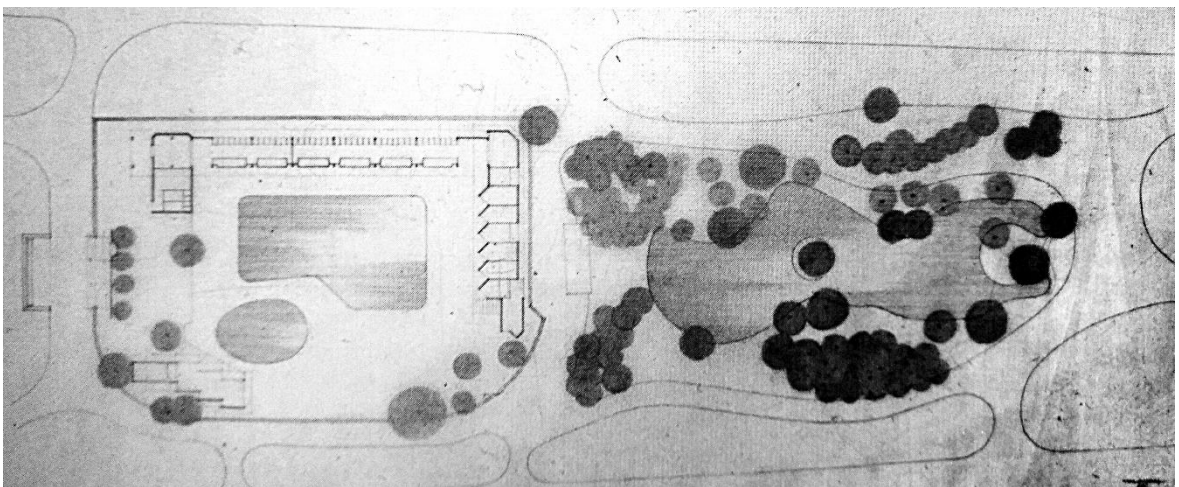


Figura 25

Planta da Piscina Infantil, Jardim do Campo Grande. Lisboa. Sem data. Sem escala

Este equipamento terá sido demolido em 1970 para a construção de um novo edifício de dois pisos do qual constava um Restaurante e um Bar. Mais tarde, em 1974, este edifício ter-se-ia sido reabilitado para albergar as instalações de um centro comercial e cinema “caleidoscópio”, inaugurado a 1 de Novembro de 1974.

Por fim a Piscina infantil (1960-1963)^(Figura 25), na qual, Keil do Amaral explora a plasticidade do uso do tijolo com textura perceptível ao tacto, em confronto com o uso do betão aparente na estrutura, assegurando uma “ (...) eficaz relação luz-sombra.”. Tostões (2013)

“Realizada com o cuidado e detalhe de uma pequena grande obra, a piscina encerra um ciclo de pesquisa que vai desde o fascínio holandês, homenageado na plasticidade da torre, à exploração inteligente do material vernáculo, como na Arquitectura popular, passando pelo gosto e pela reinvenção do desenho e do pormenor de construção.”³⁷

Finda a análise aos dois casos de estudo, o Parque Florestal de Monsanto e o Jardim do Campo Grande é possível discernir, não apenas, a circunstância local mas também, social e cultural da época em que se inserem, para assim, obter uma melhor compreensão das motivações e necessidades do povo português no tema recreativo e de lazer, que servem de fundamento à criação de novos espaços públicos e seus respectivos equipamentos. Também, e de não menor importância, compreender as atitudes tomadas por parte do Arquitecto Keil do Amaral perante estas circunstâncias, de forma a criar uma base de entendimento das principais tendências perante a organização do espaço público à época.

A motivação social, cultural e política que leva à origem de planos dos quais constam equipamentos similares em ambos os parques, com funções e dinâmicas variadas, é observada mais tarde, no Parque Municipal da Quinta da Conceição, no qual as premissas para a sua estrutura e programa em muito se assemelham aos dois casos de estudo abordados.

³⁷ Tostões, A. (2013). *Francisco Keil de Amaral*. (p. 59)

Capítulo III
A Estratégia de Intervenção no Parque Municipal da Quinta da Conceição

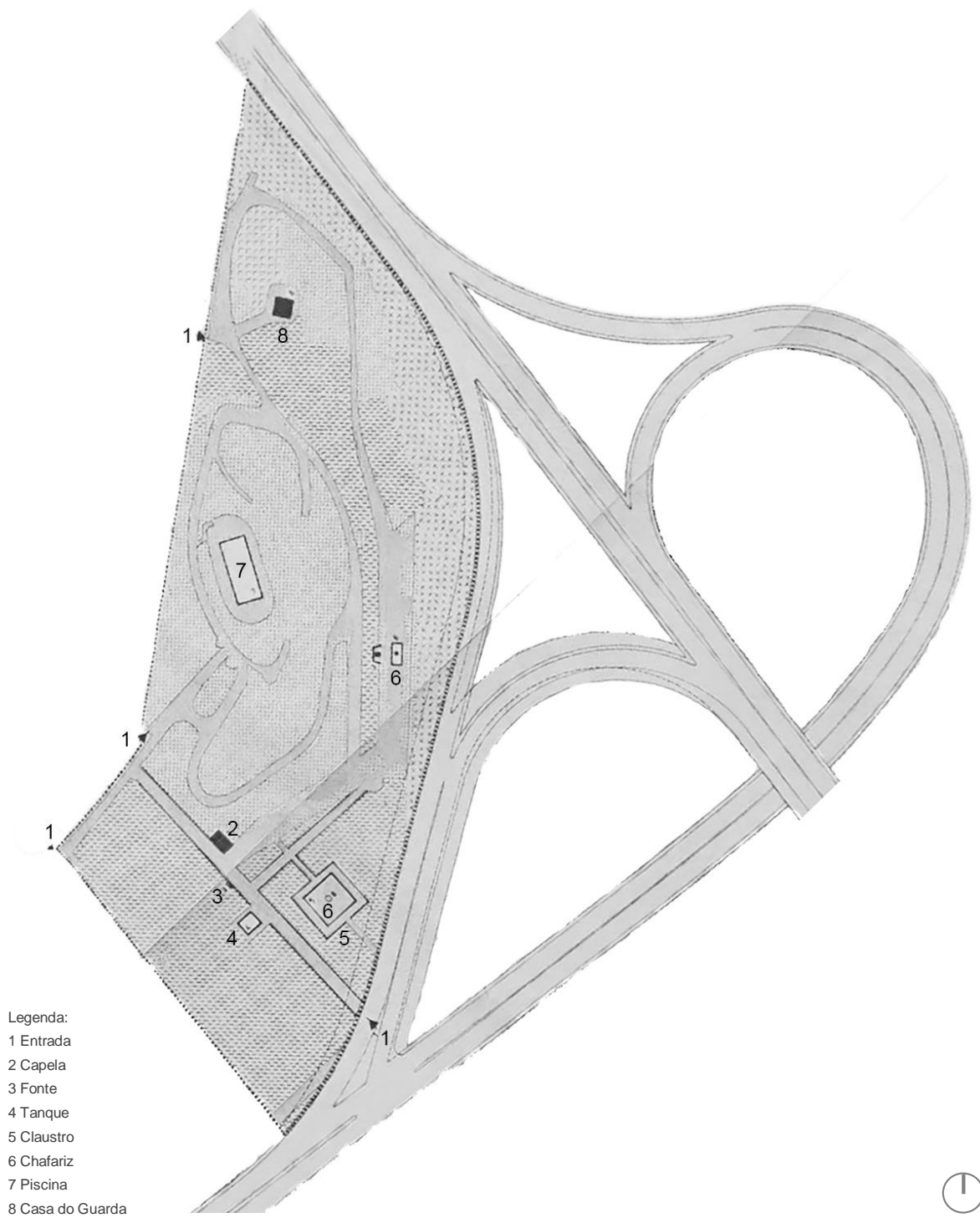


Figura 26
 Planta do estado actual inserida no ante-projecto do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1956), Fernando Távora.
 Leça da Palmeira. Sem escala

III. A Estratégia de Intervenção no Parque Municipal da Quinta da Conceição

3.1. Análise projectual das intervenções situadas nas décadas de 50 e 60

É pretendido no presente capítulo, além da análise da organização do espaço do Parque Municipal da Quinta da Conceição, o entendimento das circunstâncias que nele habitam, que dele decorrem e o papel destas na futura obra a desempenhar.

“A esse conjunto de factores naturais e humanos (e só é possível distingui-los na medida em que o fenómeno seja observado à escala do homem mas, de qualquer modo, eles estão intimamente ligados entre si), daremos o nome de «circunstância»; sendo assim «circunstância», pelo próprio significado da palavra, será aquele conjunto de factores que envolvem o homem, que estão à sua volta e, porque ele é criador de muitos deles, a esses haverá que juntar os que resultam da sua própria existência, do seu próprio ser.”³⁸

Será também evocada a horizontalidade com o projeto da Piscina Municipal da Quinta da Conceição, obra do Arq. Álvaro Siza Vieira e, mais á frente, a verticalidade, da qual resulta a importância da memória do lugar, o projeto de intervenção de Távora e por fim a Escola de Dança.

“Podemos, talvez, considerar dois tipos de participação na organização do espaço; uma participação a que chamaremos horizontal, que se realiza entre homens de uma mesma época, uma outra a que chamaremos vertical que se realiza entre homens de épocas diferentes. São dois aspectos de uma mesma realidade (...) A participação horizontal é aquela que prende homens de uma mesma geração, enquanto que a vertical prende homens de gerações diferentes em obra que se processa ao longo de um período de tempo que ultrapassa a dimensão da geração.”³⁹

Torna-se assim indispensável a análise, tanto do espaço como dos elementos formais que nele habitam, para compreender de que maneira estes poderão criar a circunstância futura, que, através da participação vertical molda as intenções, numa diferente época, para um novo projeto, o de uma Escola de Dança.

Poderá também esta circunstância decorrer do campo teórico, experimental, ou daquilo que nunca chegou a existir, enquanto resultado físico. Talvez seja tão importante o não construído como o construído para o entendimento geral de um plano. Não fará total sentido analisar o projeto de intervenção, sem focar com similar importância o que não chegou aos dias de hoje, da mesma forma que a ruína evoca a memória do que outrora terá sido o espaço conventual.

³⁸ Távora, F. (2008). *Da Organização do Espaço*. (p. 22)

³⁹ Távora, F. (2008). *Da Organização do Espaço*. (p. 20, 21)



Figura 27
 Planta Geral inserida no ante-projecto do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1956), Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala



Figura 28
 Extrato Topográfico 1944-52 (15D) com sobreposição da mancha do Plano Geral, ante-projecto de intervenção de Távora (1956), Leça da Palmeira. Sem escala

“Esta noção, tantas vezes esquecida, de que o espaço que separa – e liga – as formas é também forma, é noção fundamental, pois é ela que nos permite ganhar consciência plena de que não há formas isoladas e de que uma relação existe sempre, quer entre as formas que vemos ocuparem o espaço, quer entre elas e o espaço que, embora não vejamos, sabemos constituir forma – negativo ou molde – das formas aparentes.”²⁹

A Quinta da Conceição surge com uma vantajosa exposição, quer no sentido da sua orientação, quer na sua topografia que a protege em relação aos ventos de Norte e de Sudoeste.

Através da análise da planta do estado actual da Quinta da Conceição (Figura 26) e do extracto topográfico que data de 1944-1952 (Figura 28), anterior à intervenção do Arq. Fernando Távora observa-se que o espaço contém uma estrutura pouco definida em relação à sua envolvente, estando apenas delimitado pela estrada de Santa Cruz do Bispo a Norte e Poente – a qual serve a entrada principal – sendo que, a Nascente e Sul verifica-se a indefinição decorrida das obras para a abertura dos novos eixos viários da Doca nº 2 do porto comercial de Leixões (Figura 32).

Para este efeito é elaborada uma planta geral, fornecendo, segundo Távora (1956) “ (...) *uma ideia de enquadramento da Quinta sob o ponto de vista urbanístico (...)* ”. Estudando a relação dos terrenos que se situam entre as novas vias, a Avenida Marginal da nova Doca e o prolongamento da Via Rápida.

“Não é difícil concluir-se que se não houver o cuidado de tratar devidamente, digamos harmonicamente, todos os espaços que envolvem a Quinta, esta não passará de um oásis de harmonia no meio de um deserto caótico, perigo que, em nosso entender, deveria por todos os meios evitar-se.”³⁰

Os seus restantes elementos encontram-se dispersos, interligados por percursos, dos quais, alguns também de pouca definição, afeiçoados à topografia local.

É possível também reconhecer as circunstâncias deixadas por ocupações passadas, às quais, Távora responde mais tarde com a sua intervenção. O Claustro, a Piscina, a Capela de S. Francisco, a Alameda da Fonte de S. João, os Tanques, e muitas outras formas são a memória local que assume a maior presença no espaço.

²⁹ Távora, F. (2008). *Da Organização do Espaço*. (p. 12)

³⁰ Távora, F. (1956). *Memória Descritiva, Ante-Projecto do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição*. (p. 4)



Figura 29 e 30
Lajetas de Granito com inscrições, junto ao Portal Manuelino, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira



Figura 31
Tanque na zona conventual, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira



Figura 32
Vista aérea da Quinta da Conceição, aquando as obras de construção dos eixos viários decorrentes da ampliação do porto municipal de Leixões. Sem data

O traçado existente na Quinta da Conceição assume dois aspectos, um ortogonal que liga os principais elementos pré-existentes, na forma de uma avenida que se faz no sentido Norte-Sul e um outro orgânico, que se concentra em redor da Piscina e da sua superfície arborizada.

*“Dentro da zona considerada existe todo um sistema de caminhos, razoáveis tanto em matéria de traçado como no que respeita ao seu estado de conservação, caminhos que ligam entre si os espaços e construções mais importantes da Quinta.”*³¹

O restante espaço encontra-se arborizado, apresentando maior densidade na área correspondente à cota mais alta, onde está situada a Piscina. A maioria das espécies existentes são de plantação recente. Parte do traçado existente é coberto por ramadas e na restante superfície, existem pomares e terrenos de cultura, na zona de cota mais baixa.

*“As espécies arbóreas que revestem a Quinta são bastante variadas; na zona mais densa predominam os cedros, mas distribuem-se por toda a Quinta pinheiros, acácias, eucaliptos, carvalhos, castanheiros, tílias, etc.; sebes várias contornam alguns caminhos.”*³²

A circunstância que resulta da memória do lugar, da ocupação Franciscana e do seu Convento de S. Francisco toma um papel fundamental para a organização do Anteprojecto da Quinta da Conceição. Esta, referida várias vezes pelo arquitecto, surge como uma linguagem a manter, reavivando assim os elementos resistentes, no lugar, ao tempo.

“Em passeio, ainda que rápido, pela Quinta da Conceição permitirá a avaliar da sua indiscutível beleza; é não apenas a variedade de percursos que se oferecem, mas são também a sua magnífica exposição e a vista que dela se proporciona sobre o vale do Leça, razões de tal beleza.

Não se encontram ali dimensões grandiosas, nem vastíssimos panoramas; nem edifícios de grande qualidade artística, mas certamente não será difícil sentir-se ali um encanto muito especial que resulta não apenas das razões apontadas mas também do que ainda resta do passado ‘religioso’ do lugar, outrora ocupado por humildes e pobres Franciscanos que aí tinham o seu Convento.”³³

³¹ Trigueiros, L. (1993). Fernando Távora. Lisboa: Blau, (p. 66)

³² Távora, F. (1956). *Memória Descritiva, Ante-Projecto do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição*. (p. 2)

³³ Távora, F. (1956). *Memória Descritiva, Ante-Projecto do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição*. (p. 2. 3)

Legenda:

- 1 Entradas
- 2 Courts de Ténis
- 3 Bancada e Balneários
- 4 Capela
- 5 Claustro
- 6 Biblioteca-Museu
- 7 Piscina
- 8 Balneários
- 9 Parque Infantil
- 10 Piscina para crianças
- 11 Teatro ao ar livre
- 12 Camarins e anexos
- 13 Casa do Guarda

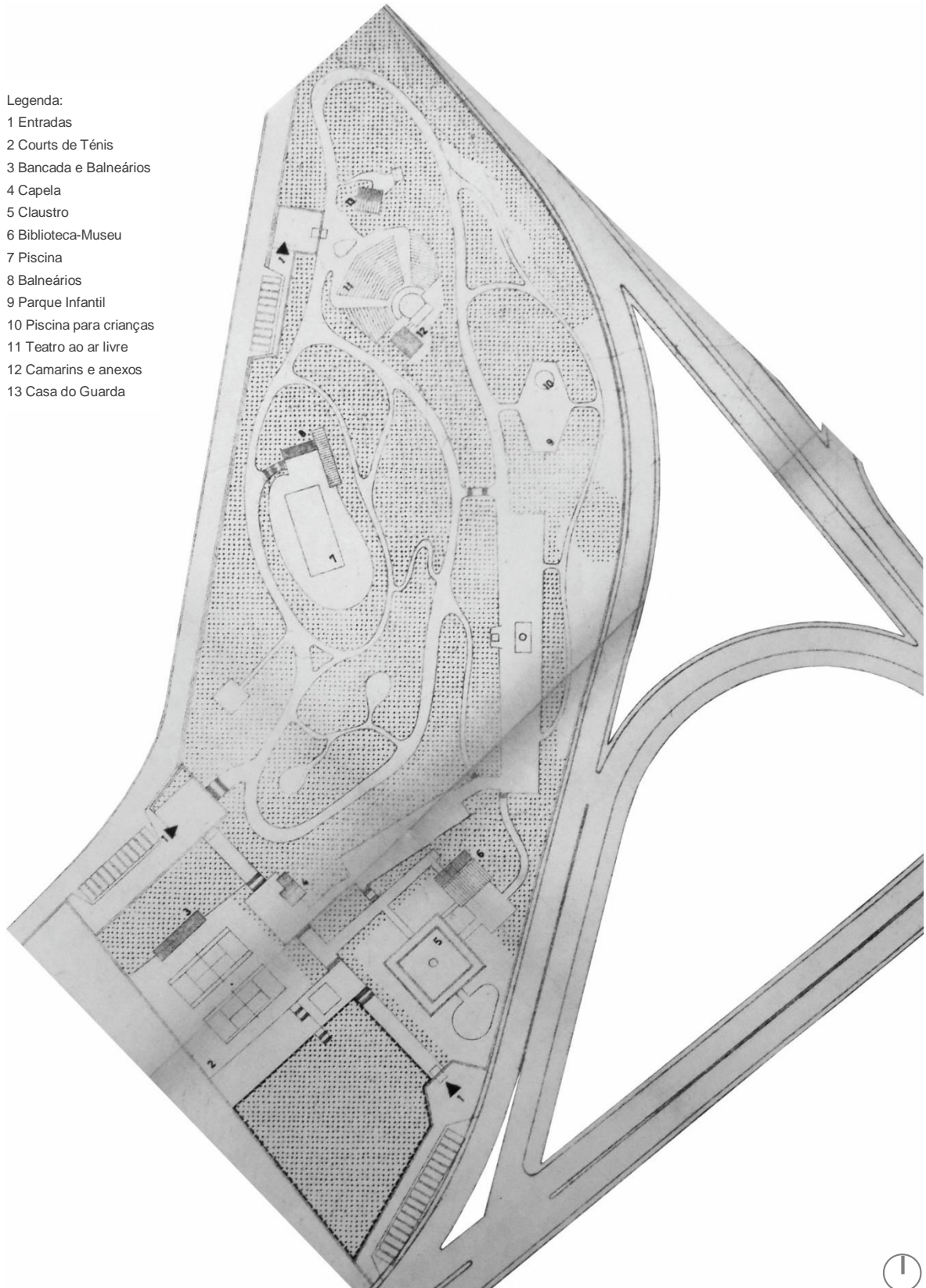


Figura 33

Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Ante-Projecto (1956). Fernando Távora, Leça da Palmeira. Sem escala. Com base em Furtado (2015)

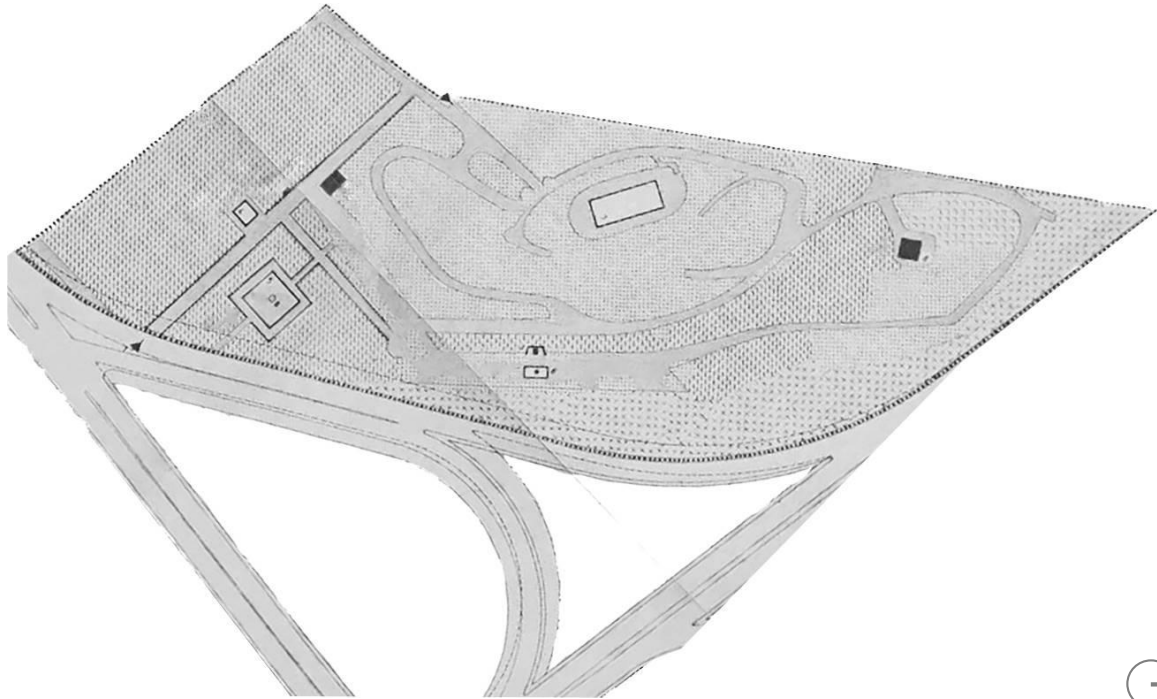


Figura 34
 Planta do estado actual inserida no ante-projecto do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1956), Fernando Távora.
 Leça da Palmeira. Sem escala

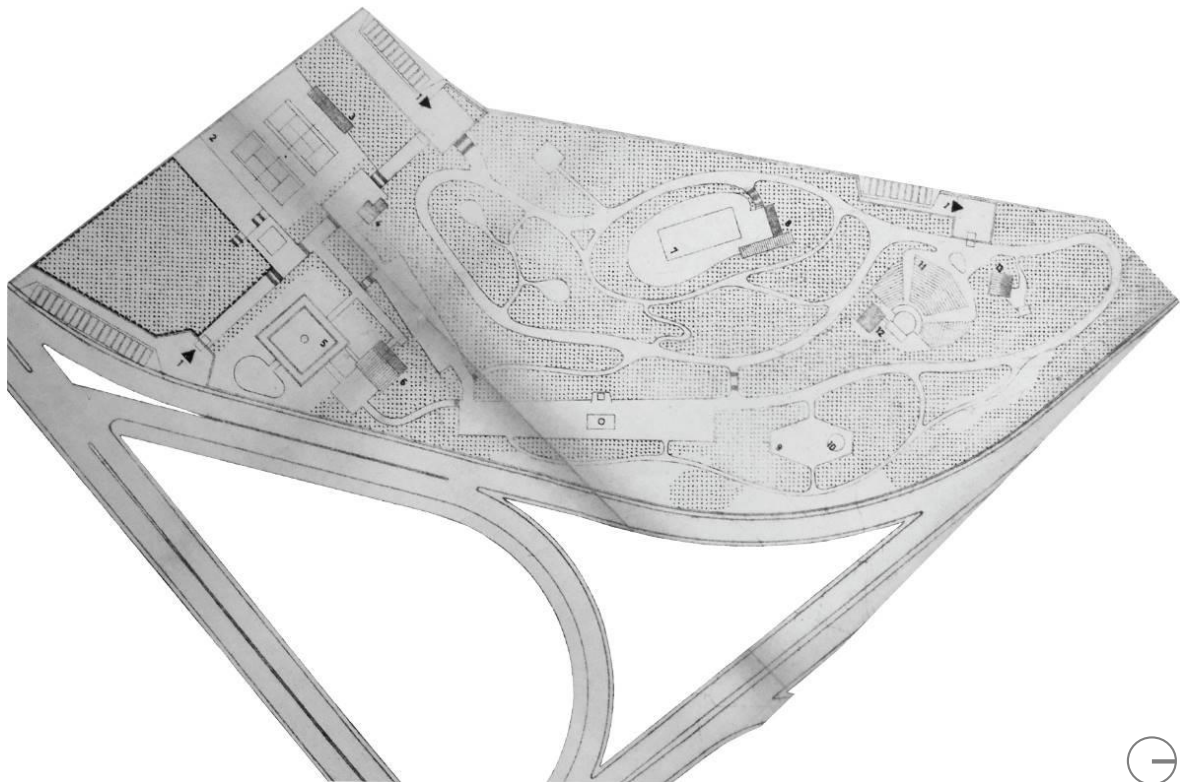


Figura 35
 Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Ante-Projecto (1956). Fernando Távora,
 Leça da Palmeira. Sem escala. Com base em Furtado (2015)

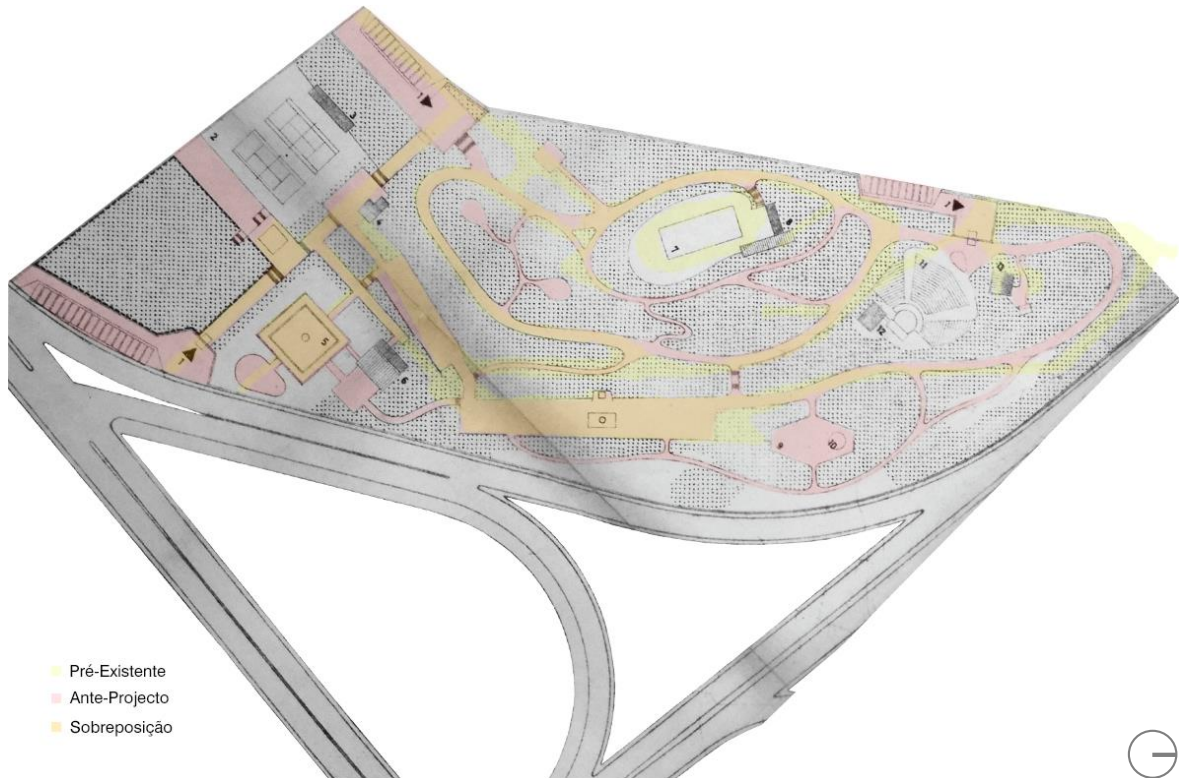


Figura 36
Sobreposição do Traçado pré-existente e projetado com base no Plano geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Ante-Projecto (1956). Sem escala



Figura 37
Esquema da estrutura do Parque com base no Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Ante-Projecto (1956). Sem escala

Para a elaboração do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, a encomenda feita pela Câmara Municipal de Matosinhos tinha como objetivo conservar os elementos físicos existentes, assim como, o seu espírito carismático, mantendo a identidade do lugar e a sua circunstância.

Utilizando como recurso as duas peças desenhadas expostas, a planta do estado actual (Figura 34) e o plano geral, Anteprojecto (1956) (Figura 35), torna-se possível a análise das diferentes estratégias adoptadas pelo Arq. Fernando Távora para o Parque Municipal da Quinta da Conceição. Embora que prévias, já demonstram os principais objetivos a integrar na sua proposta final.

A localização dos acessos à Quinta da Conceição é mantida, sofrendo reestruturação para a inclusão de baías de estacionamento³⁴ e espaços abertos tais como pátios, através dos quais, seria feita a recepção dos visitantes e posterior transição para o interior do Parque.

Em matéria de traçado, Fernando Távora, para além de manter parte da organização dos percursos existentes, procedeu ao seu arranjo geral, pressupondo a ligação aos novos equipamentos projetados, assim como, aos novos acessos de entrada ao Parque, observando-se uma clara hierarquização através da análise do perfil longitudinal³⁵ do diferente traçado, existente e projetado, no seu Anteprojecto.

É feito o planeamento de uma rede de caminhos de perfil menor, como é possível verificar pela sobreposição do traçado (Figura 36), visando a ligação das restantes zonas da Quinta que não dispunham de acesso, assim como, os novos equipamentos projetados.

Estes surgem não só como elementos dinamizadores do percurso, através de “*caminhos de sabor romântico*”³⁶ mas também pela necessidade de dotar o espaço de um diferente carácter formal, oposto aos “*percursos geometrizados*”³⁷ que cercam o principal eixo da Quinta. A avenida Norte-Sul.

³⁴ “ (...) prevê-se junto a cada acesso uma pequena baía de estacionamento que satisfará as necessidades normais.” Távora, F. (1956). *Memória Descritiva, Ante-Projecto*. (p. 5)

³⁵ “Quanto a caminhos interiores revela o Ante-Projecto o cuidado de manter, sempre que possível, os existentes ainda que prevendo-se nêles pequenas alterações em planta ou em perfil longitudinal de modo a torná-los mais ricos de expressão, mais úteis e mais cómodos.” Távora, F. (1956). *Memória Descritiva, Ante-Projecto*. (p. 5)

³⁶ Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, (2015). *Sobre o Projeto-de-Arquitetura de Fernando Távora*. (p.204, 205)

³⁷ Fernandez, Sérgio (1985), Cit. In Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, (2015). *Sobre o Projeto-de-Arquitetura de Fernando Távora*. (p.205)

Legenda:

- 1,2,3 Entradas
- 4 Pavilhão de Tênis
- 5 Courts de Tênis
- 6 Rinque de Patinagem
- 7 Capela e Sacristia
- 8 Museu
- 9 Piscina
- 10 Pavilhão da Piscina
- 11 Parque Infantil
- 12 Piscina Infantil
- 13 Pavilhão do parque infantil
- 14 Instalações Sanitárias
- 15 Teatro ao ar livre
- 16 Camarins e anexos
- 17 Casa do Guarda



Figura 38

Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1957) com base em Furtado (2015). Fernando Távora, Leça da Palmeira. Sem escala

Tendo em conta o programa proposto, a escolha da localização destes novos elementos incidu nas circunstâncias existentes, afirmando Távora (1956) “ (...) *localização quási fatal, pode dizer-se, atendendo por um lado às exigências próprias de cada um desses elementos e, por outro, às condições que a Quinta apresenta.*”.

Querendo com isto afirmar que a disposição de equipamentos tais como o Teatro ao Ar Livre não seria de fácil execução em qualquer outro lugar, muito provavelmente devido à diferença de cotas existente naquele lugar. Não faria também muito sentido deslocar a Piscina, já que esta constaria da estrutura pré-existente da Quinta.

Relativamente à Biblioteca-Museu, contida na zona de maior aglomeração da estrutura da Quinta e na cercadura do Claustro, Távora (1956) refere “ (...) *é perfeitamente natural que (...) dê aos seus frequentadores a possibilidade de gozarem o Claustro e a permanente música das águas do seu bonito chafariz.*”. Esta estratégia será ainda mais elaborada no projeto posterior.

A localização dos Courts de Ténis e do Parque Infantil no Anteprojeto seria, segundo Távora (1956), “ (...) *aquela que melhor satisfaz.*”, criando no caso dos Courts de Ténis uma plataforma nivelada intermédia, com o apoio de uma anexo, que mais tarde surge como o Pavilhão de Ténis. O Parque Infantil surge aproveitando um espaço intermédio entre a Alameda da Fonte de S. João e do Teatro ao ar livre, situando-se na zona de cota mais baixa da Quinta.

Relativamente aos outros espaços e estruturas existentes já referidas, o Anteprojeto previa a criação de um pequeno adro na frente da Capela de S. Francisco, obtendo-se assim, em conjunto com um pátio de menor dimensão em frente ao tanque, espaços transitórios paralelos à Avenida que tornam o percurso nesta, menos árduo devido à diferença de cotas que esta perfaz. Para este efeito Távora torna a Avenida num percurso transitivo, ao contrário do outrora existente, com lances de escadas permitindo um melhor controlo da topografia.

É também evidenciada a preocupação, na memória descritiva, da procura de contrastes espaciais entre as duas Alamedas existentes, a Alameda da Fonte de S. João e uma segunda, intermediária à transição da Capela de S. Francisco para esta.

O revestimento vegetal envolvente à estrutura já descrita, é alterado no sentido de aumentar a superfície arborizada, prevendo também a substituição de algumas das espécies de pomar por outras de teor mais relevante do ponto de vista paisagístico, assim como a criação de um sub-bosque e de um novo pomar que evocaria o antigo laranjal outrora existente no local.

³⁸ Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, (2015). *Sobre o Projeto-de-Arquitetura de Fernando Távora.* (p.213)

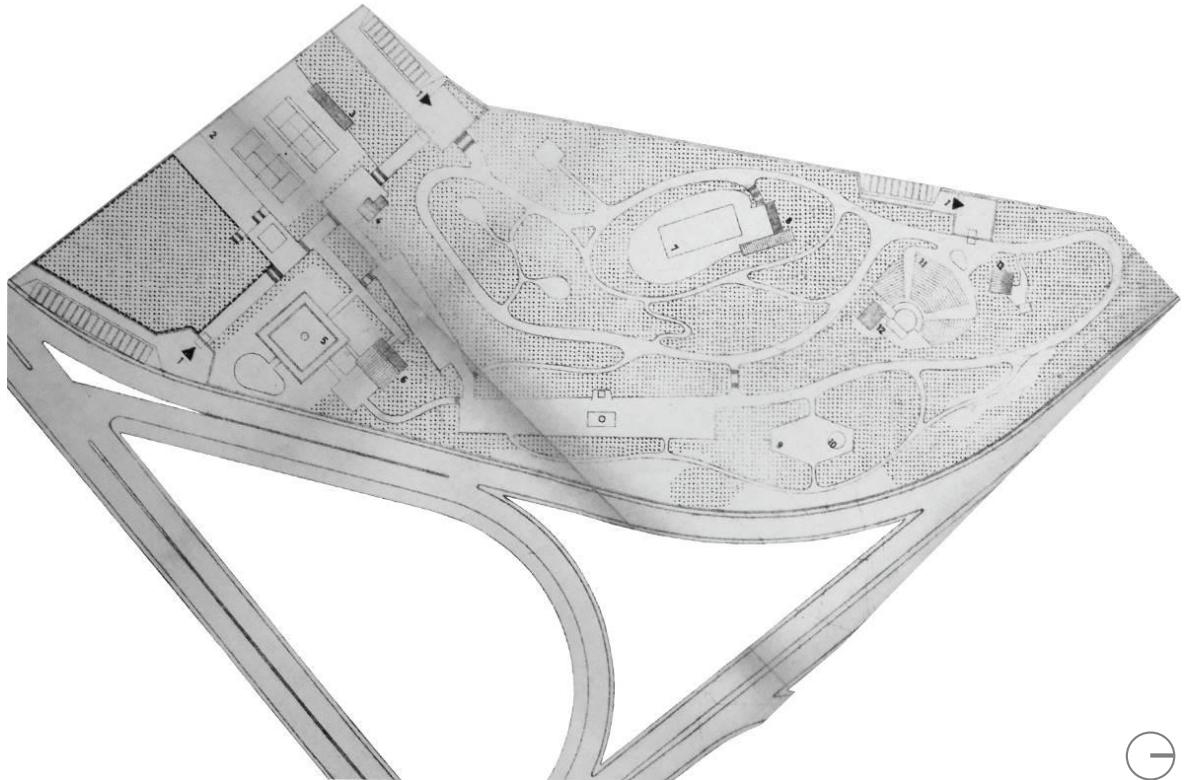


Figura 39

Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Ante-Projecto (1956) com base em Furtado (2015).
Fernando Távora, Leça da Palmeira. Sem escala

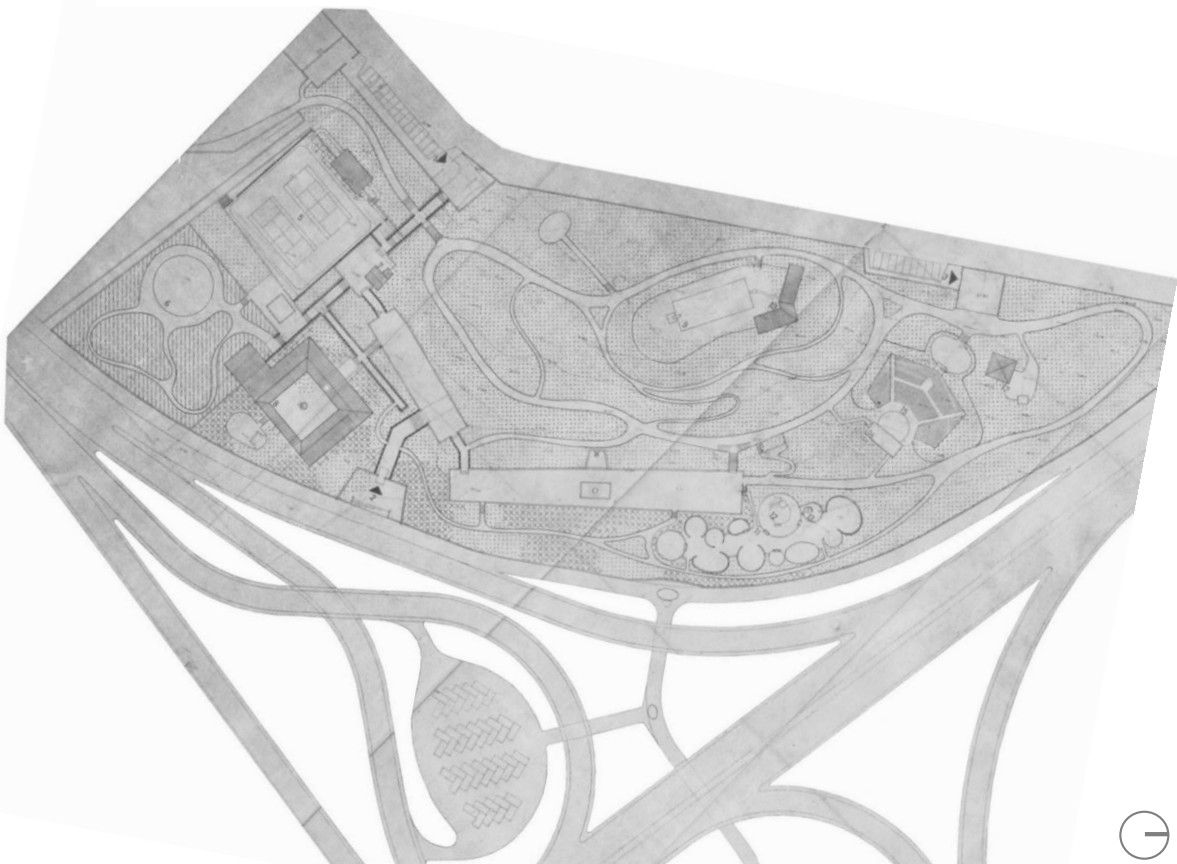


Figura 40

Plano geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1957) com base em Furtado (2015).
Fernando Távora, Leça da Palmeira. Sem escala

O Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1957) (Figura 38) apresenta modificações ao já apresentado Anteprojeto, em matéria de traçados, acessos, disposição dos elementos construídos, assim como uma maior pormenorização de carácter definitivo.

A reestruturação da envolvente da Quinta, apresentando já a nova Avenida da Doca e uma diferente configuração para o nó que se estabelece entre esta e o Viaduto será talvez, a solução, que maior impacto adquire no novo plano. Procurando-se assim resolver o problema existente no Anteprojeto, onde Távora procura evitar que a Quinta da Conceição se torne “*um oásis de harmonia no meio dum deserto caótico*”.³⁹

Por este motivo o acesso Sul terá sido colocado mais a Nascente de forma a torná-lo mais central relativamente à estrutura da Quinta, e respondendo à necessidade de maior aproximação relativamente aos “ (*...*) *dois parques de estacionamento agora previstos nos espaços livres do nó de concordância da Avenida com o Viaduto.*”.⁴⁰

Os dois restantes acessos mantêm a sua posição, prevendo o acesso Poente uma nova relação com a restante estrutura da Quinta da Conceição, não se encontrando ainda definida no Plano do Parque.

No que toca à caracterização dos diferentes acessos, a Poente (Figura 42) e Norte (Figura 44) (1 e 3) apresentam-se constituídos por pequenos pátios confinados por paredes altas⁴¹, mantendo o acesso a Nascente (Figura 43) (2), o carácter principal, devido às ligações com as quais estabelece comunicação, encontrando-se delimitado por muros de vedação com a altura de um metro em meio.

O traçado do interior do Parque sofre alterações devido à nova localização do acesso Sul, a necessidade de ligar à já evidenciada restante estrutura da Quinta e também do novo dimensionamento do Parque Infantil e Teatro ao Ar Livre.

Relativamente aos equipamentos e outras estruturas presentes na Quinta, é feita a adição de um “Rink de Patinagem”⁴² o qual Távora (1957a) define como “ (*...*) *indispensável para o equipamento desportivo da Quinta.*”. A Biblioteca-Museu presente no Anteprojeto dá lugar a um Museu, que, aproveitando algumas das ideias iniciais, surge em torno do Claustro, libertando a sua estrutura central.

³⁹ Távora, F. (1957). *Memória Descritiva, Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição.* (p. 2)

⁴⁰ Távora, F. (1957). *Memória Descritiva, Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição.* (p. 2)

⁴¹ Távora, F. (1957). *Memória Descritiva, Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição.* (p. 4)

⁴² Távora, F. (1957). *Memória Descritiva, Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição.* (p. 3)

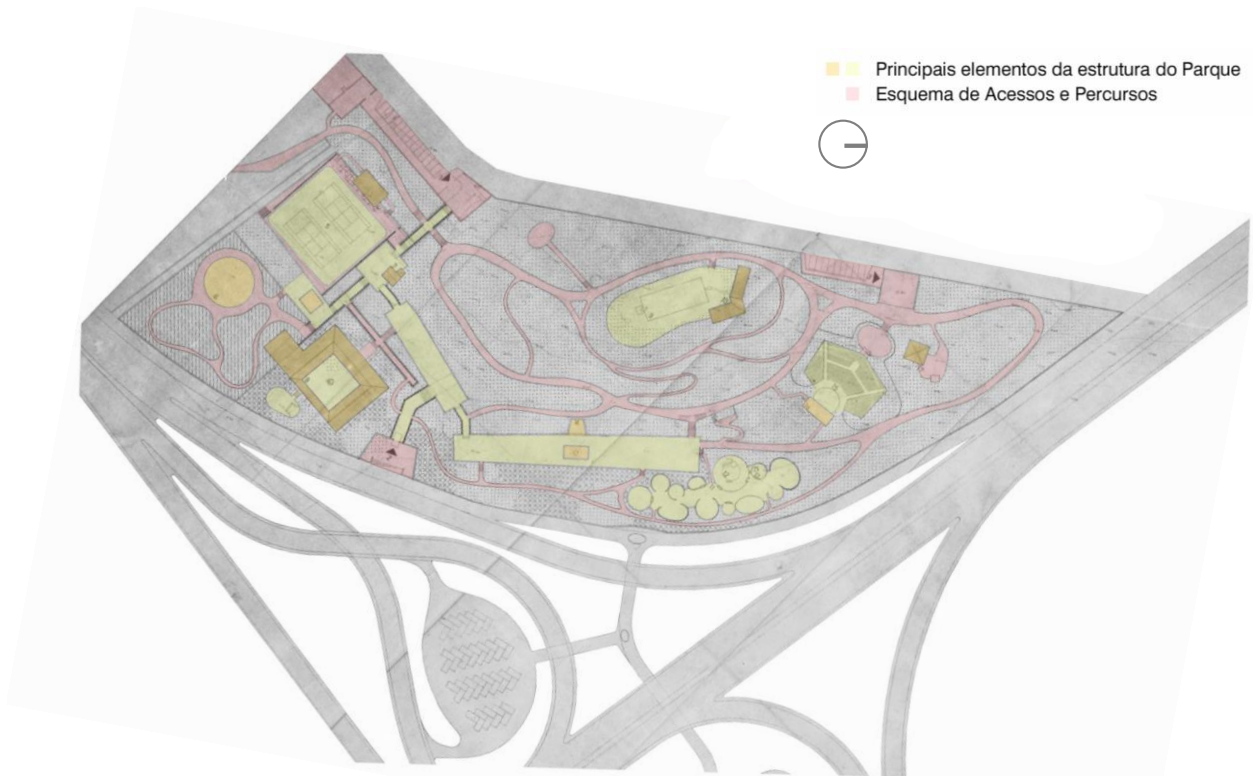


Figura 41
 Esquema da estrutura do Parque com base no Plano Geral (1957) do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Fernando Távora. Sem escala

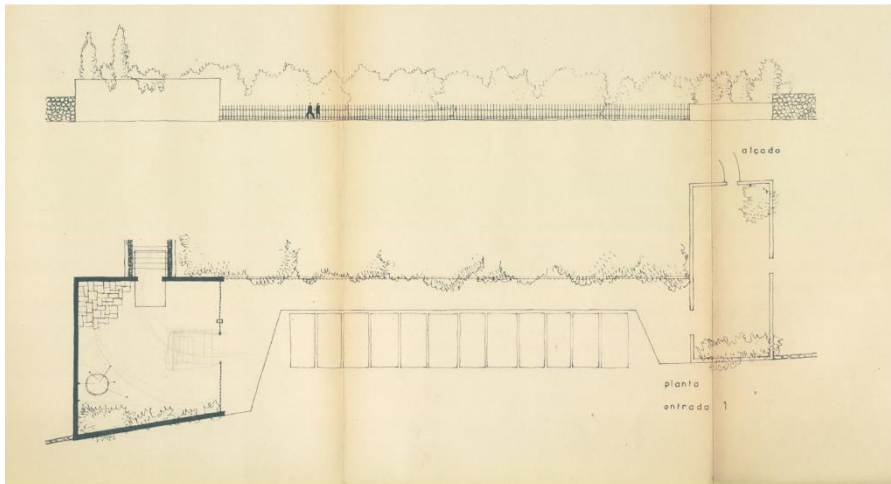


Figura 42
 Planta e Alçado do Acesso Poente, Fernando Távora (1957). Sem escala

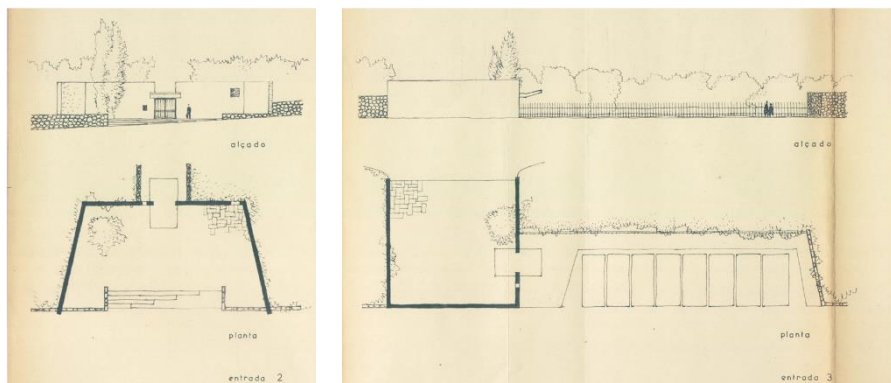


Figura 43
 Planta e Alçados do Acesso Nascente, Fernando Távora (1957). Sem escala

Figura 44
 Planta e Alçados do Acesso Norte, Fernando Távora (1957). Sem escala

O Parque Infantil, embora dispondo da mesma localização, apresenta-se revigorado, com uma estrutura ampla de maior dimensão relativamente ao apresentado no Anteprojecto, sendo que, nos restantes equipamentos, observa-se uma maior definição, própria de um estudo mais aprofundado da caracterização destes espaços espelhando já o que seria a sua estrutura final planeada.

Surge também, junto à Alameda de S. João, na margem de um muro de suporte, uma infraestrutura própria de um Parque com estas dimensões, destinada a instalações sanitárias para o público.

“Na Planta do Conjunto não aparece referido, dada a circunstância de não ter sido ainda encontrada uma posição que pareça correcta para tal, um edifício que tem como função servir de apoio aos frequentadores do Parque em matéria de alimentos cozinhados. (...) põe-se a hipótese de estabelecer um edifício central onde se cozinhe e de fazer chegar os alimentos aos vários edifícios ou instalações (...)”.⁴³

A proposta de Távora para um Restaurante no Parque Municipal da Quinta da Conceição encontra-se exposta na memória descritiva do Plano Geral do Parque (1957) tendo sido apresentado, em Maio de 1967, o Anteprojecto para este novo edifício.

No entanto é possível verificar na planta do Parque Municipal da Conceição (Figura 45) cuja data se desconhece mas que possivelmente se situará entre 1961 e 1966, a referência a uma possível implantação de um equipamento de função idêntica, encontrando-se junto a uma propriedade particular⁴⁴.

Tratar-se-ia este, segundo Távora (1967) “ (...) *pequeno Restaurante, a situar em ponto alto, na antiga eira, e cuja construção aproveitaria um pequeno edifício aí existente a adaptar com esse objectivo.*”. Finalizando com “ (...) *tendo-se concluído que o pequeno Restaurante então sonhado não poderia corresponder às reais necessidades do presente.*”, dando assim origem ao planeamento de um novo Restaurante, mais consentâneo com as novas exigências do Parque, que, infelizmente, nunca chegou a ser construído.

Na mesma planta observa-se uma diferente composição do Pavilhão da Piscina, comparativamente ao Plano Geral de Távora (1957). Esta, apresenta a configuração presente na Planta Geral da Piscina (1961) (Figura 47).

“Iniciei em 1957 a colaboração no projecto da Piscina da Quinta (entregue em 1958), procurando a expressão arquitectónica magistralmente concretizada no pavilhão de ténis de Távora, primeiro e já concluído projecto da quinta.”⁴⁵ - (Figura 46)

⁴³ Távora, F. (1957). *Memória Descritiva, Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição*. (p. 6)

⁴⁴ “O terreno foi doado no século XVI à cidade do Porto, para aí se construir um convento franciscano. ‘E mais tarde uma propriedade particular.’ In Lima, S. R. (2012). *Fernando Távora e o Espaço Público Português*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura). Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto. (p. 81)

⁴⁵ Siza, A. (2009). 01 Textos. Civilização Editora, Porto. (p. 284)

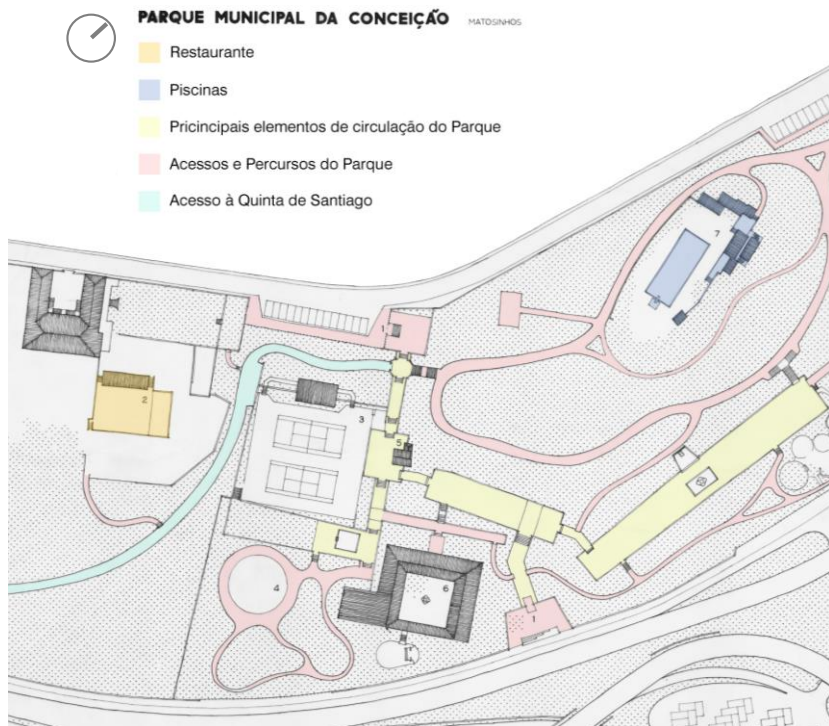


Figura 45
Esquema baseado na Planta do Parque Municipal da Quinta da Conceição. Leça da Palmeira. Sem data. Sem escala

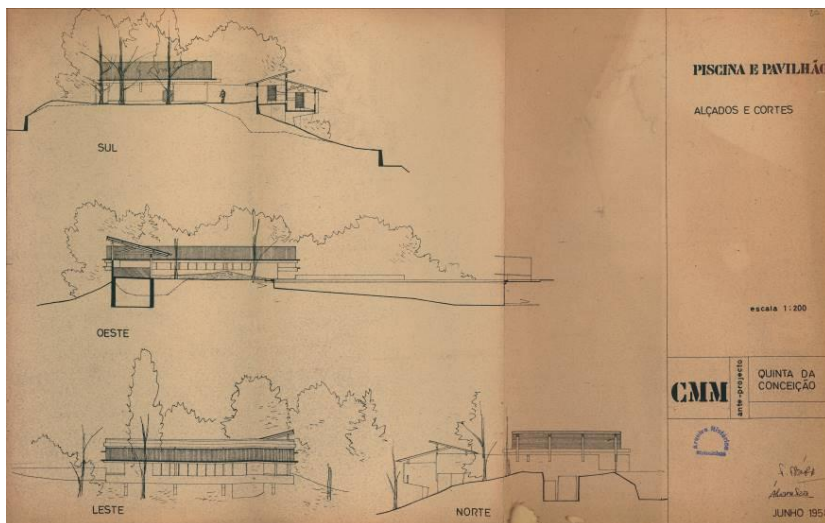


Figura 46
Alçados e Cortes da Piscina e Pavilhão, ante projecto, Parque Municipal da Quinta da Conceição. (1958). Leça da Palmeira. Sem escala

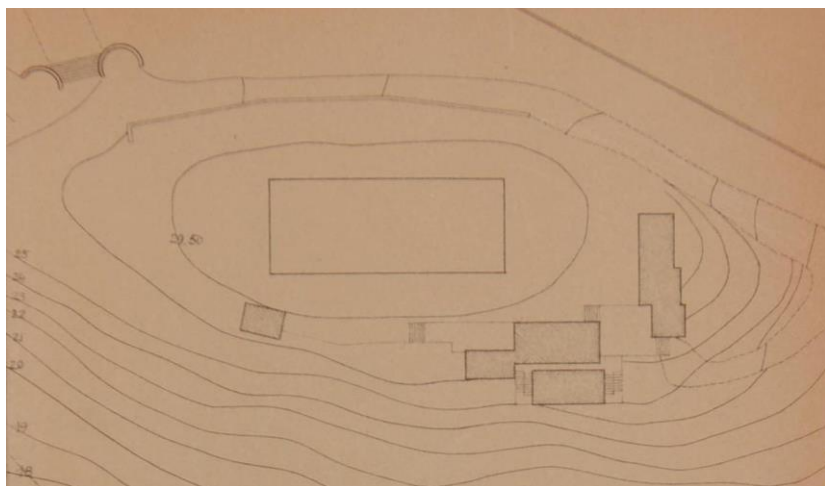
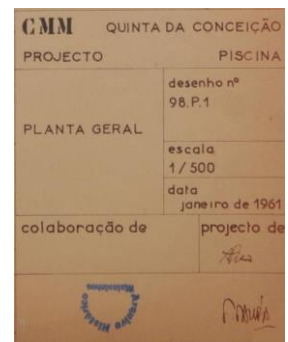


Figura 47 e 48
Planta Geral da Piscina da Quinta da Conceição e respetivo rótulo, Janeiro de 1961, Sem escala. Projecto de Álvaro Siza e Fernando Távora



Para o projeto de 1961 (Figura 47, 48), Fernando Távora encarregou, o ainda jovem colaborador Álvaro Siza Vieira da sua realização. *“O melhor é você levar isso para casa, desenvolve-lo por si; prometo acompanhar o trabalho, sempre que julgue necessário.”*⁴⁶

Esta nova estrutura procurava desvincular-se da linguagem adoptada no Pavilhão de ténis, afirmando Siza (2009) *“Tomara consciência de que aquele momento de renovação da arquitectura portuguesa era irrepetível.”*

Nesta proposta, Siza reúne a experiência adquirida através da realização de outras obras da sua autoria, tais como, o Restaurante da Boa Nova e a Piscina de Leça da Palmeira.

Já em 1966, Siza apresenta o projeto final para a Piscina Municipal da Quinta da Conceição, de sua autoria, não aparentando desvinculação ao anterior relativamente aos edifícios projectados, oferecendo sim, novas características; a criação de plataformas ao redor da Piscina, assim como o desenho dos respectivos muros de suporte, para maior proteção no seu uso por parte do público mais jovem.

Segundo Furtado (2015) *“A 3 de Outubro de 1968 Fernando Pinto de Oliveira solicita a Fernando Távora a execução do ‘antepiano e plano do Parque Municipal da Quinta da Conceição, mais consentâneo com as realidades.”*. Provavelmente devido à decisão camarária que Távora refere na memória descritiva do Anteprojecto do Restaurante (1957) *“(…) os limites da Quinta da Conceição, objecto do referido Plano Geral, foram amplamente ultrapassados pois que o Parque Municipal, por inteligente decisão camarária, se ampliará para a antiga Quinta de Santiago, ocupando assim toda a encosta Norte das novas docas do Porto de Leixões (…)* “.

Analisando as diferentes intervenções ocorridas no espaço da Quinta, é-nos possível compreender a plenitude de estratégias que se desenvolveram ao abrigo da definição da organização do espaço, desde a sua concepção, às ideias formalizantes, ainda hoje visíveis na estrutura geral do Parque.

Simultânea à execução do projeto para uma Escola de Dança, que, de alguma forma, já sintetiza a influência do parque enquanto espaço e obra, gerador de «circunstância», será utilizado, como elemento introdutório à caracterização do espaço atual do parque, uma breve reflexão, efetuada ainda no decorrer do período letivo.

⁴⁶ Siza, A. (2009). 01 Textos. Civilização Editora, Porto. (p. 284)



Figura 49, 50, 51, 52

Vista sobre Pavilhão de Tênis. Percurso para o Claustro. Transição da Alamedas, Amarela e Vermelha. Vista Panorâmica da Piscina da Quinta da Conceição. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira

Após nova visita ao Parque Municipal da Quinta da Conceição. Volto a deslumbrar-me com o espaço. A sua calma em contraste com a realidade próxima do Porto Comercial de Leixões ou mesmo com os dias de movimento da vizinha Exponor, sonoridades estas, constantes e dialogantes com o espaço da Quinta.

Não será este o único motivo de fascinação que este lugar me desperta. Enquanto estudante de arquitetura, a complexidade dissimulada no seu espaço é outro factor impactante; todo este legado histórico, os seus percursos, o contato com a natureza, as obras ali presentes, como se de facto lá morassem, a sua luxuriosa vegetação. São os factores que se destacam, neste espaço, perdido e achado, entre a azáfama contemporânea.

O parque que já fora muitas coisas, teve vários usos, outras dimensões, outros tempos, jaz agora conservado, enaltecido pela memória passada. Ora emerge um Pavilhão de Ténis, como uma extrusão em simbiose e harmonia com o espaço envolvente, ou se esconde uma Piscina, por entre muros brancos, que a encobrem, ao mesmo tempo que nos indicam um percurso.

Sobressai o seu esplendor, às mãos dos antigos e dos novos. Eis um Portal do estilo Manuelino revestido de esguia vegetação que serve uma passagem entre diferentes percursos, realidades distintas. Entre o espaço aberto, pavimentado, mão do homem e o espaço orgânico, quase intocado, da natureza que o envolve. Manifesta-se assim um rico vocabulário de formas, orgânicas e outras, quase naturais, que nos falam em diferentes línguas, pedindo a sua tradução, a cada percurso.

Surpreende-me, a cada visita, o tronco da outrora árvore, interrompendo um muro na escadaria de transição das alamedas que nada deve à estatuária presente. Mais do que objeto de contemplação, é alvo de respeito, transpira humildade na sua relação com a natureza construída.

Quase tudo se trata de sensações na Quinta da Conceição, são estes os legados deixados, tanto aqueles que perduram desde séculos passados, aos planeados na década de 50 e 60. E são estes que me influenciam no método e na forma de intervir.

Como a poderei prover sem a tornar menos digna ou opulenta.

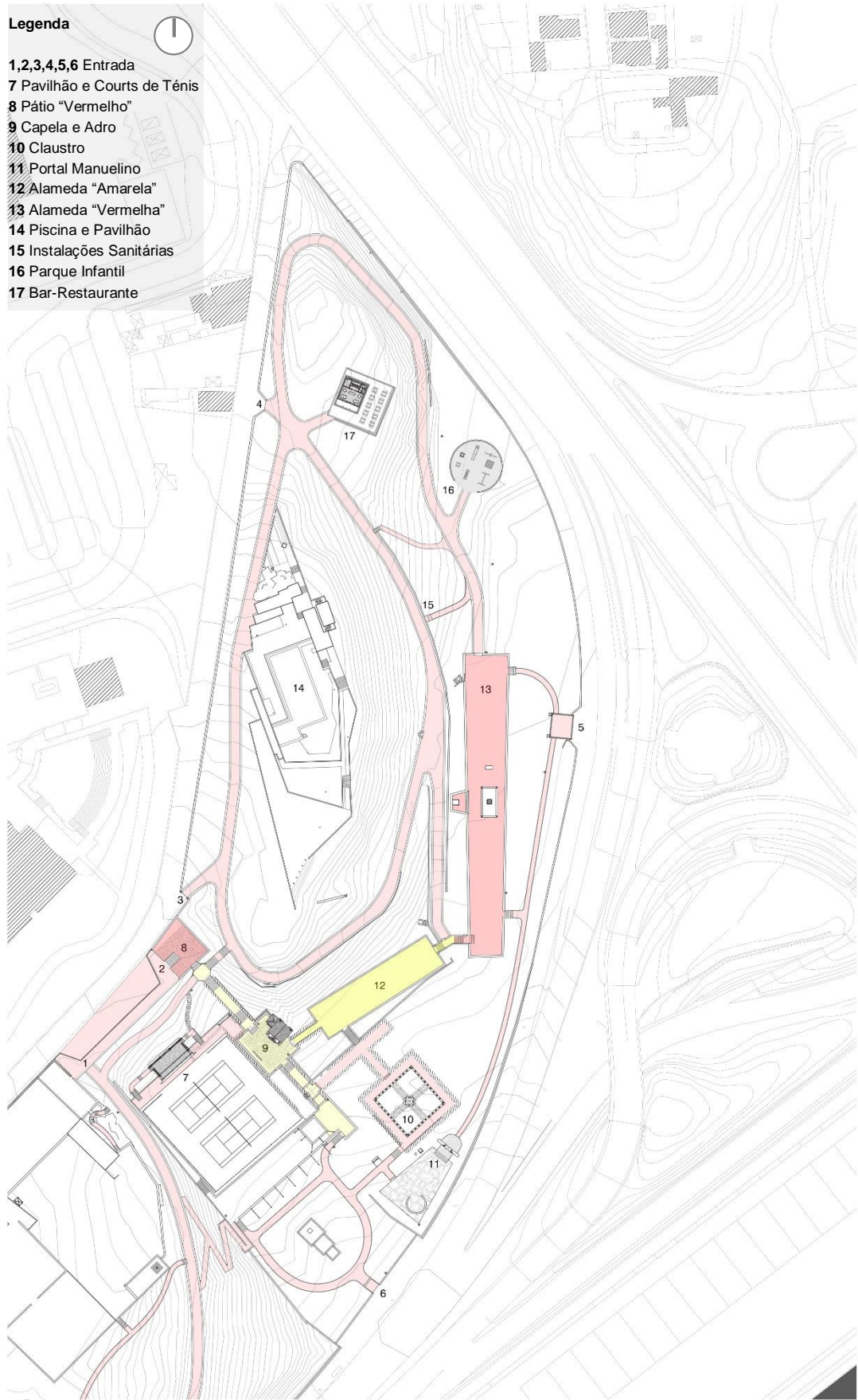


Figura 53
 Esquema Espacial e de Circulação baseado em Planta geral do estado atual da Quinta da Conceição.
 Sem data. Sem escala

Para a análise do espaço atual do Parque Municipal da Quinta da Conceição, com base na sua estrutura existente, decorrente dos planos efetuados por Távora e atenta ao Esquema Espacial e de Circulação (Figura 53) pretende-se uma separação, baseada na hierarquização dos espaços e percursos que servirá de guia na sua elaboração.

Para este efeito será feita uma aproximação, em primeiro lugar, ao esquema de acessos, nomeadamente às entradas ao Parque, seguida dos principais percursos no seu interior, atendendo à caracterização dos espaços e momentos transitórios que estes ligam.

Posteriormente, serão analisadas as mais importantes estruturas presentes no Parque relativamente ao seu teor compositivo na organização do espaço, assim como o espaço que as relaciona. Atento a Távora (2008) “ (...) o espaço que separa – e liga – as formas é também forma (...) ”.

Dos atuais acessos à Quinta, apenas um mantêm a estrutura e localização apresentada no Plano Geral de Távora (1957), tratando-se este do acesso Poente (1) e (2), onde se encontra o já planeado Pátio “Vermelho” (Figura 54).

Das restantes entradas a partir da Rua de Vila Franca, apenas duas assumem um aspeto formal de relevo para a estrutura do parque, dado que, a entrada (3) também a Poente e (4) a Norte apresentam um aspeto secundário. A entrada a Sul (6) faz a ligação com a Avenida Antunes Guimarães, da qual consta maior utilização por parte de visitantes, para aceder ao interior do espaço.

A nascente, a entrada (5) encontra-se centrada à estrutura do parque, fazendo a transição das comunicações com os parques de estacionamento presentes nos espaços intersticiais do nó viário do Itinerário Complementar 1 (IC 1).

Na entrada principal do espaço da Quinta da Conceição (6), observa-se uma clara transparência, sendo a transição imediata, sem qualquer constrangimento visual, estando marcada pelo eixo que se estabelece através das sucessivas plataformas onde consta o Pavilhão de Ténis e seus respectivos campos. Na entrada Nascente (5), ao contrário da anterior, verifica-se a intenção de criar um momento transitório, fazendo-se um recuo da mesma, relativamente ao eixo viário. Nesta, existe um pequeno pátio marcado por duas estátuas que convidam a entrada, delimitado a sua cercadura por sebes floridas.

Será dada maior importância à entrada Poente (2) onde consta o Pátio “Vermelho” (Figura 54), assim nomeado pela cor que os seus muros apresentam, contrastando com o verde da abundante vegetação do Parque. A simbiose entre o natural e a natureza construída.

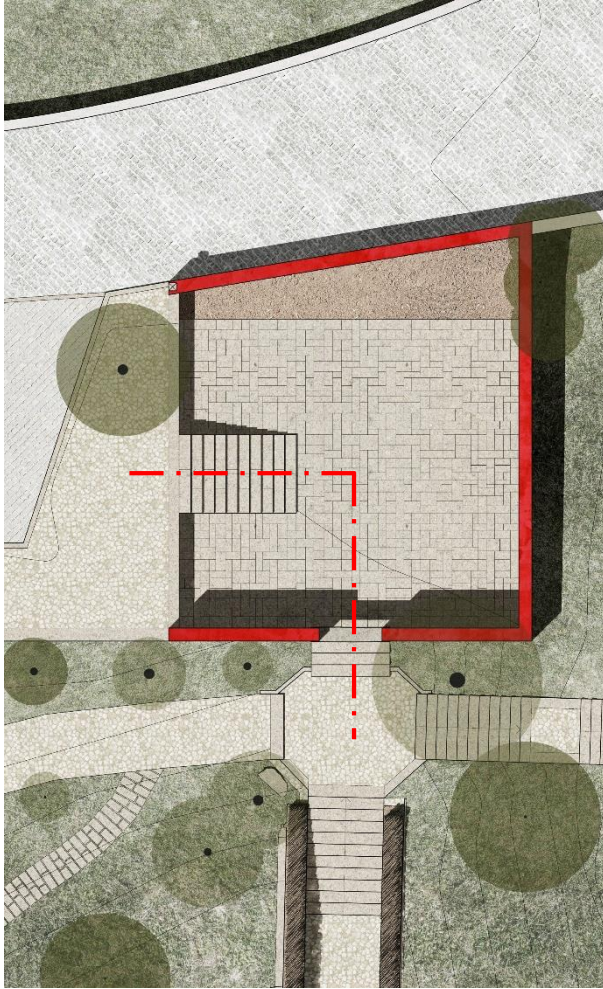


Figura 54

Esquema em Planta do Pátio Vermelho, Sem escala, com base em Furtado (2015)

Figura 55

Vista da Entrada Poente, acesso à Rua de Vila Franca. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira

Figura 56

Pátio Vermelho. Acesso ao Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira

Figura 57

Casa Eduardo Prieto Lopez (1950), Luis Barragán. México

Figura 58

Unidade Residencial de Ramalde, Távora (1952-60)



A entrada é feita através de uma escadaria que nos introduz a um pátio murado em três lados, dos quais, um, quebrando a ortogonalidade do espaço, conforma-se à Rua de Vila Franca. A axialidade da transição, feita a 90° entre a Rua de Vila Franca e a Avenida permite a completa abstração da envolvente exterior à Quinta, como uma mudança de realidades, do meio exterior ao interior.

A abertura no muro perpendicular à avenida é marcada através de um lintel em Granito (Figura 56), para onde estaria planeado anteriormente, no Anteprojeto do Plano Geral do Parque (1956), assim como nos restantes acessos, uma pala em betão fazendo clara alusão às entradas da Unidade Residencial de Ramalde (Figura 58).

Segundo Furtado (2015), *“Essa vontade terá desaparecido com a visita de Távora ao Palácio de Katsura, aquando da sua viagem de 1960, onde terá visitado a ‘porta’ para os jardins do palácio, e transportado e reinterpretado aquele gesto no pátio vermelho, petrificando a trave de madeira em granito.”*. Ainda, segundo Furtado (2015), Távora atua como Regionalista Crítico ⁴⁷. *“ (...) no sentido que ‘desconstrói’ a totalidade da cultura mundial que herda, removendo-a do ecletismo que se apropriou de formas exóticas e alienígenas de forma a ‘revitalizar a expressividade de uma sociedade enervada’.”*

A cor usada no revestimento dos muros, também presente nas alamedas do Parque, remetem a uma postura similar observada na obra do arquitecto Luis Barragán. No regionalismo mexicano, onde, no caso da Casa Eduardo Prieto Lopez (1950) (Figura 57) ou dos Jardins de El Pedregal e La Cuadra San Cristóbal (Figura 59) concluídos em (1969), é possível observar o uso da cor enquanto elemento provedor de contraste espacial, podendo até, servir como denominador na identificação do espaço.

O pavimento do pátio encontra-se forrado a lajeado granito serrado, observando-se uma composição formal ortogonal, irregular no seu desenho, assumindo diferentes variações na sua dimensão e orientação. Através deste, podemos formalizar uma ideologia de criação de diferentes hierarquias espaciais, através do seu uso, nos espaços que assumem maior relevo na estrutura do parque, tais como as principais entradas, o adro da Capela ou a transição entre as alamedas amarela e vermelha.

No pátio encontramos também um jogo sensorial, orquestrado por elementos que constituem a arquitectura; a textura, a cor, o volume e o revestimento.

⁴⁷ A estratégia fundamental do Regionalismo Crítico é a mediação do impacto da civilização universal com os elementos derivados indirectamente das peculiaridades de um espaço em particular. Tornando-se assim claro que o Regionalismo Crítico depende da manutenção dos altos níveis de auto-consciência crítica. Poderá encontrar a inspiração que o governa em aspectos tais como o alcance e qualidade da luz local, ou na tectónica derivada de um modo estrutural peculiar ou ainda na topografia de um determinado sítio.



Figura 59

La Cuadra San Cristóbal e Fonte dos Amantes (1964-69), Luis Barragán. México. Sem data

Figura 60

Vila Imperial de Katsura (2010), entrada Miyukimon, Quioto

Figura 61

Entrada Nascente, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira



Figura 62

Entrada Sul, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira

Figura 63

Capela de S. Francisco e adro, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira

Figura 64

Vista sobre a avenida com pátio vermelho ao fundo, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira



A avenida (Figura 64) aparece como o principal eixo percorrível do espaço analisado, do qual se estabelecem várias ligações às restantes zonas do Parque, tais como o Pavilhão de Ténis e Piscina na sua cota superior, os campos de Ténis e às diferentes Alamedas na cota intermédia e por fim, o outrora espaço conventual na sua cota mais baixa.

A definição de diferentes níveis ou plataformas ligadas através de escadarias torna evidente a intenção de adequação à diferença de cotas que vence, de forma a tornar o percurso contemplatório das diferentes fases que perfaz. Observa-se ainda, a introdução de elementos de destaque nos remates do seu eixo e ligações, como acontece no percurso que liga ao claustro, simbolizado pelo recorte da faixa de sebe onde se encontra um pequeno fontanário ou no seu remate a Sul, simbolizado por um arco em betão, contido no antigo espaço conventual, ao qual não se estabelece contacto directo.

O campo visual aparece restringido pela implementação de sebes altas, que acompanham o percurso de ambos os lados, reforçando assim o seu carácter linear e dissimulando a diferença de níveis das áreas envolventes. É também possível constatar a separação visual que estas pretendem criar relativamente às estruturas circundantes, tais como os Campos de ténis e respectivo Pavilhão.

O pavimento é de seixo de granito, ao contrário da estrutura anteriormente referida, estabelecendo-se assim uma hierarquia intermédia ou um desejo de caracterizar este eixo com um teor informal, relativamente ao seu aspecto geometrizado.

Centrado no esquema do eixo, na cota intermédia, encontra-se o pátio da Capela de S. Francisco (Figura 63), delimitado por sebes de buxo seguidas de um pequeno muro que enfaza as diferentes transições que a partir daqui se estabelecem. O seu pavimento é semelhante ao encontrado no pátio vermelho, perdendo a ortogonalidade do seu desenho, neste aparece um banco que se encontra paralelo ao eixo da capela refletindo a intenção de criar um espaço de repouso e contemplação simultaneamente, onde a capela surge como elemento nuclear.

Através do pátio, estabelece-se a ligação à alameda amarela, um percurso marcado pelo seu aspeto informal, com pavimento de terra batida e ladeado novamente por sebes.

Anterior à plataforma na zona mais baixa da avenida, da qual consta o tanque que nos remete à herança conventual da Quinta, encontra-se um pequeno caminho de carácter labiríntico devido ao seu remate indefinido e eixos visuais comprometidos por sebes. Deste, surge perpendicular, a ligação do espaço do Claustro à Alameda Amarela.



Figura 65
Esquema em Planta do Pátio da Capela, Sem escala,
com base em Furtado (2015)



Figura 66
Transição das Alamedas, Parque Municipal da Quinta da
Conceição (2016). Leça da Palmeira



Figura 67
Alameda Amarela, Parque Municipal da Quinta da
Conceição (2016). Leça da Palmeira

Figura 68
Alameda Vermelha, Parque Municipal da Quinta da
Conceição (2016). Leça da Palmeira



No remate do eixo, o campo visual é fechado pela copa das árvores remetendo a uma viragem de direcção. Este gesto, tirando partido do “natural” leva a encontrar a escadaria que faz a ligação à principal entrada da Quinta, através de caminhos, que por sua vez, comunicam também com o espaço conventual, onde se insere o Portal Manuelino.

A alameda de menor dimensão (Figura 67) aparece novamente marcada pelo uso da cor, neste caso amarela, podendo tratar-se de um gesto relativo à facilitação da identificação do espaço.

A sua estrutura é geometrizada, de aspeto rectangular, observando-se um caracterização informal através do seu pavimento em terra batida reforçado pela intercalação das linhas de árvores paralelas ao seu eixo central. As principais entradas, dispostas nos remates, são pontuadas pela introdução de estatuária em diálogo frontal.

A partir da alameda amarela estabelece-se um dos momentos de maior tensão do parque, uma escadaria, resultante da ligação à alameda vermelha e aos restantes percursos de carácter orgânico da zona Norte do parque.

“(…) uma escadaria que articula a ‘alameda vermelha’ e a ‘alameda amarela’, um momento de grande tensão, onde dois sistemas ortogonais diferentes se interceptam, com cores opostas; uma dramática oposição entre a árvore preexistente e o muro que esta interrompe, representando um confronto entre a natureza e obra humana.”⁴⁸

Na alameda vermelha (Figura 68), apesar da sua maior dimensão, encontra-se um espírito e definição similares à alameda amarela, sendo estas contíguas. A zona central encontra-se marcada por um chafariz e um nicho que encerra uma fonte com espaldar. O muro de suporte de cor vermelha contrasta com um outro, recuado e de aspeto primitivo, lembrando uma muralha, estabelecendo um diálogo entre o vernacular e o moderno.

Encontram-se ainda, ligados através dos elementos descritos, uma série de percursos no Parque, que ligam as diferentes estruturas, equipamentos e realidades presentes. Estes, não menos importantes no carácter compositivo, assumem linguagens distintas, predominantemente orgânicas no que toca ao seu desenho, em contraste oposto aos elementos fortemente geometrizados, impostos no local, o diálogo entre artificial e natural. O seu esquema de ligações permanece fiel, quase na totalidade, ao projetado por Távora nos Planos da Quinta.

⁴⁸ Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, (2015). *Sobre o Projeto-de-Arquitetura de Fernando Távora*. (p.206)



Figura 69
Parque Infantil, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira



Figura 70
Bar-Restaurante, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira



Figura 71
Pavilhão de Ténis, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira



Figura 72
Piscina Municipal, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira

A Norte do parque, encontram-se dois equipamentos, o Parque infantil (Figura 69) e o Bar-Restaurante (Figura 70), ligados pelos percursos anteriormente descritos a diferentes cotas. O primeiro, de planta circular e escala reduzida, assume em parte a localização adoptada por Távora nos seus planos, numa zona plana de cota baixa. Já o segundo, outrora Casa do Guarda, foi transformado no projeto de revitalização das Quintas da Conceição e Santiago, em 2000, sendo este frequentemente utilizado para piqueniques e outras atividades de lazer.

O Pavilhão de Ténis (Figura 71) surge, em conjunto com a Piscina, ligado à avenida através de percursos oriundos da sua zona de cota mais alta. No seu alçado Poente encontra-se paralelo à entrada da Quinta e a sua integração é dissimulada pela vegetação que o rodeia, ao contrário do que acontece na sua frente voltada a Nascente onde se observa a necessidade de marcar um ponto de referência no Parque.

*“ (...) marcar o parque com um edifício, criando até um objecto dotado de presença, que afirmasse o eixo dos campos de ténis e que servisse de ponto de referência”.*⁴⁹

Tirando proveito do tanque outrora existente, a Piscina Municipal (Figura 72) comunica na horizontalidade da organização do espaço da Quinta, onde a sua presença é marcada pelos muros altos de cor branca que conformam várias plataformas, limitando os eixos visuais e nunca permitindo a observação da sua estrutura interior.

Do “espaço conventual” (Figura 73) constituído pelo claustro e o que resta da porta da antiga igreja do Convento, o Portal Manuelino, consta um pátio de desenho trapezoidal, a afunilar no sentido do portal, com um banco de desenho circular rematando dois eixos, provenientes da avenida e da passagem para a Alameda vermelha. O seu pavimento misto composto por lajetas de granito e seixo indicam dinamismo na sua concepção, tratando-se este de um espaço de repouso e transição. Aqui encontram-se diversos elementos que evocam a memória histórica, circunstância passada.

O Portal Manuelino (Figura 76) surge como um elemento que evoca a transição ocorrida no pátio vermelho, através da abertura que enuncia a entrada na Quinta. Este, tal como a anterior faz a distinção entre duas realidades, entre o artificial e o natural, reformulando-se numa zona de campos visuais abertos, desafogados, de pavimento rígido, para uma zona onde predomina o meio natural. Feita a transição, o plano superior aparece preenchido pela copa das árvores, num jogo de claro-escuro, no qual o pavimento em terra, dialoga com a informalidade do percurso que leva à alameda vermelha e à entrada Nascente.

⁴⁹ Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, (2015). *Sobre o Projeto-de-Arquitetura de Fernando Távora.* (p.206)



Figura 73
Esquema em Planta do Espaço Conventual, Sem
escala, com base em Furtado (2015)

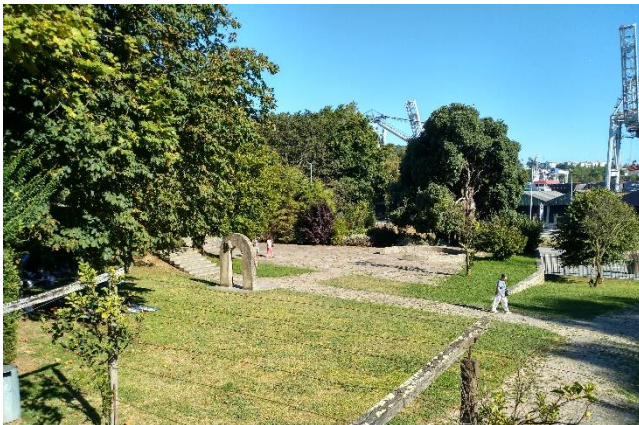


Figura 74
Espaço Conventual, Parque Municipal da Quinta da
Conceição (2016). Leça da Palmeira



Figura 75
Claustro, Parque Municipal da Quinta da Conceição
(2016). Leça da Palmeira



Figura 76
Portal Manuelino, Parque Municipal da Quinta da
Conceição (2016). Leça da Palmeira

As ruínas do claustro (Figura 75) transpiram a tranquilidade e intimidade de um espaço conservado, envolto por sebes, numa alusão ao que terão sido as suas paredes, uma intenção que realça o aspeto contemplativo desta estrutura. Os caminhos de terra batida acompanham o que resta da colunata do qual se originam os dois eixos que definem o espaço central, marcado por um chafariz. Os acessos axiais, um perpendicular e outro tangente, reforçam uma experiência dinâmica, através de diferentes aproximações.

Numa breve síntese à análise efetuada, é-nos possível apreender, *in situ*, preservadas numa relação de simbiose, as diferentes circunstâncias da memória passada do espaço conventual na estrutura hoje existente. Essa relação regista-se, não só no aspeto formal e espacial, mas também no carácter intemporal e espiritual, uma transição que o espaço sofreu ao longo das diferentes gerações.



Figura 77
Vista Poente, Pavilhão de
Tênis. Parque Municipal da
Quinta da Conceição (2016).
Leça da Palmeira



Figura 78
Vista Nascente, Pavilhão de
Tênis. Parque Municipal da
Quinta da Conceição (2016).
Leça da Palmeira



Figura 79
Vista panorâmica,
Pavilhão e Campos de
Tênis. Parque Municipal
da Quinta da Conceição
(2016). Leça da Palmeira

O Pavilhão de Ténis (Figura 77, 78) projetado em 1957, tal como a Piscina de Álvaro Siza, surge na tentativa de criar um ponto de referência na estrutura do Parque, através da criação de um eixo que relaciona em simultâneo os campos de ténis e a principal entrada do Parque. A sua integração é feita de forma a adequar a diferença de nível das plataformas propostas, uma superior, por onde se estabelecem os acessos à tribuna, com vista sobre os campos de ténis, e outra, inferior que dispõem dos campos de ténis e serviços, ligada por escadaria ao ar livre, paralela aos muros de suporte laterais do Pavilhão.

Távora (1957a) realça na memória descritiva e justificativa, a importância da relação do edifício com o terreno através de uma implantação respeitadora da circunstância local *“o cuidado que presidiu à integração do edifício dentro das condições naturais do terreno e ao espírito da sua concepção que nos conduziu ao Projecto de um edifício francamente moderno sem que, no entanto, a sua realização possa, de qualquer modo, ofender as características do sítio.”*

Podemos assim, observar um edifício interveniente na organização do espaço, atento à terceira via defendida por Távora, que organiza eixos visuais, serve de miradouro e estrutura vários percursos.

Na sua composição observam-se vertentes neoplásticas⁵⁰ e brutalistas, conjugando influências modernas e vernaculares através dos seus planos que não se intersectam. Atende também à formalização dos seus detalhes construtivos resultando de uma intenção programada. A forma como relaciona os diferentes materiais empregues na síntese volumétrica, o uso da luz e da cor no espaço desenhado, aparecem aliados numa clara definição das suas intenções. Segundo Clementino (2013), *“Esta forma quase neoplástica de tratar o desenho do edifício é algo já experimentado no resto da Europa, como em Alvar Aalto na Finlândia, James Stirling na Inglaterra e Gian di Carlo em Itália.”*

As paredes no piso superior, embora não afirmando tratar-se de elementos estruturais, recorrem a pilares de granito que, sem tocar o chão, e em conjunto com uma viga de betão longitudinal, suportam a estrutura de vigas transversais de madeira da cobertura de uma água. Assim, sem nunca tocarem o plano superior criam ligeireza e transparência opostos à definição de monumentalidade.

Embora exista simetria no piso superior da tribuna, esta, é quebrada no piso inferior, no muro de suporte em granito que esconde as áreas de serviço, vestiário e arrumos, através da posição das portas que relacionam os serviços com o campo de Ténis. O carácter estático é dominado com a introdução da varanda que se prolonga da tribuna, introduzindo dinâmica na sua utilização. O betão à vista e a forte presença dos materiais vernáculos enfazam a vertente brutalista do edifício.

⁵⁰ O neoplasticismo, originário do movimento artístico De Stijl 1917. As suas normas arquitetónicas encontram-se expressas no livro *Os 17 pontos da arquitectura neoplástica*, Theo Van Doesburg, 1925.

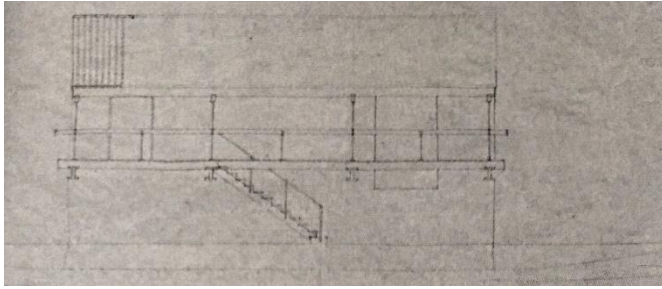


Figura 80
 Desenho de estudo. Alçado Nascente do Pavilhão de Ténis. Quinta da Conceição. Matosinhos. Sem data. Sem escala



Figura 81
 Vista interior da Tribuna do Pavilhão de Ténis. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira

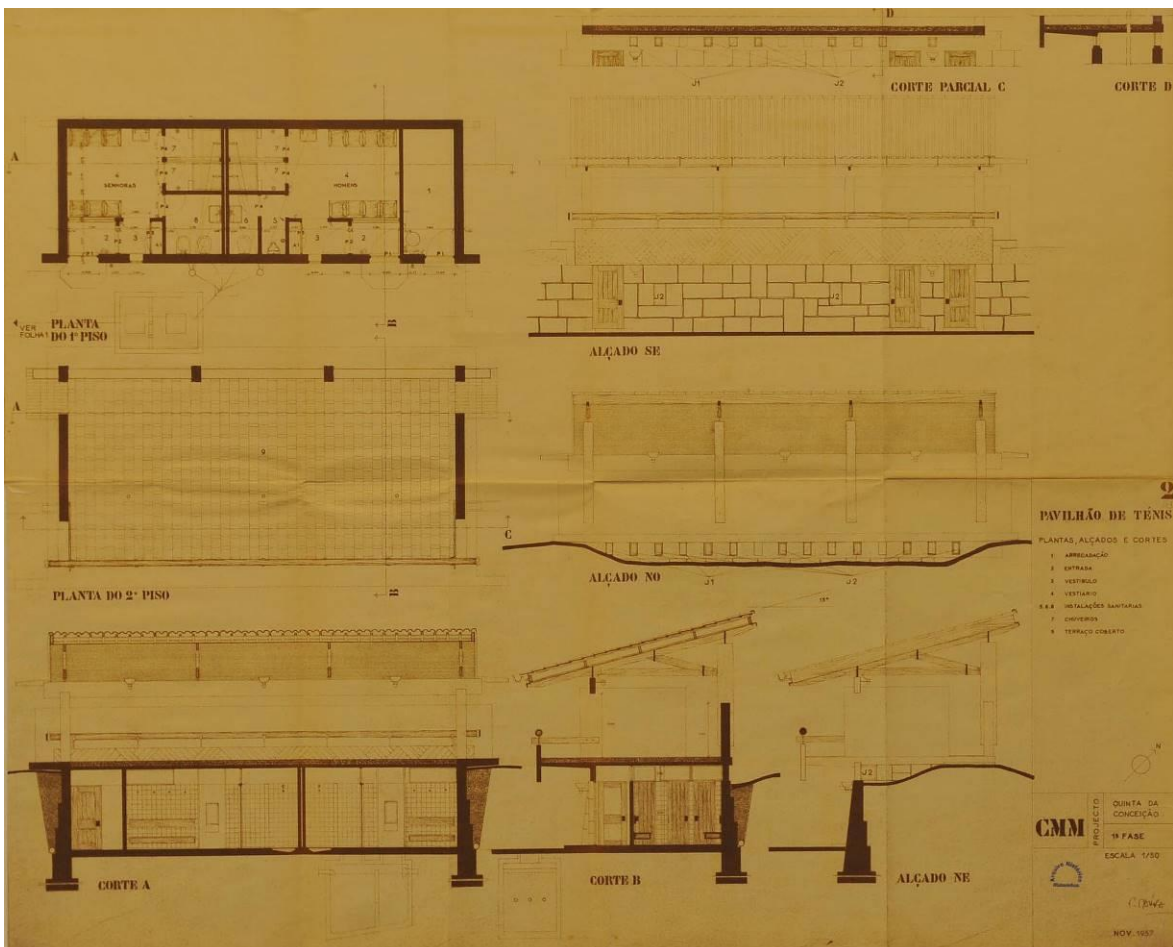


Figura 82
 Plantas, Alçados e Cortes da 1ª Fase do Projecto do Pavilhão de Ténis (1957). Quinta da Conceição. Leça da Palmeira. Sem escala.

“(…) o Pavilhão é talvez a obra mais acabada, aquela onde o domínio da escala é tão seguro que conta com a própria natureza dos materiais (o carácter táctil da madeira, ou a dureza incisiva dos panos cheios); aquela em que se adoptam com realismo materiais e técnicas tradicionais, mas submetidos a uma conversão de modernidade no conceito dos volumes, dos planos, do claro-escuro, do vigor”.⁵¹

Interessante de igual modo é a caracterização introduzida pelo Arq. Fernando Távora, ao afirmar a inutilidade do Pavilhão na sua vertente funcional, relativamente à Tribuna, oposto claro, ao funcionamento do piso de serviços.

“O mais curioso é que a tribuna do pavilhão não funciona porque é desconfortável e a visibilidade sobre os campos é má; tal facto não me preocupa grandemente porque se trata de mais um caso, entre tantos, em que o elogio máximo que pode fazer-se-lhe é de *que não serve para nada*, excepto, naturalmente, as suas instalações situadas em baixo (…)”⁵²

Através da introdução da guarda opaca em betão da tribuna em conjunto com um guarda-mão em madeira, que atravessa toda a sua extensão fixo através de aros metálicos, o campo visual sobre os campos de ténis aparece comprometido, excepto, se o observador se situar na primeira fila. Este elemento demonstra uma intenção diferente numa primeira proposta, onde se encontra o guarda-mão e a tribuna suportados por elementos metálicos.

Este aspecto, tal como outros detalhes construtivos, puderam ter evoluído no seguimento das viagens efectuadas por Távora em 1960.

“(…) fui ao Japão depois de fazer o projecto do Pavilhão, mas antes da sua execução. Há alguns detalhes que resultaram da viagem (…) É possível que também haja [no projecto] alguma distante influência oriental, porque também a há na arquitectura tradicional portuguesa a partir do século XVI”.⁵³

Ainda, segundo Trigueiros (1993), “*K. Frampton encontrará, por sua vez, no pavilhão ‘delicately oriental if no outright japanese allusions, that emanate from the wooden handrail and from the exposed timber trusswork of the roof’*”.

⁵¹ Portas, N. (1961). *Arquitecto Fernando Távora: 12 anos de Actividade Profissional, Arquitectura n.º 71, Lisboa* Cit in. Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, (2015). *Sobre o Projeto-de-Arquitetura de Fernando Távora*. (p.111)

⁵² Távora, F. (1961), *Pavilhão de Ténis. Quinta da Conceição, 1956-1960* Cit. In Trigueiros, L. (1993) *Fernando Távora*. Blau: Lisboa. (p. 74)

⁵³ Távora, F. (1961), *Pavilhão de Ténis. Quinta da Conceição, 1956-1960* Cit. In Trigueiros, L. (1993) *Fernando Távora*. Blau: Lisboa. (p. 30)



Figura 83

Vista do Guarda-Mão e interior da Tribuna do Pavilhão de Ténis. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira

Figura 84

Pequena ponte de pedra e Guardas laterais (2010). Kinkaku-Ji. Quioto. Japão

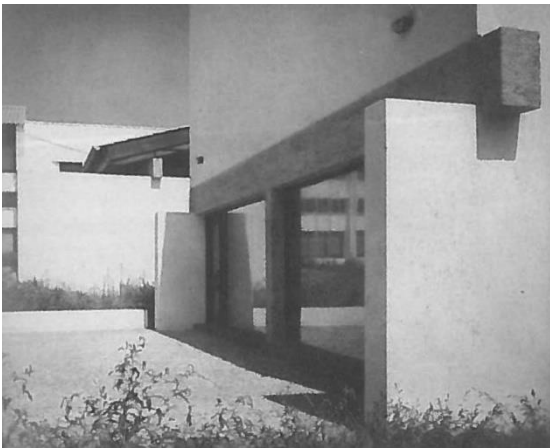


Figura 85

Escola Primária do Cedro (1957-61), Fernando Távora. Vila Nova de Gaia

Figura 86

Casa Ferreira da Silva (1955-56), Fernando Távora. Ofir

Figura 87

Casa Schroeder (1924-25), Gerrit Rietveld. Utrecht. Holanda

Figura 88

Taliesin West (1937), Frank Lloyd Wright. Scottsdale. Arizona



Autores, tais como Lima (2012), Reis (2005) e Furtado (2015) reforçam esta influência oriental na execução do pavilhão, no entanto, Clementino (2013), refere que o toro de madeira da guarda poderá tratar-se de uma reinterpretação do movimento De Stijl, nomeadamente a Casa Schroeder (Figura 87) de Gerrit Rietveld⁵⁴ (1924-1925), “*numa vertente escultórica, quase decorativa*”, possivelmente referindo as vigas metálicas que se apresentam como elementos compositivos da fachada sem qualquer carácter estrutural. Furtado (2015) refere também o jogo de planos sobrepostos na Casa Schroeder como possível referência aos planos de betão armado que não se intersectam criando passagens para o interior da tribuna, assim como transparência visível a partir do exterior.

A visita a Taliesin West (1937) (Figura 88) segundo Furtado (2015) terá influenciado o desenho dos muros de suporte em granito no piso inferior, assim como o aspeto formal da cobertura.

No pavimento do Pavilhão observa-se um mosaico de cerâmica intercalada com mármore com possível referência à intervenção de Carlo Scarpa⁵⁵ no Museu de Castelvecchio (1959-1973).

Analisando outras obras de Fernando Távora, observa-se clara alusão a uma linguagem formal similar à usada no Pavilhão de Ténis. Na Escola Primária do Cedro (1957-1961) (Figura 85) ou na Casa Ferreira da Silva (1955-1956) (Figura 86), os panos de paredes soltos da cobertura em conjunto com a viga de betão que a intersecta são características em comum.

⁵⁴ Gerrit Thomas Rietveld, 1888-1964. Arquiteto Holandês

⁵⁵ Carlo Scarpa, 1906-1978, Arquiteto Italiano

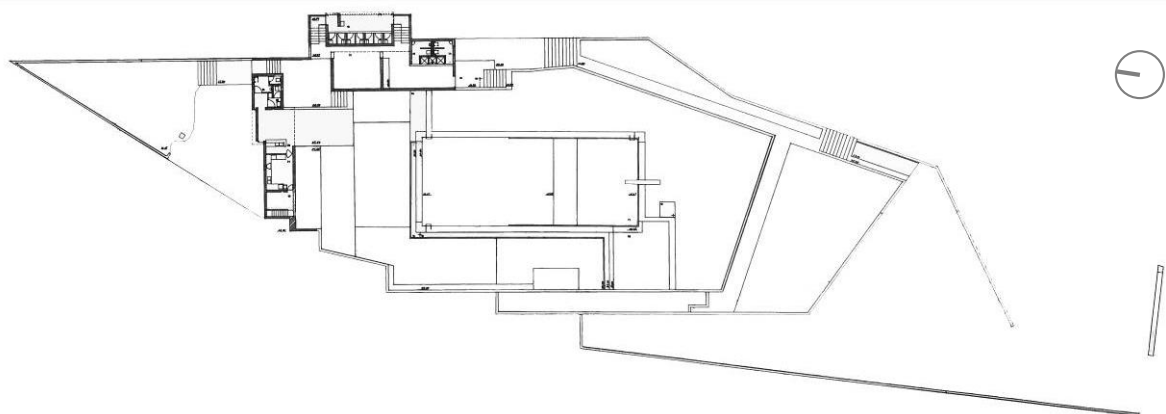


Figura 89

Vista sobre a entrada da Piscina, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira

Figura 90

Planta da Piscina da Quinta da Conceição, Parque Municipal da Quinta da Conceição. Leça da Palmeira. Sem data. Sem escala



Já conhecidas as propostas antecedentes para este equipamento, através da análise efetuada na caracterização do espaço atual da Quinta da Conceição, propõem-se a focalização no equipamento atual, tendo em conta os projetos para ele planeados no período que compreende a sua execução (1958-1966).

O edifício da Piscina encontra-se situado, como já antes referido, em conjunto com o Restaurante planeado por Távora “projeto não executado”, na zona de cota mais alta da Quinta. Tirando proveito do outrora Campo de Rega e da plataforma que o continha.

“ (...) o recinto das piscinas descobre-se como uma cidadela fechada entre paredes, ou ‘um pátio murado [...], que parece simultaneamente Islâmico e Xinoísta’.”⁵⁶

Dissimulado entre as folhagens da copa das árvores e filtrando-se de igual forma por entre os diversos troncos - trata-se da zona de mais densa arborização da Quinta - encontramos a sua entrada, a Norte, através dos percursos orgânicos que o circundam. Ali, estabelece-se uma plataforma de ângulo agudo “*em forma de cunha*” Trigueiros, Barata (1997) enfazada pelo diálogo tenso entre a estátua que emerge da rocha e um prisma em betão que marca a axialidade da rotação do percurso. Este último comunica com o pavimento de material similar que se encontra recortado no sentido em que alcança profundidade, transposto por troncos de árvores, respeitando assim a natureza existente e procurando a sua desmaterialização.

O acesso posterior à entrada é feito através de uma série de plataformas e escadarias, não revelando de imediato o seu interior. Este percurso quebra a composição dos edifícios de apoio, dispostos numa configuração paralela à Piscina, em forma de L. A nascente encontram-se casas de banho, cacifos e balneários aproveitando o desnível da cota que permite estabelecer dois pisos para os diferentes sexos. Já a norte, estão as bilheteiras, arrecadações e cafetaria, num simples edifício de um piso que dialoga de forma aberta com a Piscina.

Tirando proveito da topografia, Álvaro Siza cria plataformas muradas através do aproveitamento de desníveis a Sul, solários, que funcionam em conjunto com a Piscina. Trigueiros, Barata (1997) “*Dentro deste recinto, a noção de promenade architecturale torna-se o tema essencial do projecto.*”

⁵⁶ Trigueiros, L., Barata, P. M. (1997) *Álvaro Siza 1954-1976*. Blau (p. 43)

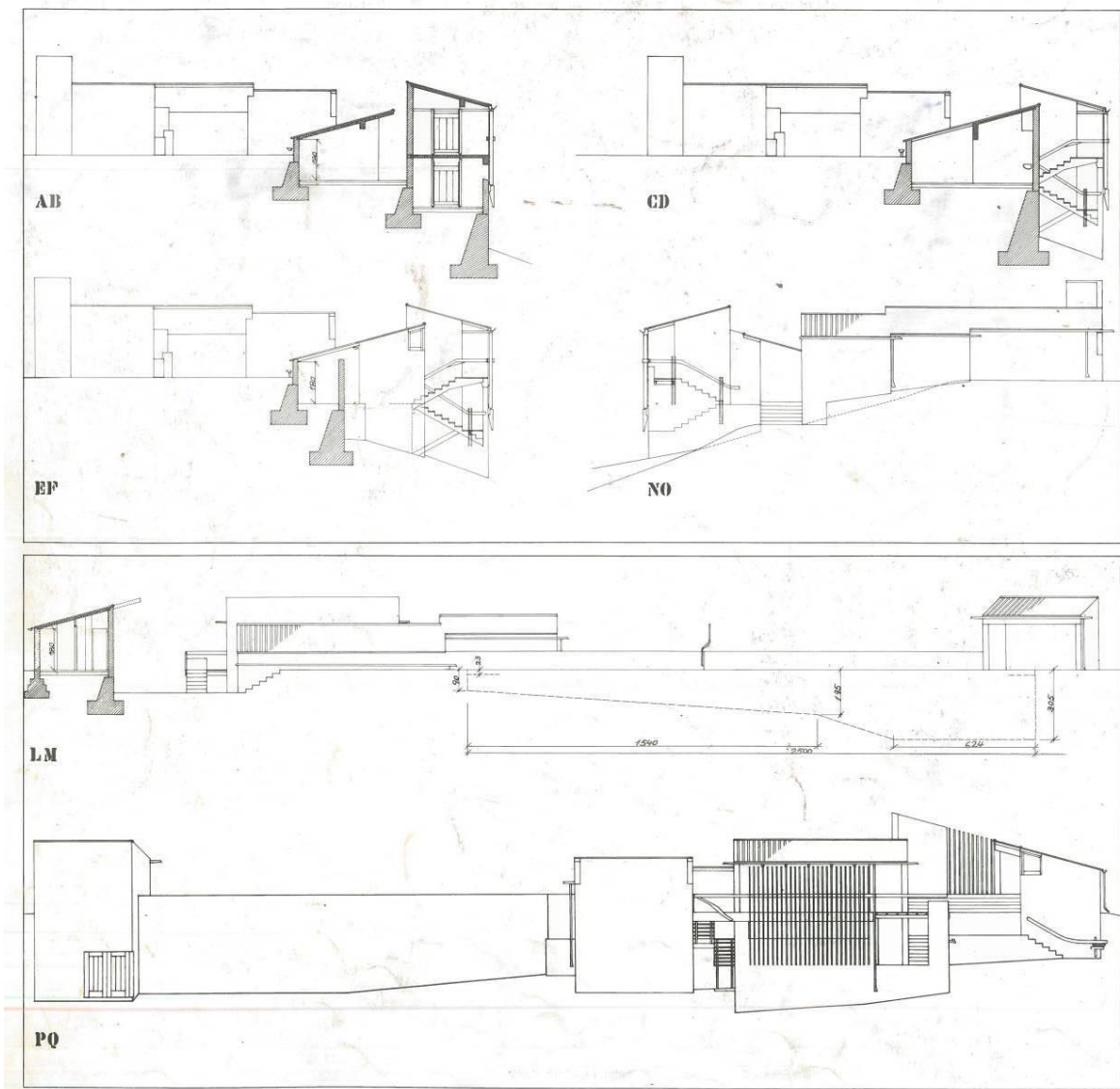


Figura 91
 Alçados e Cortes da Piscina da Quinta da Conceição, Parque Municipal da Quinta da
 Conceição. Leça da Palmeira. Sem data. Sem escala

Os percursos que reforçam esta ideia de *promenade architecturale* estabelecem-se permitindo ao visitante diferentes formas de visitar o espaço, criando uma circulação periférica à Piscina, através da qual se acede aos diferentes espaços de apoio e plataformas, à final, centrípeta, encaminhando de novo à Piscina.

*“Situando-se entre a modernidade e os resíduos de uma condição rural, o conjunto tanto pode ser entendido pela essencialidade abstracta das suas paredes brancas, como pela escala pitoresca de um pátio agrícola. Ambos pontos de vista coexistem numa preocupação reflexiva sobre a tradição e os problemas decorrentes de uma modernidade em rápida mudança”*⁵⁷

Para compreender este diálogo entre vernacular e moderno, poderá relacionar-se a obra de Siza com a obra do seu mentor Fernando Távora, de facto, seriam tempos de mudança na interpretação da linguagem arquitectónica. Esta, obtida através do cruzamento das influências históricas presentes na Quinta, assim como no contexto nacional precedente. Esta circunstância, já abordada como denominador comum na intervenção de Távora para o parque, surge mais uma vez na obra de Siza, reforçando a ideia de horizontalidade na organização do espaço.

No entanto, as intervenções são distintas, sugerindo diferentes adaptações à realidade existente, assim como, ao programa envolvido. Em Siza observa-se um carácter introspectivo, no qual a Piscina vive do seu interior, contemplando a envolvente natural através de campos visuais fechados pela densa vegetação. Garante assim, uma intimidade programada, típica da adaptação a um programa de teor reservado. Tal não acontece, em parte, nas Piscinas de Leça da Palmeira (1966), onde se observa a oposição da clausura dos balneários em contraste com o diálogo entre o mar e a Piscina, em que os planos inferiores se relacionam na cota mais baixa.

Será também evidente a circunstância criada pelo programa dos espaços em questão. No caso do Pavilhão de ténis de Távora, a sua especificidade programática e a sua relação com o Campo de Ténis torna necessária a elaboração de diferentes estratégias de carácter formal e funcional.

É assim, possível, a identificação de similaridades na composição dos dois equipamentos. As coberturas de uma água, as linguagens e os materiais usados, o diálogo com o meio envolvente e a intenção de evidenciar os sistemas construtivos.

⁵⁷ Trigueiros, L., Barata, P. M. (1997) *Álvaro Siza 1954-1976*. Blau (p. 43, 44)



Figura 92
Vista sobre o alçado nascente da Piscina, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira



Figura 93
Casa experimental Muuratsalo (1953), Alvar Aalto. Finlândia

*“ (...) as paredes brancas correspondem, não a uma cobertura plana, mas a telhados de uma água única. E se por um lado estes telhados estão frequentemente ocultos na simplicidade linear dos edifícios, por outro, eles estão também ao alcance da mão, implantados como parte de uma paisagem construída. Um pressuposto dialéctico semelhante é revelado no sistema construtivo, que combina tecnologia tradicional, e sistemas construtivos contemporâneos.”*⁵⁸

Esta relação entre sistemas construtivos encontra-se sintetizada no suporte das lajes de betão “contemporâneo” por paredes de alvenaria de granito “tradicional”, ambos de cor branca, obtendo-se uma leitura monolítica, oposta a uma junção de componentes de diferentes características. A introdução de elementos de madeira, ou a cobertura em telhas de barro sugerem uma conexão ao contexto tradicional, onde se observam influências da obra de outros arquitetos, tais como Alvar Aalto.

Ainda, segundo Furtado (2015) observa-se uma relação com a obra de Frank Lloyd Wright *“com a natureza e com a reinterpretação de elementos como a plataforma, fundindo-os com uma noção moderna de espaço.”*

No alçado nascente (Figura 92), observa-se um ripado vertical em madeira, enquadrado por muros brancos, onde encontramos uma relação clara com a obra do arq. Alvar Aalto, em particular com a Casa Muuratsalo (1953) (Figura 93), onde consta um elemento de características semelhantes.

*“As Piscinas da Quinta da Conceição, envoltas numa nostálgica poética, evocam na nossa memória, um tempo não tão distantes em que a disciplina do arquitecto e o trabalho do artífice estavam integrados.”*⁵⁹

⁵⁸ Trigueiros, L., Barata, P. M. (1997) *Álvaro Siza 1954-1976*. Blau (p. 44)

⁵⁹ Trigueiros, L., Barata, P. M. (1997) *Álvaro Siza 1954-1976*. Blau (p. 47)

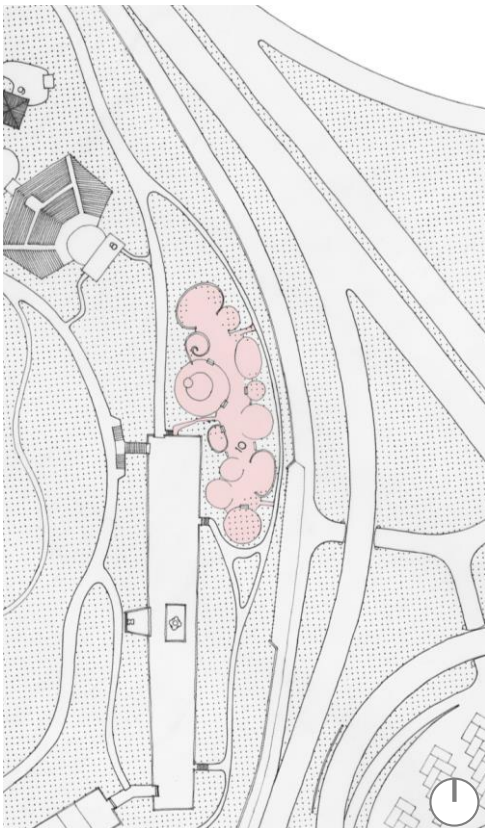


Figura 94

Parque Infantil, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016), Leça da Palmeira

Figura 95

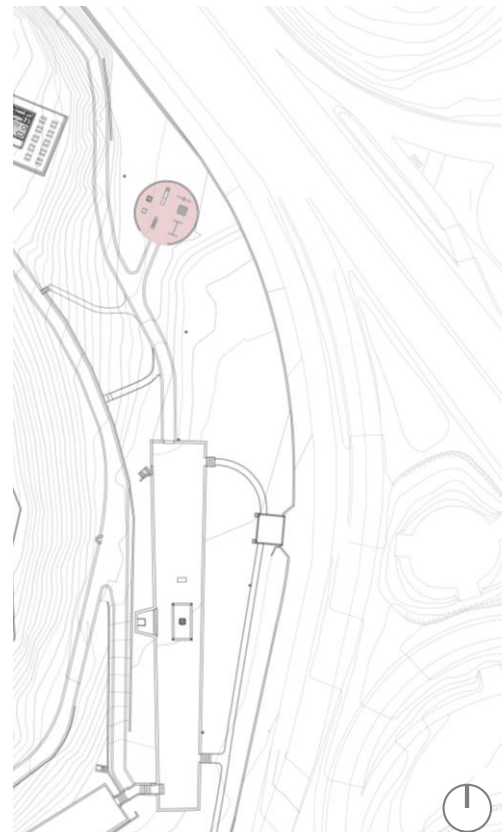
Esquema demonstrativo da proposta do Parque Infantil baseado em extracto do Plano Geral de (1957). Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala



76

Figura 96

Esquema demonstrativo da proposta do Parque Infantil baseado em extracto da Planta do estado atual da Quinta da Conceição, com base em Furtado (2015). Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala



O Parque infantil (Figura 94) poder-se-ia facilmente incluir na lista de equipamentos não construídos. Uma vez que, do carácter delineado por Fernando Távora no seu plano geral do parque (1957) (Figura 95) para este equipamento, pouco ou nada resta.

Atualmente surge um espaço de planta circular, que se encontra a norte da estrutura do parque numa zona de cota baixa, deste, consta um pequeno muro que o circunda, apenas quebrado na zona da entrada, servindo, simultaneamente, de banco para os seus utilizadores e fronteira com o espaço envolvente.

No Parque infantil estão dispostos diferentes equipamentos de lazer embebidos em pavimento sintético concentrados numa única zona, ao contrário do que se encontrava planeado no plano geral de 1957, para o qual se contemplavam diversos espaços, tratando-se de, segundo Távora (1957a) “ (...) *um somatório de pequenos parques, pequenos mundos infantis, cada um animado à sua maneira, êste com um automóvel velho ... mas autêntico, aquele com uma pequena piscina (...), o outro com uma caixa de areia (...)*”. Ainda, era previsto um pequeno edifício de “*forma caprichosa*”, o qual retinha as funções de vestiário e instalações sanitárias.

Segundo Furtado (2015), “*O parque infantil é semelhante aos playgrounds de Aldo van Eyck, com quem Távora tinha tido contacto nos CIAM e nos congressos iniciais do Team X.*”. O projeto de Távora apresentava similaridades que o relacionavam com o dinamismo presente nos parques infantis de Nieumarkt, assim como Dijkstraat ou mesmo Vondelpark, mas sendo, aquele mais consentâneo com o parque atual, o de Bertelmanplein, que curiosamente se trata do primeiro Parque infantil desenhado por Aldo Van Eyck. Através da análise dos diferentes parques apresentados facilmente se corrobora esta opinião, a sua estrutura orgânica de espaços múltiplos, “*um somatório de pequenos parques*” como Távora refere é evidente nas três primeiras estruturas referidas, sendo que, na última, observa-se um único espaço, uma caixa de areia com diversos elementos de lazer, ladeada de um muro, semelhante ao que acontece no Parque infantil presente na atualidade, servindo este em simultâneo de elemento delimitador e banco.

Será talvez esta, a obra de carácter mais informal de todas as planeadas e construídas no parque. Uma estrutura simples, que, em conjunto com os campos de ténis, provêm a quinta de função de lazer.



Figura 97
Parque Infantil, Nieuwmarkt (1968), Amesterdão. Holanda



Figura 98
Parque Infantil, Dijkstraat (1954), Amesterdão. Holanda



Figura 99
Parque Infantil, Bertelmanplein (1947), Amesterdão. Holanda

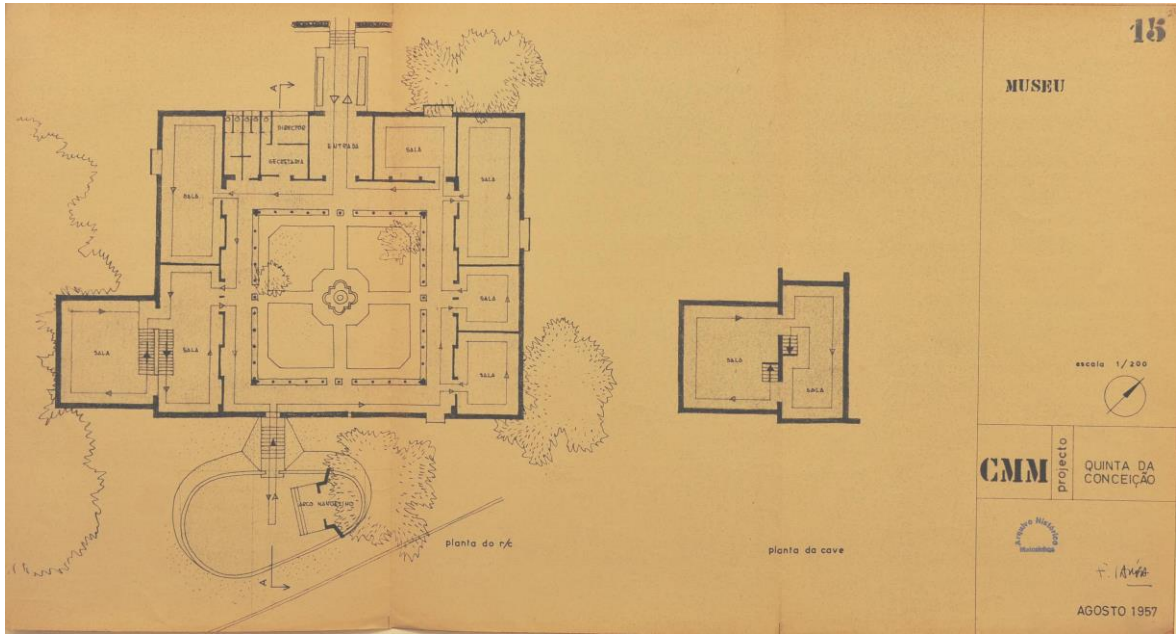


Figura 100
 Planta do Museu, Projecto inserido no Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1957). Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala

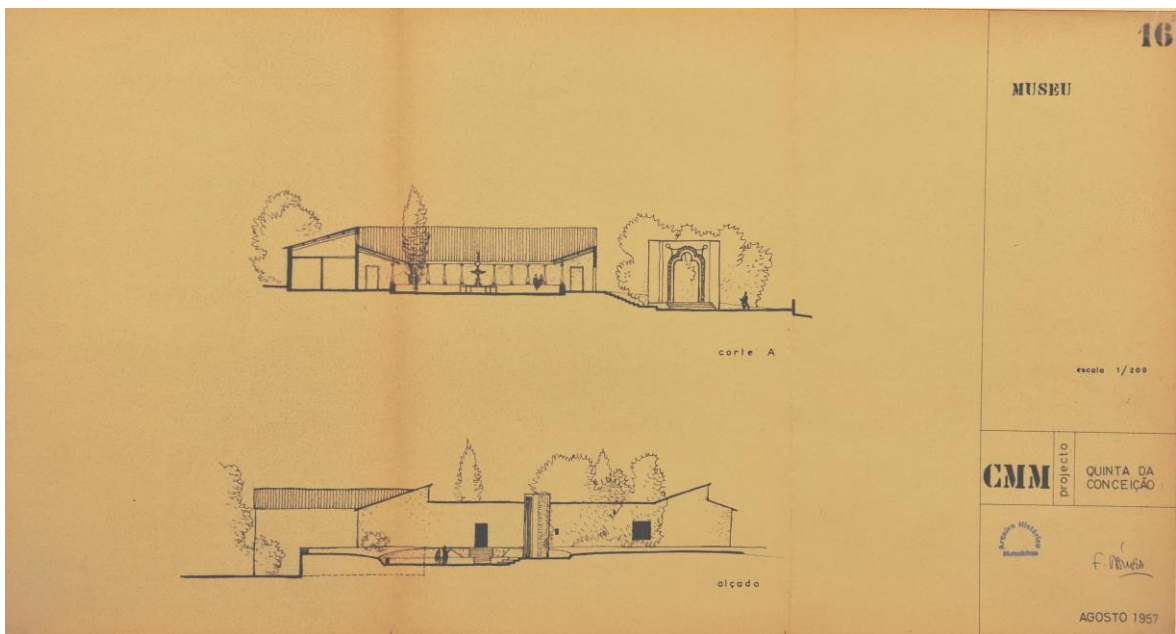


Figura 101
 Corte e Alçado do Museu, Projecto inserido no Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1957). Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala

O Museu, em conjunto com o Teatro ao ar livre, consta do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição de 1957. Tratam-se de equipamentos que propunham gerar uma dinâmica diferente, através da vertente cultural inerente. Provavelmente teriam trazido outro tipo de visitante, criando uma diferente circunstância daquela a que assistimos atualmente. Esta dinâmica será observada, numa fase posterior, com o projeto da Escola de Dança.

A sua implantação seria desenvolvida em três eixos e dois pisos, um dos quais de pequena dimensão e parcialmente enterrado, sendo o claustro existente o núcleo da proposta, fechado em todos os seus lados. O acesso, por sua vez, era feito através de um eixo que comunica em simultâneo a avenida, a alameda de menor dimensão e a entrada nascente.

Através da análise das peças escritas e desenhadas (Figura 100, 101), torna-se possível uma caracterização do espaço planeado. Távora (1957a) refere na memória descritiva do plano geral, *“Tal museu pode destinar-se, mantendo um pouco da ideia inicial, apenas a peças ligadas à História do Convento ou pode destinar-se a uma organização mais complexa que seria o próprio Museu da Vila e do Concelho.”*

Surge assim, no projeto analisado, uma proposta em que a essência e caráter do claustro seriam retomados à sua função inerente, sendo esta, de circulação, iluminação e conseqüente ligação às estruturas envolventes, não esquecendo ainda, a índole contemplativa de um espaço tal como este.

O esquema de circulação, presente no projeto de Távora reforça esta ideia, observando-se um percurso centrípeto no qual o visitante retorna sempre ao núcleo da proposta.

Na análise das peças desenhadas não se encontram referências à composição moderna. Pode no entanto, relacionar-se com a antiga arquitetura grega ou romana, através das suas *villas*. Os telhados de uma água da estrutura do Museu, voltados para o claustro “pátio”, o *compluvium*, em que o chafariz, por sua vez, num gesto icónico, se tornaria no *impluvium*.

Através do claustro aceder-se-ia através de escadaria a um pequeno pátio de formato oval, onde aparecia, inserido num dos extremos, o Portal Manuelino. Aqui, ao contrário do caráter transitivo existente na atualidade, este teria uma função contemplativa, não se prevendo qualquer percurso a partir deste para a restante estrutura do parque.

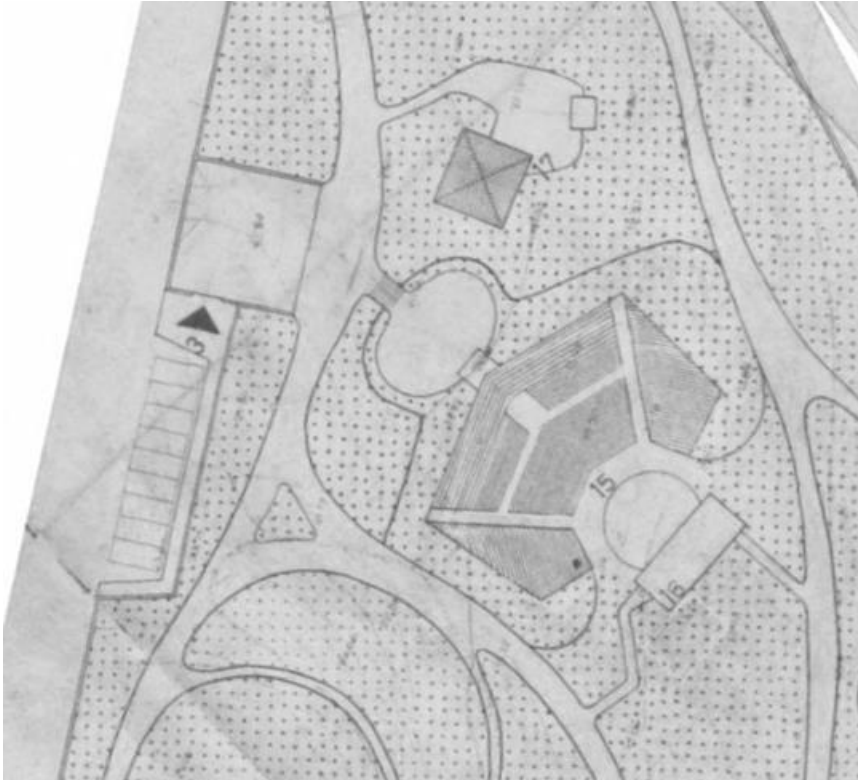


Figura 102
 Planta do Teatro ao Ar Livre,
 Projeto inserido no Plano Geral
 do Parque Municipal da Quinta
 da Conceição (1957).
 Fernando Távora. Leça da
 Palmeira. Sem escala

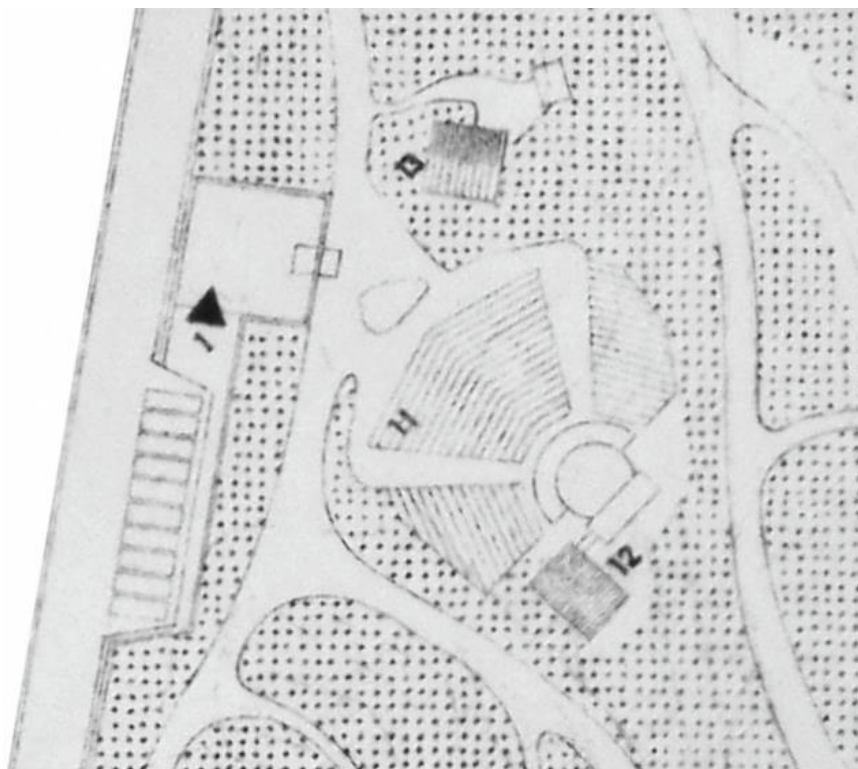


Figura 103
 Planta do Teatro ao Ar Livre,
 Projeto inserido no ante-
 projecto do Plano Geral do
 Parque Municipal da Quinta
 da Conceição (1956).
 Fernando Távora. Leça da
 Palmeira. Sem escala



O Teatro ao ar livre implantar-se-ia na zona norte do parque, local escolhido tendo em conta o desnível que ali se encontra. Da sua utilização constava, segundo Távora (1957a) “*uma frequência aproximada de 1300 espectadores (cerca de 420,00 m² de área útil); (...)*”. Para tal afluência, desenha-se um pequeno foyer à entrada do equipamento, de forma oval.

Através da análise da planta (Figura 104) observa-se que a entrada seria única e atravessaria a bancada superior, distribuindo posteriormente, através de uma estrutura de eixos ramificados as restantes bancadas, sugerindo assim, que, ou esta se elevaria do solo ou se desenvolveria numa escadaria de forma a situar a entrada a uma cota mais baixa. No Anteprojeto do plano geral de 1956 (Figura 105), o acesso seria feita de modo periférico, a partir da zona de cota mais alta em direção ao palco, sugerindo uma integração das bancadas na topografia envolvente, como aquela que encontramos na arquitetura clássica dos anfiteatros gregos, aspeto que não se desmente no projeto de 1947.

Servindo o equipamento, surge, anexado ao palco, um edifício de apoio destinado a arrecadação e camarins, que por sua vez teria ligações secundárias aos percursos envolventes do parque. Ainda constaria do mesmo, a possibilidade de a sua cobertura servir de palco, dinamizando a sua utilização.

A influência da arquitetura clássica poderá surgir das viagens que Távora efectua após a segunda guerra mundial, segundo Gonçalves (2009) “*Embora existam referências a viagens realizadas antes da segunda guerra, a primeira grande viagem conhecida à Europa acontece em 1947. Faz a viagem de carro num percurso que dura 3 meses e o leva a San Sebastian, Lyon, Chartres, Paris, Bruxelas, Roterdão, Antuérpia, Berna, Zurique, Milão, Siena, Roma, Cannes, Nice e Marselha: ‘no mesmo dia: de manhã Picasso, à tarde Leonardo da Vinci.’. Em 1949, no período em que está a desenhar o plano do Campo Alegre, volta a Itália e logo depois, em 1952, regressa num destino que repetirá sempre*”

"Quero exactamente conhecer as manifestações artísticas que se encontram na tradição europeia, através de uma viagem que tocara o Egipto (Cairo), a Grécia (Atenas), a Itália (Roma) e a França, uma viagem que me permita determinar as constantes, os elos de ligação entre as Pirâmides, o Partenon, o Panteão e São Pedro, Versalhes e a Torre Eiffel... A determinação deste constante classicismo apresenta-se como indispensável ao meu espírito, tanto desorganizado como com necessidades de certeza."⁶⁰

⁶⁰ Gonçalves, J. F. (2009) *A viagem na Arquitectura Portuguesa do século XX*. grupo I&D Atlas da Casa. Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo (p. 11)

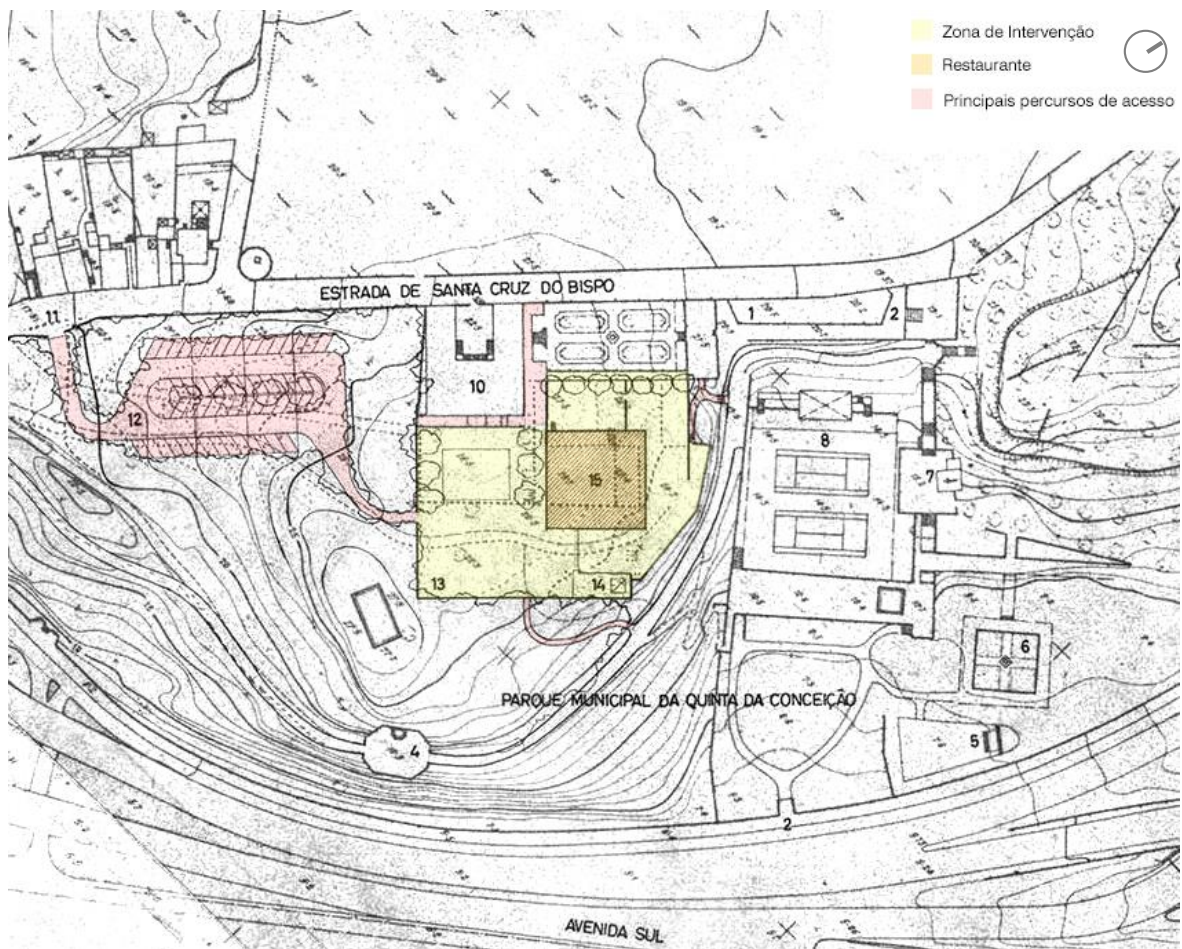


Figura 104
 Esquema com base na Planta de Situação do ante-projecto do restaurante (1967). Fernando Távora.
 Parque Municipal da Quinta da Conceição. Leça da Palmeira. Sem escala

Abordada já a anterior intenção prevista para este equipamento no decorrer da análise projetual, será focada a proposta de Maio de 1967, que surge, uma década após a elaboração do Plano Geral do parque.

Ser-lhe-á atribuído um especial interesse, devido ao local para onde se propõe, tratando-se este do mesmo lugar, para onde, quase meio século após, é programada a elaboração de um novo projeto “Escola de Dança”. Observa-se assim verticalidade na organização do espaço, onde surgem, em diferentes gerações, equipamentos distintos.

O novo Restaurante, segundo Távora, colmataria a adequação às reais necessidades futuras e presentes na época. Para isso seria inevitável a criação de espaços a uma nova escala de necessidades e utilização. Referindo Távora (1967), “ (...) a situação de que pode disfrutar o edifício, o polo de atracção que o Parque constitui, não esquecendo que na antiga casa da Quinta de Santiago se propõe a criação de uma Estalagem, e, paralelamente, o apoio que o Parque, no seu conjunto, pode oferecer como complemento da utilização do Restaurante.”⁶¹

A relação entre equipamento-parque evidencia que não só a forma vive do espaço como também o espaço vive da forma, um diálogo mútuo já observado nas restantes estruturas presentes analisadas, enaltecido ainda pelo *genius loci*.

O Restaurante encontrar-se-ia em conjunto com a Piscina, num dos pontos mais alto da Quinta com vistas desafogadas sobre a envolvente, “desde os pinheiros de Guifões ao Senhor de Matosinhos e tendo como planos mais próximos, as novas docas, os acessos rodoviários e boa parte da própria Quinta.”⁶² Távora realça as dificuldades de ordem plástica que poderiam advir da sua ampla dimensão, que em nada se assemelharia ao equipamento anteriormente estudado.

Os acessos seriam feitos aproveitando a estrutura de caminhos já presentes na Quinta e também, através de um parque de estacionamento, com acesso pela Estrada de Santa Cruz do Bispo, atual Rua de Vila Franca. Este apoiaria o Restaurante devido ao afastamento dos restantes estacionamentos previstos, no Nó a Norte, e, a partir dele, os percursos seriam efetuados a pé até ao recinto onde se insere o equipamento.

⁶¹ Távora, F. (1967). *Memória descritiva e justificativa, Ante-projecto restaurante*. (p. 2)

⁶² Távora, F. (1967). *Memória descritiva e justificativa, Ante-projecto restaurante*. (p. 3)

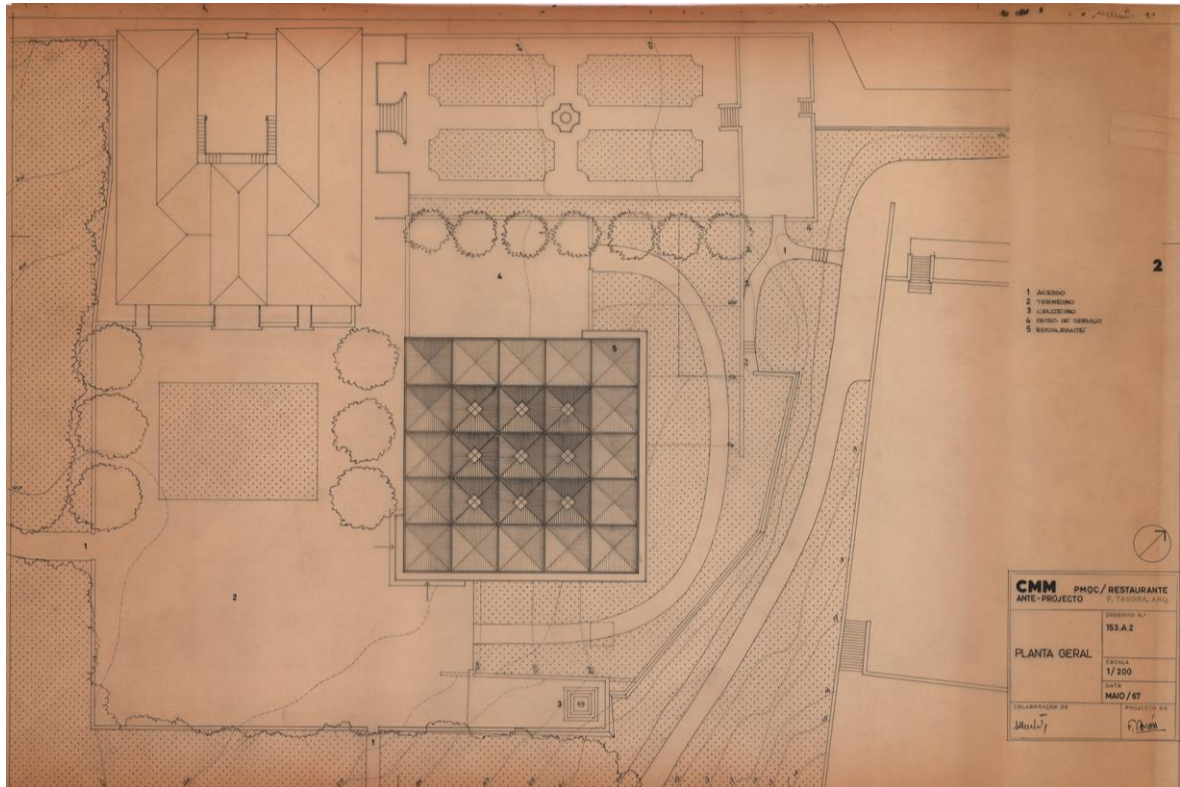


Figura 105
 Planta Geral do ante-projecto do restaurante (1967). Fernando Távora. Parque Municipal da Quinta da Conceição. Leça da Palmeira. Sem escala

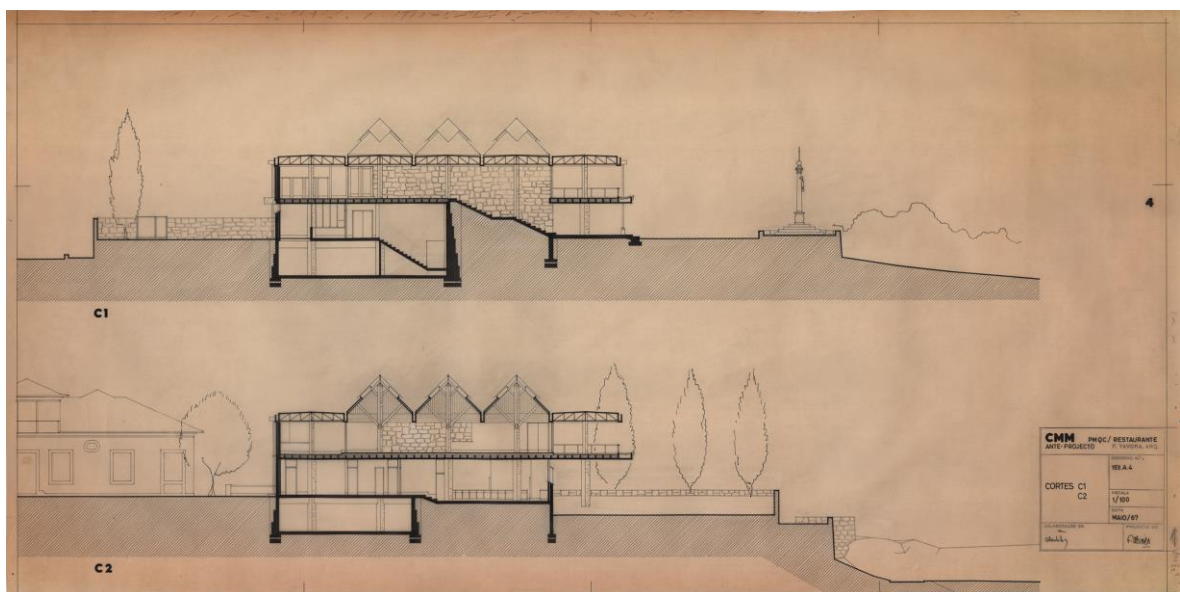


Figura 106
 Cortes C1, C2. Ante-projecto do restaurante (1967). Fernando Távora. Parque Municipal da Quinta da Conceição. Leça da Palmeira. Sem escala

Para a implantação do Restaurante, surge a necessidade de tratamento dos níveis do terreno e arranjo dos muros de suporte da zona de intervenção. Assim, o cruzeiro que se situaria próximo da eira anteriormente existente seria movido para o extremo nascente da composição a uma cota mais alta, local que ocupa na atualidade. Segundo Távora (1967), tornando-o assim “ (...) *mais dominante no perfil da Quinta (...)* ”, relacionando-se com o edifício do Restaurante.

*“Sabe-se da dificuldade de implantar um edifício num ponto alto e dominante e quão perigosa é a situação que pode criar-se se a relação edifício-sítio não for harmoniosamente resolvida.”*⁶³

De acordo com Távora (1967), o edifício seria caracterizado por três princípios, “ (...) *não destruir o terreno no seu movimento, dar ao edifício uma forte dominante horizontal, encontrar-lhe um perfil que o caracterize, sobretudo em relação aos pontos de vista apontados.* ”.

O edifício encontrar-se-ia centrado na zona intervencionada (Figura 105), dialogando com o piso superior da Casa da Quinta através de um terreiro situado em ponto alto, a Sul da composição. Este, servido por diversos percursos vindos do parque de estacionamento e da restante estrutura da quinta teria assim o carácter de entrada principal para o espaço, conformando também, a principal entrada do Restaurante, situada no cunhal Sul do edifício.

A nascente encontra-se uma plataforma onde se insere o cruzeiro, dialogando com o edifício do Restaurante, através de um eixo paralelo e criando uma espécie de miradouro para a restante estrutura do parque. No extremo oposto, a poente, é planeado um pátio de serviço que articula a entrada de pessoal.

Existe uma forte relação do edifício com a topografia do terreno a nascente e poente observada no seu perfil, permitindo assim um desenvolvimento natural, já que nas restantes frentes o pavimento encontrar-se-ia nivelado.

Na sua distribuição assente em três pisos, o Rés-do-Chão seria ocupado pelo piso de serviços onde se encontrava a cozinha e anexos, programando-se ainda uma cave em piso subterrâneo, que aproveita o desnível do terreno no sentido poente-nascente. O andar serviria a principal área do projeto, a sala e outras pequenas zonas de apoio, sendo este um espaço de refeições ocupado maioritariamente por mesas, do qual, constaria uma extensa varanda que se prolongava do volume a nascente e poente. O seu acesso seria feito através de uma escada, visível no corte C1. (Figura 106)

⁶³ Távora, F. (1967). *Memória descritiva e justificativa, Ante-projecto restaurante.* (p. 5)

Távora propunha reforçar a componente horizontal do edifício, através da redução do pé direito das zonas envolventes da sala e, com a introdução da varanda, permitia-se recuar a estrutura. Esta, por sua vez, criaria profundidade na leitura do espaço, estabelecendo-se como elemento dominante na relação do edifício com a paisagem.

Na sala, foi procurado um carácter específico, através do tratamento do sistema da cobertura composto por pirâmides envidraçadas no seu topo, marcando assim, um contraste relativamente à cobertura periférica, que, segundo Távora (1967) “ (...) *retira à sala todo o anonimato que a simplicidade da sua forma em planta podeira conferir-lhe.*”. Permitindo iluminar e criar uma sucessão de espaços verticais.

Relativamente à materialidade do edifício, para as paredes do rés-do-chão estaria planeado o uso de perpianho aparente no exterior e tijolo rebocado no interior, ao invés do que aconteceria no piso superior, no qual se inverteria a solução anterior. Os vãos das varandas e restante cobertura periférica seriam vencidos através do uso de treliças metálicas, e, no interior, de onde constam as pirâmides supra mencionadas, seria usada uma estrutura de madeira aparente, apoiada em pilares de betão que se desenvolveriam por sua vez, até aos pisos inferiores.

O Restaurante, em conjunto com o Teatro ao ar livre e Museu, se construídos, poderiam ter um papel fundamental no Parque Municipal da Quinta da Conceição. Esta vertente cultural e de apoio em falta no espaço atual criaria outros tipos de vivências, assim como, novas utilizações.

Garantia-se assim outro tipo de visitantes de carácter frequente, ou que mesmo esporádicos, melhorariam sem dúvida a utilização da estrutura existente. É com este aspecto dinâmico na organização do espaço que se introduz a Escola de Dança, um novo equipamento que gera e absorve a circunstância existente, na tentativa de dotar o parque de uma nova utilização. Uma proposta pela criação de circunstância futura.

Capítulo IV
A Proposta de Intervenção



Figura 107, 108
 Entrada Norte, Zona de Intervenção.
 Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira



Figura 109
 Plataforma e Cruzeiro, Fernando Távora
 Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira



Figura 110, 111
 Edifício da Guarda Nacional Republicana e terreiro adjacente no extremo Sul da Zona de Intervenção
 Parque Municipal da Quinta da Conceição (2015). Leça da Palmeira

4.2. A Circunstância e Verticalidade na moderação de uma nova forma

Toda a obra nasce de um lugar, e é este, o espaço que assume um papel fundamental nas diferentes decisões a tomar. É inegável a importância que adquire no processo mental do qual derivam as diferentes formas do homem, como gerador de circunstância.

Mas não só no espaço se encontra circunstância, o homem é igualmente circunstância, não só no sentido da criação desta, mas também no aspecto cultural e social que absorve do seu meio temporal, evocando uma «quarta dimensão».

*“Para ele, porém, projectar, planear, desenhar, devem significar apenas encontrar a forma justa, a forma correcta, a forma que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível, tendo em atenção que essa forma vai ter uma vida, vai constituir circunstância.”*⁶⁵

Esta circunstância criada a que Távora se refere é tão importante como aquela que a originou, e por esse motivo, deve o homem acautelar-se, na composição das formas, na escolha da sua ferramenta, pois aquele espaço a que procurou responder, irá também ser questionado, no seu uso ou em posterior aproveitamento.

Um bom exemplo será o Claustro, que viu em si gerador de diferentes possibilidades de utilização, outras vivências, e hoje jaz, como estrutura integrante de um parque, um espaço circulatório e contemplativo.

É este carácter vertical que o edifício proposto procura atingir, uma intervenção atual, que procura respeitar o passado com olhos postos no futuro, respondendo à circunstância que o envolve, no campo formal, teórico ou até espiritual. Ao mesmo tempo, procura uma resposta dinâmica ao seu programa e introduz no parque novas utilizações, aproveitando deste os benefícios que poderão advir.

⁶⁴ Távora, F. (2008). *Da Organização do Espaço*. (p. 74)

Elaboração de projecto de “Escola de Dança”

Prevê-se a construção de um novo edifício nos terrenos situados entre a Quinta da Conceição e o actual edifício da GNR.

O edifício deverá poder funcionar autonomamente, devendo ser estudada a ligação à rua, à Quinta da Conceição e ao edifício da GNR (futura escola de música). Todos os espaços exteriores deverão ser tratados.

Deverão ser previstos os seguintes espaços e respectivas áreas úteis aproximadas (por unidade):

Áreas gerais

Átrio	1 un.	80 m ² (num único espaço, ou em diversos espaços)
Recepção	1 un.	20 m ²
WC's		20 m ² (inclui wc para deficientes motores)
Arrumo	1 un.	10 m ²
Cafetaria	1 un.	80 m ² (mais serviços de copa, arrumo, wc funcionário. etc. 30m ²)

Áreas técnicas e arrumos	a def.	50 m ²
--------------------------	--------	-------------------

Serviços administrativos

Gabinetes	2 un.	15 m ²
Sala de reuniões	1 un.	20 m ²
Arrumo	1 un.	10 m ²
Wc's		10 m ²

Salas para ensaios e audições

Salas de ensaio	2 un.	100 m ²
Arrumos para material	1 un.	30 m ² (com ligação, ou na proximidade das salas)

Balneários e wc's

Para alunos	2 un.	40 m ² (1 un. Masculino, 1 un. Feminino)
Para professores	2 un.	20 m ²

Auditório

Sala com 150 lugares	1 un.	200 m ² (inclui palco com 60 m ² e medida mínima de 6m)
Cabine de projecção	1 un.	20 m ²
Áreas técnicas	a def.	50 m ²
Arrumo	a def.	50 m ² (com ligação directa ao palco)
Camarins	2 un.	20 m ²
Sala de ensaio	1 un.	20 m ²

O auditório deverá permitir funcionamento autónomo, independente da escola, mas partilhando átrio, cafetaria e wc's. Deverá servir usos diversos, incluindo a utilização por alunos da futura escola de música a construir na proximidade.

Deverá ser considerado acesso automóvel para veículos de emergência.

Área útil total	1070 m²
Área Bruta (máxima)	1400 m²

Docentes: João Pedro Serôdio, José Gigante, Rui Furtado, Nuno Graça Moura

Mestrado Integrado em Arquitectura

Ano lectivo 2015 – 2016: Projecto 5

Figura 112

Quadro demonstrativo dos pressupostos programáticos para a elaboração do projeto da Escola de Dança

Para a análise do edifício destinado a uma Escola de Dança, propõem-se a divisão do seu desenvolvimento em três fases distintas, de sucessão cronológica, priorizando-se questões de ponto de vista formal, sendo que este deriva, em parte, das características programáticas e funcionais.

Será estabelecido em primeiro lugar um contacto com o espaço para onde se destina o novo equipamento, procurando perceber de que maneira este influenciou o processo mental e projetual que deu origem às propostas iniciais. Pretende-se ainda, no decorrer da narrativa, enunciar as distintas opções tomadas e evidenciar as suas origens.

Também será relevante a análise da influência da organização do espaço do parque, proveniente das intervenções de Fernando Távora e Siza Vieira, procurando explicar de que forma a circunstância teórica e formal molda certas escolhas no decorrer do projeto.

Ainda no campo teórico, propõem-se a distinção de certos aspectos da obra programada para o mesmo espaço, o Restaurante de Távora, cruzando características e preocupações similares, presentes na Escola de Dança.

O programa ^(Figura 112) estabelecido para este novo equipamento envolvia o estudo do espaço alvo, devido à sua ampla dimensão, onde surgiram de imediato preocupações semelhantes às de Távora (1967) *“Sabe-se da dificuldade de implantar um edifício num ponto alto e dominante e quão perigosa é a situação que pode criar-se se a relação edifício-sítio não for harmoniosamente resolvida.”*. Neste espaço, analisado no contexto do projeto do Restaurante, encontrar-se-iam diferenças óbvias relativamente à sua estrutura e também em parte, decorrentes da circunstância originada no decorrer de alterações feitas ao abrigo deste.

Temos como exemplo o cruzeiro, que foi deslocado, de acordo com o projeto do Arq. Fernando Távora para uma plataforma situada a poente do espaço em estudo. A antiga “Casa da Quinta” alberga na atualidade as instalações da Guarda Nacional Republicana, encontrando-se respetivos edifícios de apoio “anexos” no terreiro que se estabelece no logradouro.

Ainda no espaço em estudo, existe um outro edifício de apoio destinado a Instalações Sanitárias, que de momento se encontra inativo.

A Topografia local pode ser separada em duas zonas diferentes, uma estabilizada, que serve de apoio às instalações da “GNR” no piso superior e uma outra, que se desenvolve num eixo Poente-Nascente com desnível acentuado em direção à Quinta. Estas duas, tal como acontece na relação entre o espaço de intervenção e o parque, encontram-se atualmente separadas por muros de suporte.

É dada, ao abrigo do programa proposto, a possibilidade de intervir nas duas zonas, procurando uma maior caracterização de um espaço ambíguo, pouco harmonioso, com a restante estrutura da Quinta.



Figura 113

Vista aérea do espaço atual da Quinta da Conceição com esquema gráfico demonstrativo da Quinta da Conceição e Zona de Intervenção



Figura 114

Vista Panorâmica da Zona de Intervenção. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira



Figura 115

Vista aérea do espaço atual da Quinta da Conceição com esquema gráfico demonstrativo da Zona de Intervenção

Assim, a proposta visa, não só a elaboração de um edifício como também, a organização do espaço envolvente, pressupondo todos os arranjos exteriores necessários.

Os acessos à zona de intervenção são feitos: a Norte e em cota inferior, através de uma escadaria de traçado orgânico, que se desenvolve a partir da ligação existente da Quinta da Conceição à Quinta de Santiago, pertencendo esta à estrutura de caminhos do parque; a Nascente, já a cota superior, faz-se a entrada através do eixo anteriormente referido e por fim a Poente, estabelece-se a principal ligação à Rua de Vila Franca através de uma passagem inferior ao edifício da Guarda Nacional Republicana. Esta termina numa rampa que leva a uma plataforma de cota superior tendo sido esta adicionada posteriormente, dado que, não se encontraria presente na Planta Geral do Anteprojecto do Restaurante (1967).

A zona Norte do espaço de intervenção encontra-se ladeada de muros de suporte que fazem fronteira: a Norte e Nascente, com o Parque Municipal da Quinta da Conceição; a Poente, com o Jardim que faz parte da estrutura da Casa que alberga a Guarda Nacional Republicana e a Sul com o terreno da casa anteriormente referida. O seu pavimento encontra-se relvado em claro diálogo com a natureza envolvente, presente no parque. Deste espaço, consta também a plataforma com o cruzeiro.

A zona Sul por sua vez apresenta-se dependente da casa já referida a Poente, confrontando a Nascente e Sul o parque, e a Norte a zona anteriormente referida. Esta apresenta um aspecto descaracterizado, com pavimento em terra batida e um manto arborizado na cota mais alta.

Antes da análise das diferentes propostas, será importante referir o facto, de a casa hoje existente na zona de intervenção, ser vista como as futuras instalações de uma Escola de Música não se prevendo em questões programáticas qualquer acesso entre os dois equipamentos. Este aspecto acabou por influenciar várias opções tomadas, no decorrer da elaboração do projeto para a Escola de Dança.

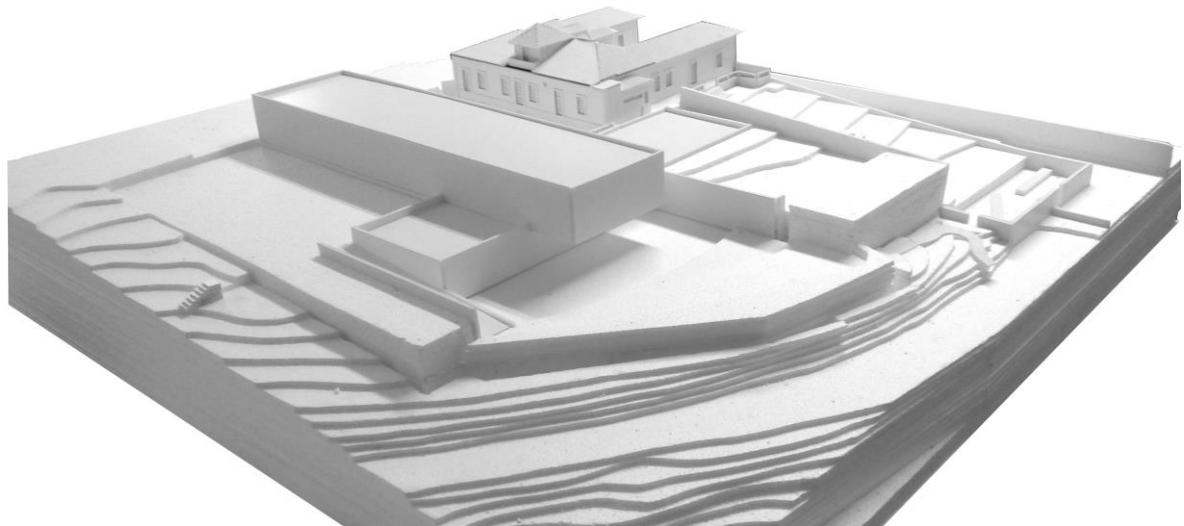


Figura 116
Maqueta de estudo e edifício proposto, vista Norte e Nascente, 1ª Fase, Relação com o terreno (2015)

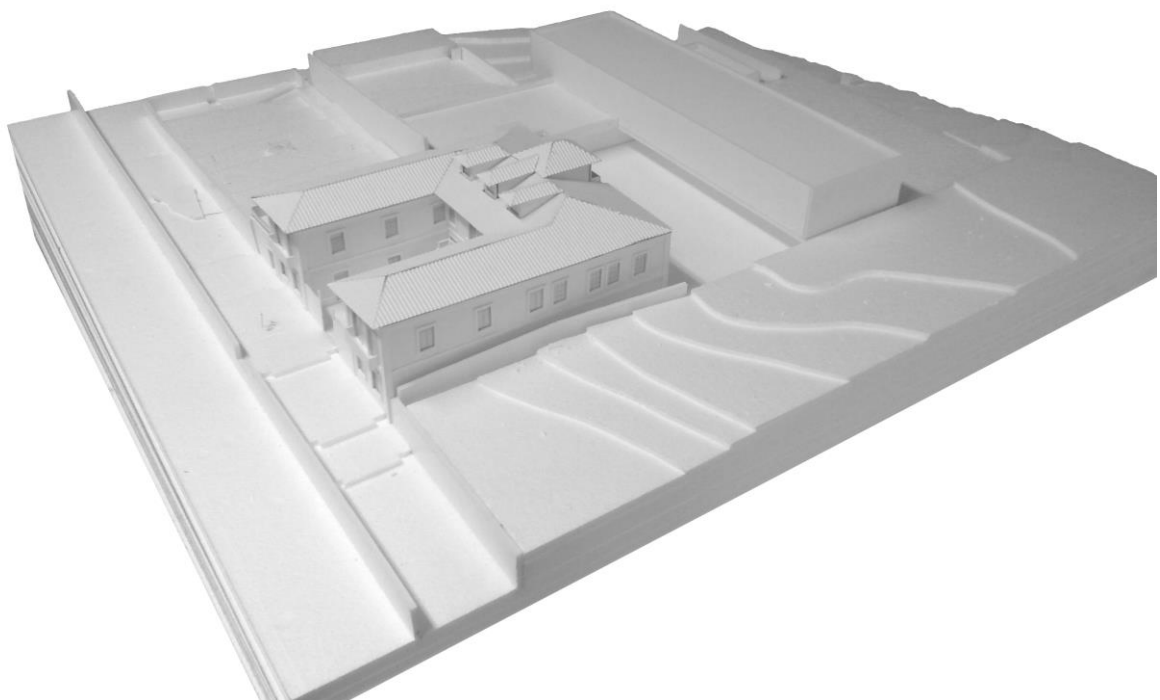


Figura 117
Maqueta de estudo e edifício proposto, vista Sul e Poente, 1ª Fase, Relação com o terreno (2015)

O edifício proposto, numa primeira fase, desenvolver-se-ia em dois eixos paralelos à casa, perfazendo uma composição de forte componente horizontal em forma de L. Esta, constituída por dois volumes sobrepostos perpendicularmente, permitiria resolver o extenso programa em dois pisos e dialogaria em cêrcea com a Escola de Música.

A disposição dos volumes pressuporia ainda, estabelecer uma relação maximizada com a envolvente do parque em duas frentes, sendo que as outras dialogariam, através de um pátio, com a Escola já referida.

Esta relação surge influenciada pela visita à Quinta, em primeiro lugar, através do Pavilhão de Ténis, no qual parte da Tribuna se estabelece como miradouro de amplo campo visual para a restante estrutura próxima do parque, enquadrando até, vistas sobre a doca.

Procura-se assim, através da consola do piso superior a Norte, simular uma dinâmica idêntica, permitindo, através da cota a que este piso se estabelece, e, com intenção similar à varanda do Restaurante, enquadrar a estrutura do parque e tirar proveito do meio natural envolvente.

No piso inferior este movimento permitiria cobrir uma estrutura prevista, a esplanada da cafetaria.

Outra consola desenvolver-se-ia sobre o pátio, criando um espaço protegido a partir do qual se encontra a principal entrada ao edifício, observando-se assim uma intenção idêntica no piso de serviços do Pavilhão de ténis, em que a tribuna sugere o seu abrigo.

Em segundo lugar – o pátio – deriva directamente da visita ao pátio vermelho de Távora e mantém-se nas três diferentes fases, observando-se o mesmo conceito transitivo, que nos encaminha da ligação ao exterior – rua – para o interior do espaço sem revelar, desde logo, toda a sua estrutura, num jogo de claro-escuro.

O pátio surge como núcleo da proposta, estabelecendo-se onde outrora se encontraria á cota superior o terreiro da casa, desta vez comunicando com o rés-do-chão. Este permitiria mútua beneficiação, por parte dos equipamentos, Escola de Dança e Escola de Música, de um amplo foyeur intermédio que aproveitaria os limites impostos pela estrutura existente. A partir deste desenvolver-se-ia o principal acesso ao edifício proposto, no vértice criado pela intersecção dos dois volumes e à Rua de Vila Franca, através de uma passagem coberta a cota idêntica, na Escola de Música, prevendo-se ainda uma ligação entre os dois equipamentos através de escadaria.

As restantes entradas, de carácter secundário seriam feitas tirando proveito dos acessos já existentes à zona de Intervenção, através de um eixo que liga as duas Quintas, da Conceição e Santiago, visíveis no Esquema de Implantação (Figura 118).

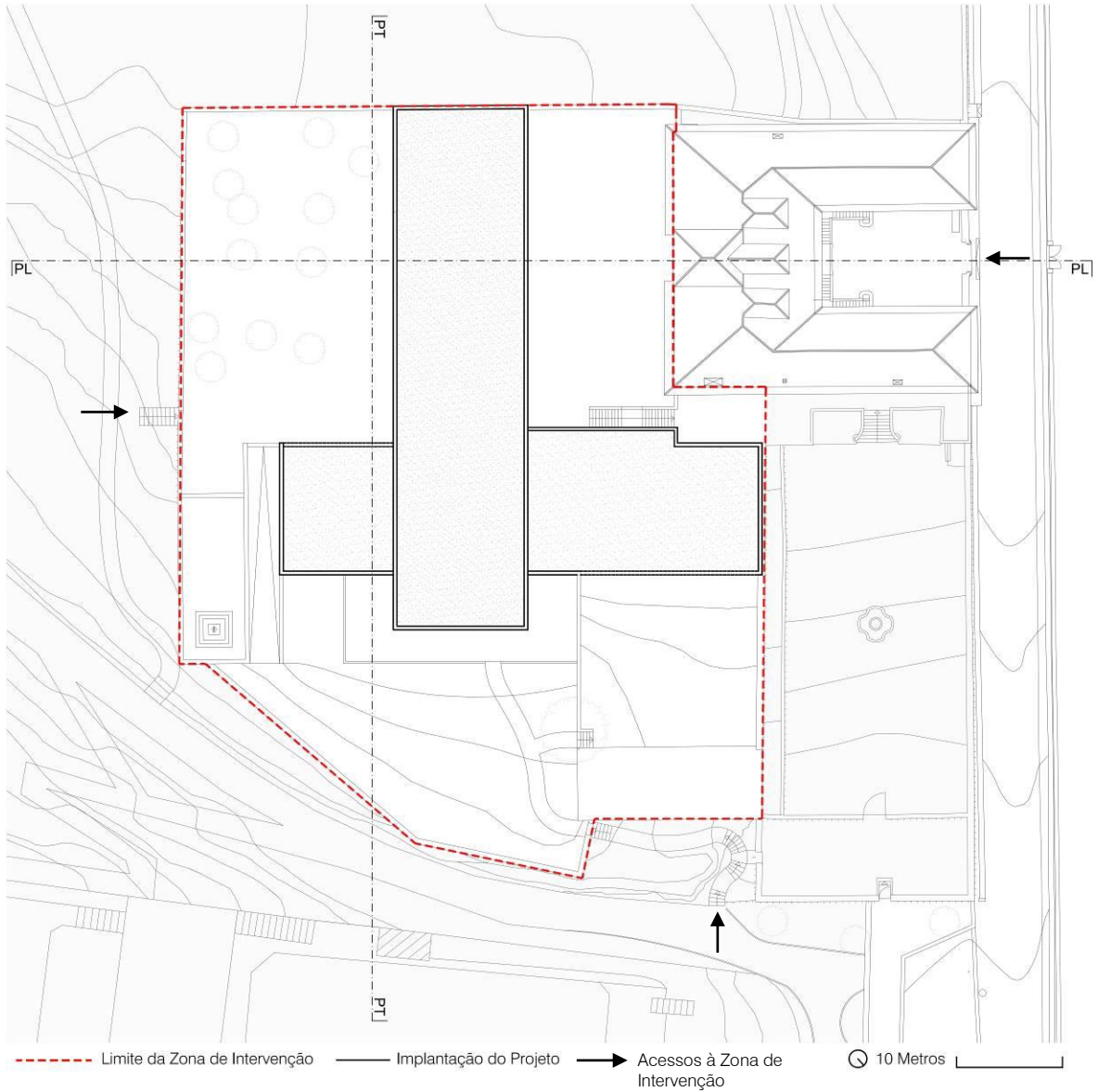


Figura 118
Esquema de Implantação, 1ª Fase (2015)

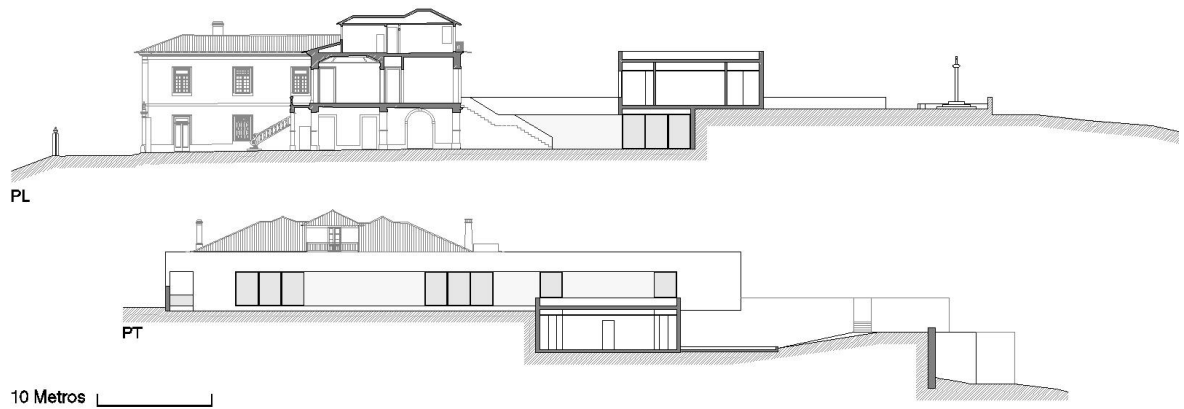


Figura 119
Perfil Longitudinal e Transversal, 1ª Fase (2015)

A integração do edifício na topografia existente, seria aproveitada, no extremo Norte da zona intervencionada, a relação com a área arborizada. Mantendo-se a cota existente e procurando um carácter intimista na relação do edifício com a envolvente do parque.

Ainda através do mesmo volume, procurar-se-ia um diálogo com a plataforma do cruzeiro criada por Távora no desenvolvimento do projeto do Restaurante, observado na maqueta de estudo (Figura 116).

Neste piso situar-se-ia uma entrada secundária ao edifício, a Sul, através de uma abertura transversal ao piso superior no seu remate com muro de suporte do terreno.

O piso inferior ajudaria a fazer a transição da cota alta a Sul, estabelecendo a ligação ao pátio, à zona ajardinada que se pressuporia na sua frente Norte e Noroeste e ainda uma conexão, via rampa e paralela à plataforma do cruzeiro, entre os diferentes níveis presentes a Norte, Poente e Sul.

Para respeitar a cota superior do terreno este piso aparece ligeiramente abaixo da cota da entrada Norte (Figura 119) devido ao acerto do desnível do terreno, necessário para estabelecer os pressupostos anteriormente referidos.

Relativamente à questão programática e à disposição das diferentes áreas previstas no edifício, pretendia-se, no piso superior, estabelecer as zonas de carácter privado e administrativo, onde se encontrariam salas de aulas e dependências destas. Já no piso inferior situar-se-iam as zonas de carácter público, tais como átrios de entrada, cafetaria ou até o auditório, estabelecendo-se as suas dependências em piso subterrâneo.

As instalações sanitárias pré-existentes na zona de intervenção seriam mantidas, assim como a localização das suas entradas, junto à entrada Norte. Esta estrutura, já referida na contextualização do espaço de intervenção, definiria uma zona, na qual, o desenvolvimento do nível do terreno existente conectar-se-ia à cobertura do piso inferior não se estipulando uma relação directa entre ambos.

Em questões de materialidade, no exterior, tratando-se esta de uma proposta inicial, seriam usados materiais como betão armado, com acabamento em cor branca, procurando relacionar-se o edifício com a cor já existente no edifício da Escola de Música, partindo esta, mais uma vez, de uma circunstância local.

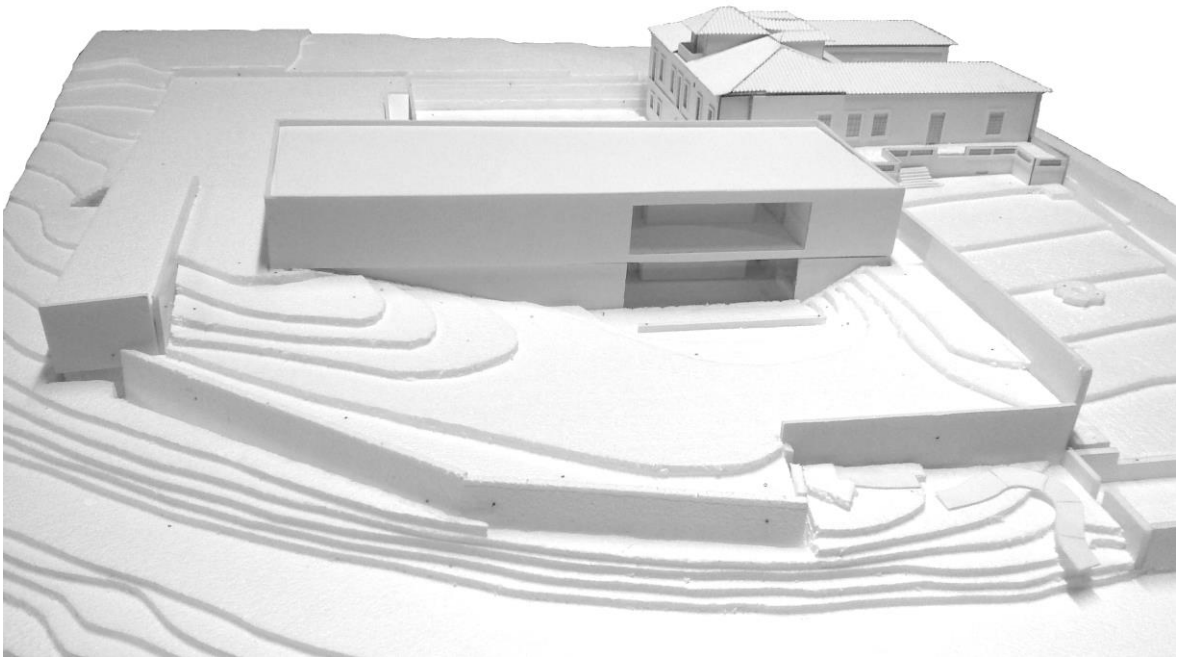


Figura 120
Maqueta de estudo e edifício proposto, vista Norte, 2ª Fase, Relação com o terreno (2015)

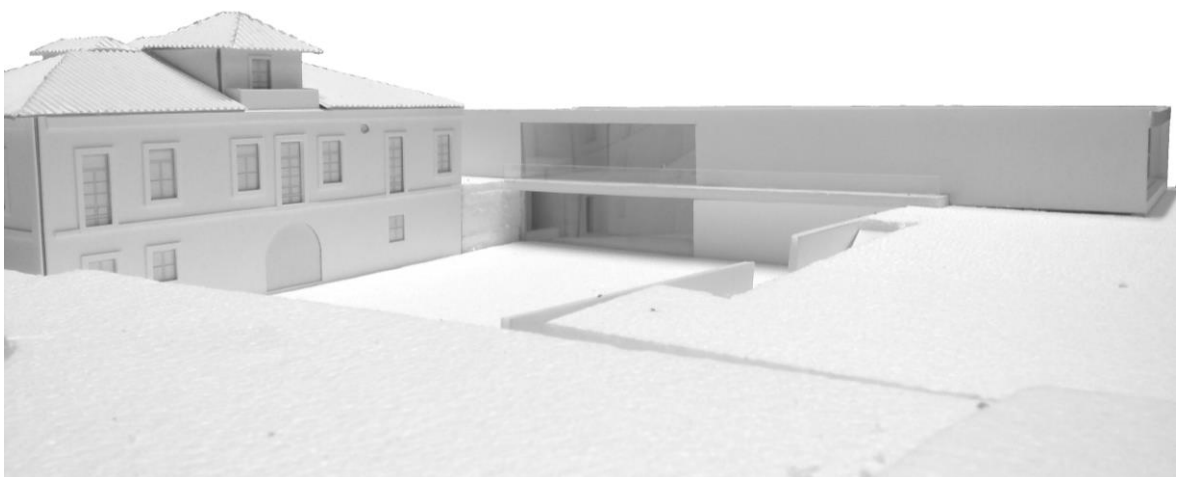


Figura 121
Maqueta de estudo e edifício proposto, vista Sul, 2ª Fase, Relação com o terreno (2015)

Numa segunda fase, observa-se uma composição volumétrica distinta, mantendo a componente horizontal já observada na fase anterior, assim como a disposição programática. As principais diferenças encontrar-se-iam na colocação dos dois volumes, que, anteriormente perpendiculares, dispõem-se agora sobrepostos no mesmo eixo, permitindo assim libertar o extremo Norte da zona de intervenção e ainda, na demolição das instalações sanitárias, que se encontrariam inoperáveis, podendo ter o seu uso colmatado através da Escola de Dança.

Seria ainda programada uma escadaria dupla, paralela à Escola de Música e alinhada pelo seu principal eixo para o qual sugeria um remate, relacionando directamente o pátio com a zona de cota mais alta da zona de intervenção.

Esta dinâmica transitiva do pátio reflecte influências, mesmo que inconscientes, da avenida de Távora e o seu aspecto percussor de momentos de paragem e ligações à estrutura do parque. Poderá ser utilizado o exemplo, em menor escala, do pátio da Capela de S. Francisco, que liga em simultâneo as alamedas, enquadra a capela e serve um momento de paragem no percurso da avenida.

A disposição do edifício relativamente à zona intervencionada faz-se paralela ao principal eixo da casa, agora prolongado através da introdução da escadaria, e, por sua vez, adoçado ao pátio, podendo ser lida, em conjunto com a Escola de Música uma composição em forma de L.

O alinhamento do volume surge relacionando de novo a Escola de Música, que, tal como aconteceria no terreno existente à intervenção de Távora de 1967, propõem-se uma ligação de novo à varanda balaústada que relaciona a Escola de Música com o jardim no alçado Sul.

Esta ligação, visível na maqueta de estudo ^(Figura 121), ao contrário da escadaria na proposta anterior, seria feita através de uma “varanda”, evocando de novo a tribuna do Pavilhão de ténis.

Seria assim, proposta a ligação das duas varandas, entre o edifício pré-existente e planeado, à zona de cota mais alta do conjunto e à plataforma de onde consta o cruzeiro. Promovendo o diálogo de espaços distintos.

Para a caracterização do terreno circundante pretendia-se, através de uma transição de carácter natural oposta à rampa existente na anterior fase, uma ligação entre o patamar de cota alta, a Sul, e a zona de cota baixa a Norte, da qual consta uma depressão. Tal como demonstra o perfil longitudinal, permitiria a criação de um pequeno pátio murado que albergaria uma esplanada programada para o edifício. O mesmo gesto é encontrado na primeira fase, no qual procuraria uma relação entre frente Norte e Sul do edifício, pátio e jardim.

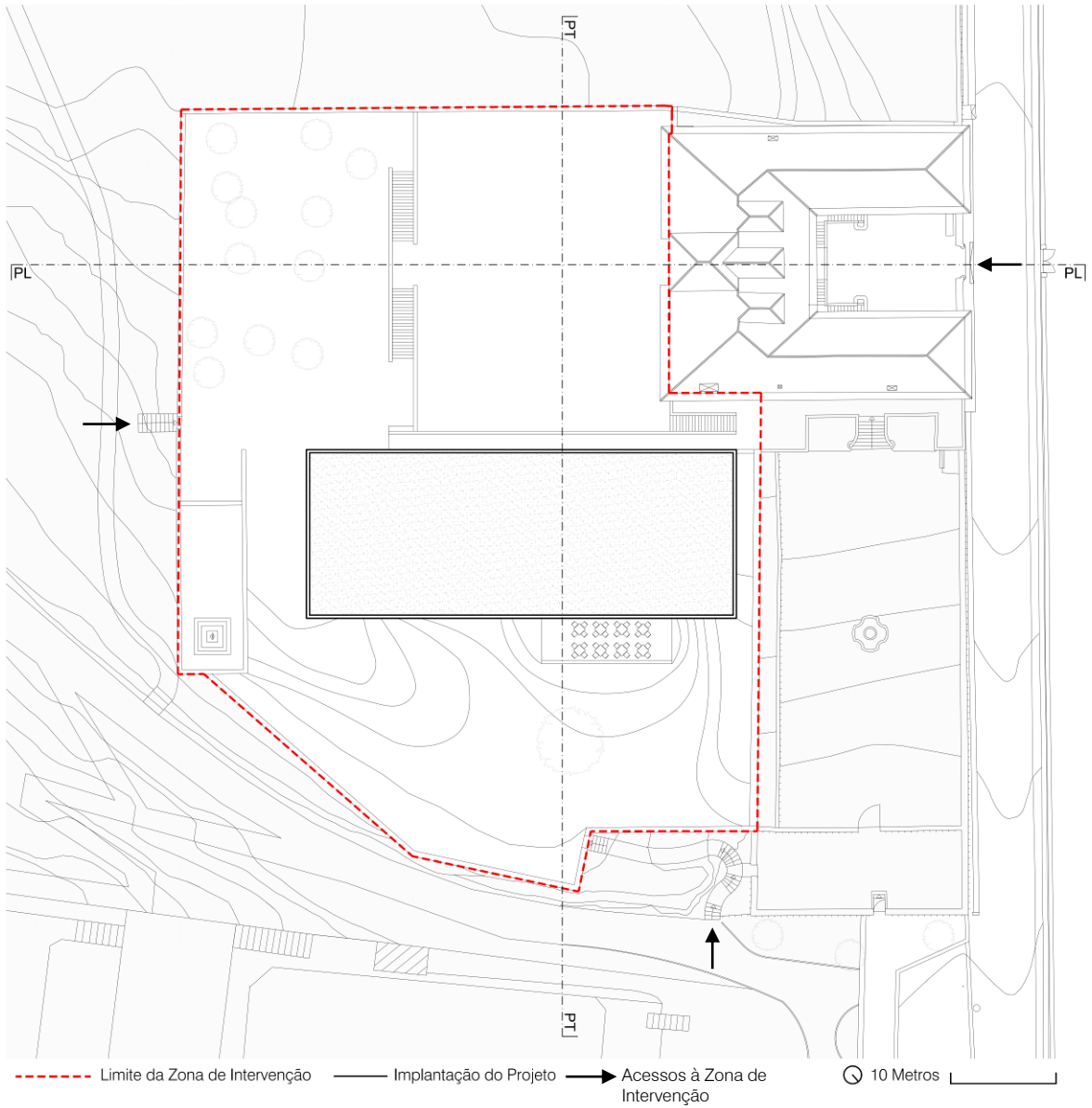


Figura 122
Esquema de Implantação, 2ª Fase (2015)

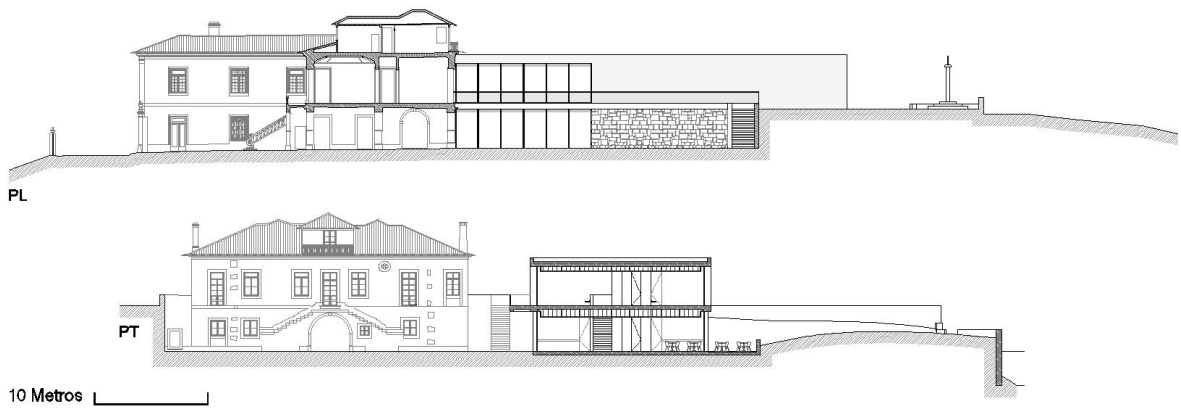


Figura 123
Perfil Longitudinal e Transversal, 2ª Fase (2015)

Esta ligação, para além das circunstâncias apontadas, surgiria através da preocupação envolta em dissimular a frente Norte do edifício, numa tentativa de minimização da componente vertical do conjunto. Em questões de linguagem material, explorar-se-ia, através do uso de alvenaria de granito como revestimento do piso inferior, numa relação directa, de novo, ao Pavilhão de Ténis de Távora, com os seus muros de suporte que escondem o piso de serviços. Já o piso superior pretende uma relação neutra com o meio envolvente através do acabamento em cor branca, dialogando de novo com a Escola de Música.

No perfil longitudinal (Figura 123) é observada a intenção de um diálogo entre vernacular e contemporâneo, surgindo o edifício proposto como uma nova extensão da casa existente, rematado por fim, como prenúncio, pelo cruzeiro a Poente.

As principais aberturas encontram-se nos alçados Sul e Norte, dispostas de igual forma e paralelas entre si. Prevêm-se ainda aberturas nos topos do piso superior, enquadrando a vista sobre o parque a Poente e o jardim da Escola de Música e envolvente próxima a Nascente.

Estabelece-se assim, através das aberturas mencionadas, no piso inferior e a Norte, a principal entrada ao edifício, marcada pelo cunhal obtido pelo cruzamento de dois alinhamentos do pátio.

Resumindo as principais características formais presentes nas duas fases analisadas, como introdução à análise da proposta final. Seria proposto:

- Unir as zonas de diferentes características presentes no espaço;
- Criar um pátio como elemento transitivo e núcleo central distribuidor da proposta;
- O diálogo transitivo entre espaço existente e meio envolvente natural, o parque e os seus percursos;
- Uma componente horizontal, através de volumes simples, permitindo amenizar o impacto de uma proposta de conteúdo programático extenso;
- Ocupar a menor área possível, libertando o espaço em redor da proposta;
- Implantar de forma a respeitar eixos visuais e alinhamentos, dialogando com a estrutura presente;
- Enquadramento do edifício da Escola de Música e Cruzeiro na composição formal prevista;
- Criar dinâmica circulatória no interior do espaço intervencionado através de escadaria ou percursos;
- Relacionar o edifício proposto com a área abrangente e estruturas presentes, tirando partido da circunstância existente e, também, da obra de Távora e Siza para a Quinta da Conceição;
- Tratar do espaço exterior, relativamente ao desenvolvimento do perfil do terreno nas diferentes direcções;



Figura 124
Maqueta de estudo e edifício proposto, vista Norte, 3ª e última Fase, Relação com o terreno (2016)

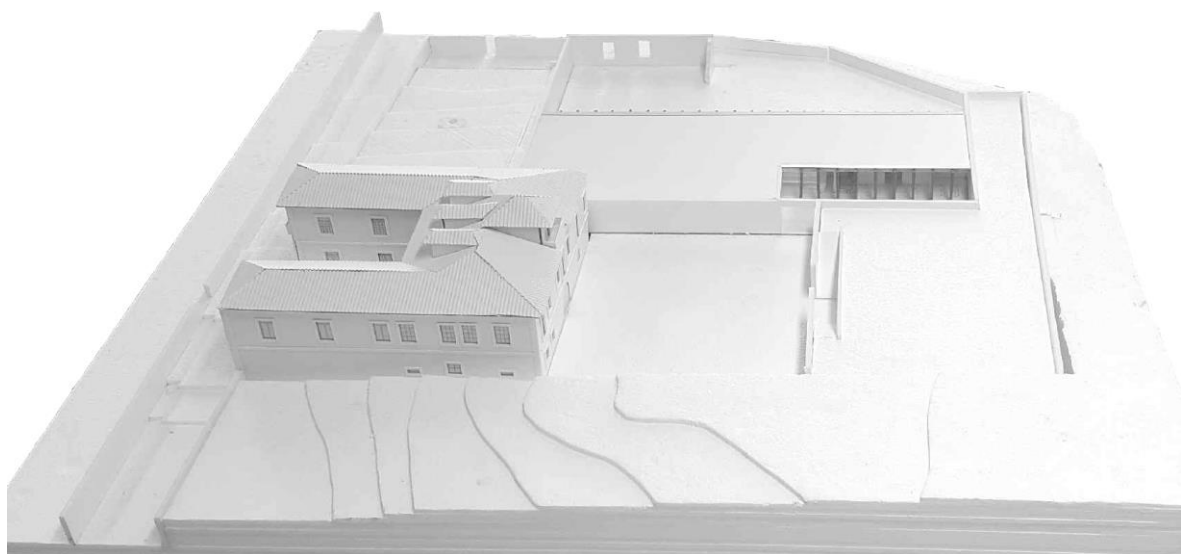


Figura 125
Maqueta de estudo e edifício proposto, vista Sul, 3ª e última Fase, Relação com o terreno (2016)

Como resultado de um longo percurso de processo experimental, influenciado pela circunstância do espaço existente, assim como, das diferentes opções tomadas no decorrer das propostas anteriores, surge, por fim, o projeto final para a Escola de Dança. (Figura 126)

*“O arquitecto, pela sua profissão, é por excelência um criador de formas, um organizador do espaço; mas as formas que cria, os espaços que organiza, mantendo relações com a circunstância, criam circunstância e havendo na acção do arquitecto possibilidade de escolher, possibilidade de selecção, há fatalmente drama.”*⁶⁵

Foi este drama que coexistiu nas diferentes propostas e do qual surgiram as principais influências reflectidas nas decisões que levaram à proposta final. Qual a forma de intervir, quais as estratégias a tomar numa área tão condicionada pela circunstância existente. A forte definição que os muros de suporte impunham na composição dos limites. O carácter natural existente do espaço envolvente. Como intervir na proximidade de um espaço organizado por um dos mais importantes percursos da arquitectura portuguesa.

Em todo a evolução da prática projetual, pairou na sua resolução uma questão fundamental, que eventualmente viria a ter um grande impacto na solução final. Não se pretendia uma linguagem estilizada para o edifício, mas sim, tal como Távora procura incessantemente na intervenção do parque, uma harmonia entre o espaço e a forma, para que talvez, o edifício pudesse dotar o espaço ao invés de simplesmente ocupá-lo. Távora (1953), “ (...) o ‘estilo’ não conta; conta, sim, a relação entre a obra e a vida; o estilo é o resultado dessa relação.”

Para esse efeito, foram questionadas de novo todas as opções tomadas, surgindo esta proposta como uma síntese de todas as realizações até ela efectuadas. Porque a arquitectura não é mais do que a escolha da melhor postura perante a circunstância imposta. Seja ela do espaço ou até do seu carácter funcional.

Reunindo as influências das propostas anteriores, em especial, da segunda fase anteriormente analisada, a implantação do edifício é mantida assim como o pátio e sua organização anterior, existindo nele pequenas modificações em questões de escala.

Relativamente a questões formais, o edifício apresenta-se agora com componente horizontal, reforçada através de um único piso visível, partilhando a cota do pátio e da Escola de Música, sendo que parte do programa, não necessitando forçosamente de luz natural, transitou para o piso inferior.

⁶⁵ Távora, F. (2008). *Da Organização do Espaço*. (p. 73)

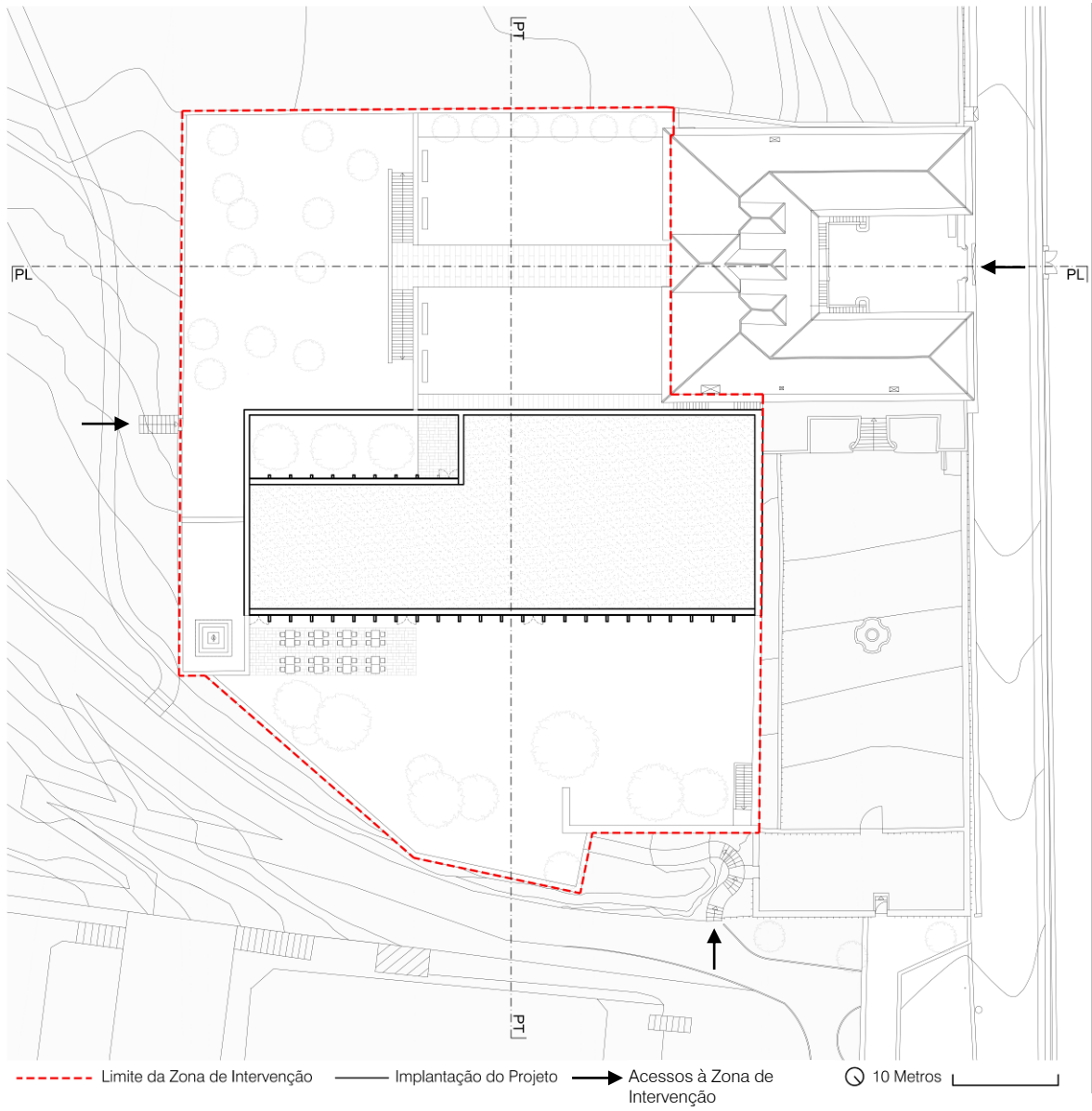


Figura 126
Esquema de Implantação, 3ª e última Fase (2016)

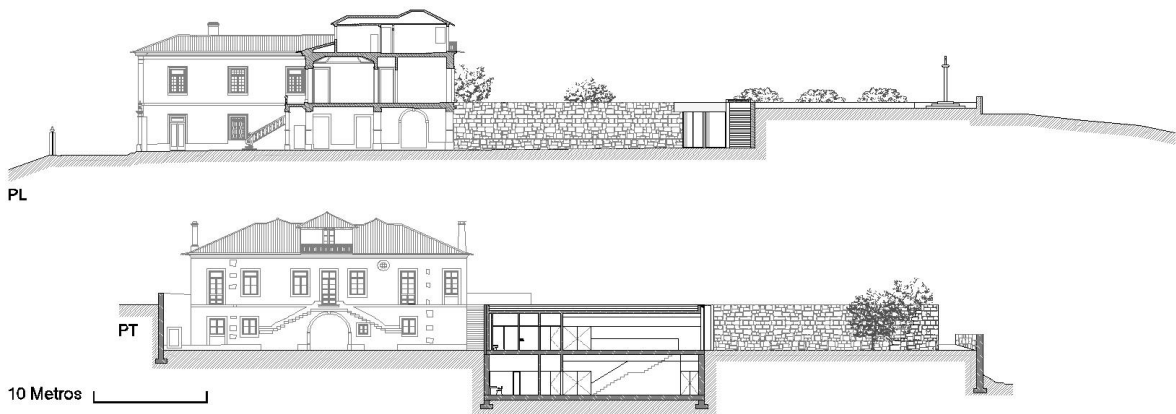


Figura 127
Perfil Longitudinal e Transversal, 3ª e última Fase (2016)

O motivo pela qual se fundamenta a colocação de um único volume à cota do pátio surge de uma preocupação contrária à desenvolvida nas propostas anteriores. Não se procuraria um edifício com afirmação na estrutura existente, sugerindo-se uma implantação em harmonia com o meio envolvente, destacando o terreiro na cota superior e a plataforma do cruzeiro. Em simultâneo, decorreria uma tentativa de libertação da área envolvente permitindo um maior número de espaços verdes circundantes, propondo-se, na cobertura do edifício, uma nova área verde, procurando assim minimizar o seu impacto na composição do parque.

Pretende-se ainda, através da introdução do novo equipamento, a organização de um espaço pouco harmonioso que se estabelece a Sul, retirando o seu carácter privado relativo ao seu uso pela casa pré-existente. Estabelecendo-se o objectivo de dialogar esta plataforma com a estrutura planeada na proposta efectuada, tornando-o assim, provedor de percursos à zona intervencionada.

O acesso ao edifício seria feita de novo através do pátio, desta vez no seu cunhal Nascente, sugerindo-se a sua marcação através de um lintel em granito com clara influência da obra de Távora no Pátio Vermelho. Feita a sua transição, programa-se um novo espaço aberto como ante-câmara de recepção à entrada, criado no intuito de promover um espaço íntimo de transição, que, por sua vez, permitiria a iluminação da área administrativa.

Com a ocupação da zona central da área de intervenção, estabelecida em eixo horizontal a rematar nos muros de suporte do Jardim a Poente e plataforma do cruzeiro a Nascente quebra-se a ligação entre a zona de cota alta a Sul e a frente Norte do edifício. Tratando-se de zonas de carácter distinto, seria oportuna a sua divisão, observando-se na cota mais alta uma narrativa comum com o parque, cujo aspecto de “bosquete” se assemelha com as zonas envolventes.

Na frente Norte da Escola planeia-se um jardim de cota idêntica ao pátio com ligação directa ao Parque, relacionando-se com a outrora zona conventual da Quinta, dispondo de campos visuais abertos e vista sobre a envolvente. Através da demolição das instalações sanitárias presentes neste espaço, prevê dar ênfase a sua antiga ocupação através do uso de parte das suas paredes, permitindo conformar os limites da zona de intervenção e enquadrar a árvore existente que, sem ela, perdia toda a sua caracterização. Este gesto resulta da observação da transição entre alameda amarela e vermelha, onde Távora interrompe o muro devido à árvore pré-existente, representando um confronto entre natureza e obra humana.

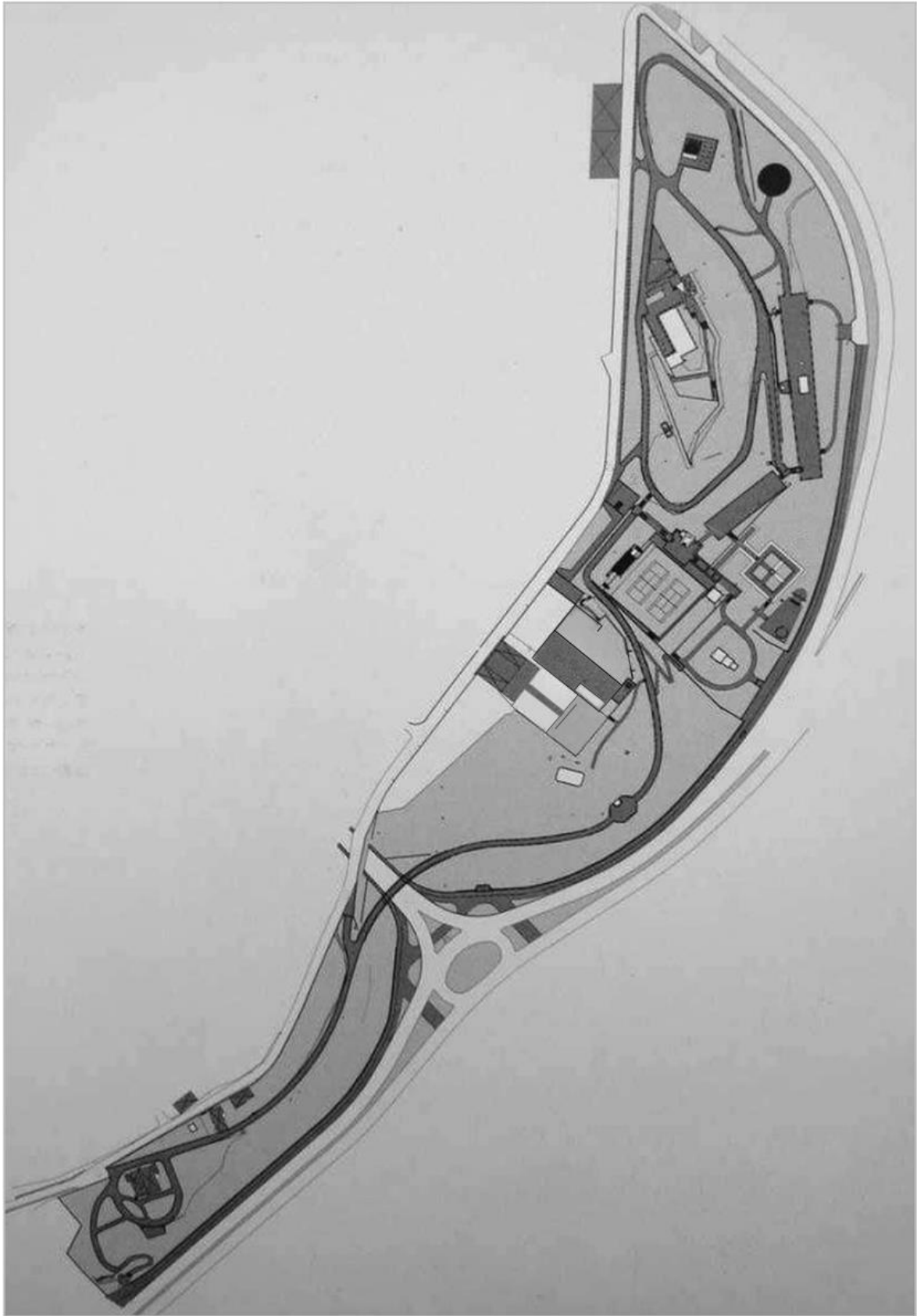


Figura 128

Esquema demonstrativo da implantação do edifício da Escola de Dança no conjunto das duas Quintas, Conceição e Santiago.
Baseado em Clementino (2013). Sem data. Sem escala

No que se refere à linguagem material, prevê-se o uso de alvenaria de pedra, obedecendo a uma linguagem vernacular mais apropriada para o contexto em que a obra se insere, tanto nos muros projectados para o pátio como nas paredes exteriores da Escola de Dança. Toda a fenestração do edifício, a Norte e Sul, deriva de um objetivo comum, permitir que toda a área do piso superior, excepto zonas de carácter íntimo e privado, tirem partido das vistas sobre o parque e no exterior se observe o reflexo do espaço envolvente, procurando assim uma dissimulação do edifício.

Para minimizar a forte presença dos vãos foram previstas lâminas verticais com componente estrutural em betão armado, quebrando em parte a componente horizontal do edifício e enquadrando as vistas a partir do interior.

As lâminas surgem desta vez associadas à influência do alçado nascente da Piscina de Álvaro Siza no parque, assumindo uma forte vertente compositiva da fachada Norte e Sul do edifício projetado.

“... projectar, planejar, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que o conhecer e ser se confundem. ...”⁶⁶

Toda a circunstância existente na zona envolvente, no espaço e na forma, toma um papel fundamental nas escolhas efetuadas ao longo das diferentes propostas, tendo como propósito final, não só um edifício, mas um conjunto de elementos coerentes com a estrutura planeada por Távora para a Quinta – o Parque Municipal – propondo-se este equipamento não apenas como um novo edifício, mas uma adição respeitadora ao espaço organizado pela obra de Álvaro Siza e Fernando Távora, contribuindo assim para este legado histórico e arquitectónico que é a Quinta da Conceição.

“Todo o homem cria formas, todo o homem organiza o espaço e se as formas são condicionadas pela circunstância, elas criam igualmente circunstância, ou ainda, a organização do espaço sendo condicionada é também condicionante.”⁶⁷

É neste mesmo contexto que surge a Escola de Dança, uma nova forma que organiza o seu espaço envolvente, condicionada pela circunstância do espaço organizado que ousa criar uma nova circunstância, uma circunstância futura. Introduzindo no parque, através da verticalidade nas diferentes intervenções, o papel dinâmico da sua utilização através de novos espaços, novos elementos transitivos, novos percursos, surge como condicionante do espaço organizado. Com ela procura-se trazer uma nova vida ao Parque Municipal da Quinta da Conceição, novos usufruidores, os estudantes de um novo espaço inserido numa das mais belas obras do Séc. XX.

⁶⁶ Távora, F. (2008). *Da Organização do Espaço*. (p. 73)

⁶⁷ Távora, F. (2008). *Da Organização do Espaço*. (p. 74)

Capítulo V
Considerações Finais



Figura 129
Imagem virtual da proposta final da Escola de Dança (2016)

De que forma a verticalidade na organização do espaço, através da intervenção de diferentes homens de diferentes gerações, pode criar uma circunstância futura através da sua obra executada, ou até planeada. Terá sido esta a questão que prendeu toda a narrativa na elaboração da presente Dissertação.

Com o estudo dos diferentes planos elaborados por Fernando Távora para o Parque Municipal da Quinta da Conceição, verificou-se a presença dos dois elementos em estudo. Em primeiro lugar, a Verticalidade, e, logo adjacente, a circunstância que decorre desta. Távora moldou-a nos seus planos, tirou partido dela, e ainda, tornou-a mais digna, alvo de contemplação. É assim que se insere a memória conventual no atual espaço organizado da Quinta, que ainda hoje leva no seu nome a evocação da herança passada. O Convento da Nossa Senhora da “Conceição”.

Através da análise dos Casos de Estudo, pretendeu-se elaborar uma contextualização dos modelos arquitectónicos sugeridos à época, por um outro arquitecto, Keil do Amaral, cujo objectivo pedia na busca de caracterização similar em Equipamentos Públicos “Parques Municipais”, separados por uma década apenas. Determinando-se assim, a presença de funções, construídas e não construídas semelhantes às projectadas por Távora para a Quinta da Conceição.

Entre as funções construídas nos planos de Keil e de Távora, predominam aquelas de lazer e apoio. Relativamente aos edifícios planeados com uma vertente cultural, que certamente dinamizariam a utilização do parque, nunca chegaram a ser construídos.

Com a análise do espaço atual da Quinta, constataram-se as diferentes influências, locais e internacionais na obra dos arquitectos, Fernando Távora e Álvaro Siza, sendo possível contextualizar de uma forma mais íntima, as diferentes estratégias adoptadas pelos arquitectos na organização do espaço.

No decorrer do estudo das diferentes fases do projeto da Escola de Dança foi procurado evidenciar de que forma a circunstância local, encontrada nos vários elementos que organizam a estrutura da Quinta, assim como, no local de intervenção e na caracterização geral do espaço existente, influenciou as diferentes opções tomadas no decorrer do projeto.

Quando Fernando Távora afirma que o espaço organizado sendo condicionado é também condicionante, responde em parte ao facto da obra construída ser por si só, criadora de circunstância. Enquanto elemento organizador do seu espaço, condiciona o lugar que o envolve, criando assim, uma circunstância futura. Por este motivo, deve o homem, enquanto organizador do espaço, acautelar as suas intervenções, pois elas não são obra do presente, são fruto de uma geração, que certamente influenciará as futuras.

Clementino, L. L. R. R. (2013). *FERNANDO TÁVORA. De O Problema da Casa Portuguesa ao Da Organização do Espaço* (Tese de Mestrado, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e tecnologia Universidade de Coimbra). Obtido através de:

<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/24401>

Delecave, J. (2011, Junho). *Identidade e subjetividade na obra de Fernando Távora: o segundo Pós-Guerra e a Quinta da Conceição*. 9º Seminário docomomo Brasil, Interdisciplinaridade e experiência em documentação e preservação do património recente, Brasil. Obtido através de:

http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/063_M18_RM-IdentidadeESubjetividade-ART_jonas_delecave.pdf

Frampton, K. (1983). *Towards a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance*. In, Foster, H. (ed.). *Postmodern Culture*, Londres: Editorial Pluto.

Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva (2015). *Sobre o “projeto-de-arquitetura” de Fernando Távora*, Porto.

Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto) Obtido através de: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/80787?locale=pt>

Gonçalves, J. F. (2009). *A viagem na Arquitectura Portuguesa do seculo XX*. Grupo I&D Atlas da Casa. Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo. RESDOMUS. Plataforma editorial de cruzamento e de divulgação de cultura arquitectonica. Obtido através de: <http://resdomus.blogspot.pt>

Jornal de Notícias (1957, Agosto 25). *Está em construção no concelho de Matosinhos um parque maravilhoso e sem igual no Pais*. Obtido através de: Instituto Fundação Arquitecto José Marques da Silva.

Leite, J. (2014, Julho 27). *Lago do Jardim do Campo Grande* [Web Log Post]. Obtido através de:

<https://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/07/lago-do-jardim-do-campo-grande.html>

Lima, S. R. M. (2012). *Fernando Távora e o Espaço Público Português*. (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto).

Pinto, M. I. A. (2011). *O Convento da Conceição de Leça. espaço, administração e património (1673-1834)*. (Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

Reis, L. M. (2005). *Fernando Távora Para uma Arquitectura Natural*. (Prova Final para Licenciatura em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto).

- Távora, F. (1956). *Memória descritiva e justificativa do Anteprojeto da Quinta da Conceição*. Porto.
- Távora, F. (1957a). *Memória descritiva e justificativa do projecto da Quinta da Conceição*. Porto.
- Távora, F. (1957b). *Memória descritiva e justificativa do projecto do pavilhão de ténis e respetivo muro de suporte*, Porto.
- Távora, F. (1967). *Memória descritiva e justificativa do Anteprojeto do restaurante*. Porto
- Távora, F. (1993). *Fernando Távora: Percurso = a life long trail*. Lisboa: Centro Cultural de Belém.
- Távora, F. (2008). *Da organização do espaço*. Porto: FAUP publicações.
- Tostões, A. (1992). *Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande. KEIL DO AMARAL, Arquitecto dos Espaços Verdes de Lisboa*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Tostões, A., Amaral, F. P. K., Moita, I., (1999). *Keil do Amaral O Arquitecto e o Humanista*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Tostões, A. (2013). *Francisco Keil do Amaral. Coleção de Arquitectos Portugueses, série 2, publico*, Vila do Conde.
- Trigueiros, L. (1993). *Fernando Távora*. Lisboa: Blau.
- Trigueiros, L., Barata, P. M. (1997). *Álvaro Siza 1954-1976*. Lisboa: Blau.
- Vieira, A. S. (2009). *Textos 01 - Álvaro Siza*, Porto: Livraria civilização editora

Organizado segundo norma **APA. 6^a Edição**

Figura 1. Cerca conventual e hipótese de implantação do Convento da Nossa Senhora da Conceição Esc. 1/5000.....	06
Figura 2. Capela de S. Clemente das Penhas (2011). Leça da Palmeira.....	08
Figura 3. Capela de S. Francisco. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	08
Figura 4. Claustro. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	08
Figura 5. Portal Manuelino. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	08
Figura 6. Claustro. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	08
Figura 7. Alameda Vermelha. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	08
Figura 8. Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Anteprojeto (1956). Fernando Távora, Leça da Palmeira. Sem escala. Com base em Furtado (2015).....	10
Figura 9. Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1957). Fernando Távora, Leça da Palmeira. Sem escala. Com base em Furtado (2015).....	12
Figura 10. Esquisso do Conjunto da Quinta da Conceição e Quinta de Santiago. Leça da Palmeira. Sem data. Sem escala.....	14
Figura 11. Lista de CIAM decorridos na década de 50 dos quais Távora participa juntamente com o grupo português dos CIAM.....	16
Figura 12. O Problema da Casa Portuguesa, Fernando Távora, 1945 (1º Texto).....	16
Figura 13. Capa do Inquérito da Arquitectura Popular Portuguesa, (1ª Edição 1960), 2ª Edição.....	16
Figura 14. Relatório duma Viagem de Estudo, Keil do Amaral, Agosto 1939, (Arquivo do D.S.U.-C.M.L.).....	18
Figura 15. A Arquitectura e a Vida, Francisco Keil do Amaral. Lisboa, Edição de 1942. Biblioteca Cosmos.....	18
Figura 16. A Moderna Arquitectura Holandesa, Francisco Keil do Amaral. Lisboa, 1943. Cadernos Seara Nova.....	18
Figura 17. Planta do Parque Florestal de Monsanto, Keil do Amaral. Lisboa. Sem data. Sem escala.....	22
Figura 18. Miradouro de Montes Claros e Casa de Chá, Parque Florestal de Monsanto. Lisboa.....	24
Figura 19. Perspectiva do Clube de Ténis e Pavilhão Desportivo de Monsanto, Parque Florestal de Monsanto. Lisboa.....	24
Figura 20. Planta do Teatro ao Ar Livre, Parque Florestal de Monsanto. Lisboa. Sem data. Sem escala.....	26
Figura 21. Planta do Restaurante Panorâmico, Parque Florestal de Monsanto. Lisboa. Sem data. Sem escala.....	26
Figura 22. Perspectiva do Botequim, Jardim do Campo Grande. Lisboa.....	28
Figura 23. Perspectiva da Ilha com Botequim sobre o Lago, Jardim do Campo Grande. Lisboa.....	28
Figura 24. Planta do Restaurante Alvalade, Jardim do Campo Grande. Lisboa. Sem data. Sem escala.....	28
Figura 25. Planta da Piscina Infantil, Jardim do Campo Grande. Lisboa. Sem data. Sem escala.....	28
Figura 26. Planta do Estado Actual inserida no Anteprojeto do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1956), Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala.....	32
Figura 27. Planta Geral inserida no Anteprojeto do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1956), Fernando Távora. Leça da Palmeira.....	34
Figura 28. Extrato Topográfico 1944-52 (15D) com sobreposição da mancha do Plano Geral, anteprojeto de intervenção de Távora (1956), Freguesia de Leça da Palmeira. Sem escala.....	34
Figura 29. Lajetas de Granito com inscrições, junto ao Portal Manuelino. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	36
Figura 30. Lajetas de Granito com inscrições, junto ao Portal Manuelino. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	36

Figura 31. Tanque na outrora zona conventual, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	36
Figura 32. Vista aérea da Quinta da Conceição, aquando as obras de construção dos eixos viários decorrentes da ampliação do porto municipal de Leixões.....	36
Figura 33. Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Anteprojecto (1956). Fernando Távora, Leça da Palmeira. Sem escala. Com base em Furtado (2015).....	38
Figura 34. Planta do Estado Actual inserida no Anteprojecto do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1956), Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala.....	39
Figura 35. Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Anteprojecto (1956). Fernando Távora, Leça da Palmeira. Sem escala. Com base em Furtado (2015).....	39
Figura 36. Sobreposição do Traçado pré-existente e projetado com base no Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Anteprojecto (1956), Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala.....	40
Figura 37. Esquema da estrutura do Parque com base no Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Anteprojecto (1956), Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala.....	40
Figura 38. Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1957). Fernando Távora, Leça da Palmeira. Sem escala. Com base em Furtado (2015).....	42
Figura 39. Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Anteprojecto (1956). Fernando Távora, Leça da Palmeira. Sem escala. Com base em Furtado (2015).....	44
Figura 40. Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1957). Fernando Távora, Leça da Palmeira. Sem escala. Com base em Furtado (2015).....	44
Figura 41. Esquema da estrutura do Parque com base no Plano Geral (1957) do Parque Municipal da Quinta da Conceição, Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala.....	46
Figura 42. Planta e Alçado do Acesso Poente, Fernando Távora (1957). Sem escala.....	46
Figura 43. Planta e Alçado do Acesso Nascente, Fernando Távora (1957). Sem escala.....	46
Figura 44. Planta e Alçado do Acesso Norte, Fernando Távora (1957). Sem escala.....	46
Figura 45. Esquema baseado na Planta do Parque Municipal da Quinta da Conceição. Leça da Palmeira. Sem data. Sem escala.....	48
Figura 46. Alçados e Cortes da Piscina e Pavilhão, Anteprojecto, Parque Municipal da Quinta da Conceição (1958), Leça da Palmeira. Sem escala.....	48
Figura 47. Planta Geral da Piscina da Quinta da Conceição, Janeiro de 1961, Sem escala. Projecto de Álvaro Siza e Fernando Távora.....	48
Figura 48. Rótulo da Planta Geral da Piscina da Quinta da Conceição, Janeiro de 1961. Projecto de Álvaro Siza e Fernando Távora....	48
Figura 49. Vista sobre Pavilhão de Ténis, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	50
Figura 50. Percurso para o Claustro, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	50
Figura 51. Transição das Alamedas, Amarela e Vermelha, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	50
Figura 52. Vista Panorâmica da Piscina da Quinta da Conceição, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	50
Figura 53. Esquema Espacial e Circulatório baseado em Planta Geral do estado actual da Quinta da Conceição, Furtado (2015). Sem data. Sem escala.....	52
Figura 54. Esquema em Planta do Pátio Vermelho, Sem escala, com base em Furtado (2015).....	54
Figura 55. Vista da Entrada Poente, acesso à Rua de Vila Franca. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	54
Figura 56. Pátio Vermelho. Acesso ao Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	54
Figura 57. Casa Eduardo Prieto Lopez (1950), Luis Barragán. México.....	54
Figura 58. Unidade Residencial de Ramalde, Távora (1952-60).....	54
Figura 59. La Cuadra San Cristóbal e Fonte dos Amantes (1964-69), Luis Barragán, México.....	56
Figura 60. Vila Imperial de Katsura (2010), entrada Miyukimon, Quioto.....	56

Figura 61. Entrada Nascente, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	56
Figura 62. Entrada Sul, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	56
Figura 63. Capela de S. Francisco e adro, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	56
Figura 64. Vista sobre a avenida com pátio vermelho ao fundo, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira..	56
Figura 65. Esquema em Planta do Pátio da Capela, Sem escala, com base em Furtado (2015).....	58
Figura 66. Transição das Alamedas, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	58
Figura 67. Alameda Amarela, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	58
Figura 68. Alameda Vermelha, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	58
Figura 69. Parque Infantil, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	60
Figura 70. Bar-Restaurante, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	60
Figura 71. Pavilhão de Ténis, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	60
Figura 72. Piscina Municipal, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	60
Figura 73. Esquema em Planta do Espaço Conventual. Sem escala, com base em Furtado (2015).....	62
Figura 74. Espaço Conventual, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	62
Figura 75. Claustro, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	62
Figura 76. Portal Manuelino, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	62
Figura 77. Vista Poente, Pavilhão de Ténis. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	64
Figura 78. Vista Nascente, Pavilhão de Ténis. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	64
Figura 79. Vista panorâmica, Pavilhão e Campos de Ténis. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	64
Figura 80. Desenho de estudo. Alçado Nascente do Pavilhão de Ténis. Quinta da Conceição. Matosinhos. Sem data. Sem escala.....	66
Figura 81. Vista interior da Tribuna do Pavilhão de Ténis. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	66
Figura 82. Plantas, Alçados e Cortes da 1ª Fase do Projecto do Pavilhão de Ténis (1957). Quinta da Conceição. Leça da Palmeira. Sem escala.....	66
Figura 83. Vista do Guarda-Mão e interior da Trbuna do Pavilhão de Ténis. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	68
Figura 84. Pequena ponte de pedra e Guardas laterais (2010). Kinkaku-Ji.....	68
Figura 85. Escola Primária do Cedro (1957-61), Fernando Távora. Vila Nova de Gaia.....	68
Figura 86. Casa Ferreira da Silva (1955-56), Fernando Távora. Ofir.....	68
Figura 87. Casa Schroeder (1924-25), Gerrit Rietveld. Utrecht. Holanda.....	68
Figura 88. Taliesin West (1937), Frank Lloyd Wright. Scottsdale. Arizona.....	68
Figura 89. Vista sobre a entrada da Piscina, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	70
Figura 90. Planta da Piscina da Quinta da Conceição, Parque Municipal da Quinta da Conceição. Leça da Palmeira. Sem data. Sem escala.....	70

Figura 91. Alçados e Cortes da Piscina da Quinta da Conceição, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira. Sem data. Sem escala.....	72
Figura 92. Vista sobre o alçado nascente da Piscina, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	74
Figura 93. Casa experimental Muuratsalo (1953), Alvar Aalto. Finlândia.....	74
Figura 94. Parque Infantil, Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	76
Figura 95. Esquema demonstrativo da proposta do Parque Infantil baseado em extracto do Plano Geral de (1957). Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala.....	76
Figura 96. Esquema demonstrativo da proposta do Parque Infantil baseado em extracto da Planta do estado atual da Quinta da Conceição, com base em Furtado (2015). Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala.....	76
Figura 97. Parque Infantil, Nieuwmarkt (1968), Amesterdão. Holanda.....	78
Figura 98. Parque Infantil, Dijkstraat (1954), Amesterdão. Holanda.....	78
Figura 99. Parque Infantil, Bertelmanplein (1947), Amesterdão. Holanda.....	78
Figura 100. Planta do Museu, Projeto inserido no Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1957). Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala.....	80
Figura 101. Corte e Alçado do Museu, Projeto inserido no Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1957). Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala.....	80
Figura 102. Planta do Teatro ao Ar Livre, Projeto inserido no Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1957). Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala.....	82
Figura 103. Planta do Teatro ao Ar Livre, Projeto inserido no Anteprojeto do Plano Geral do Parque Municipal da Quinta da Conceição (1956). Fernando Távora. Leça da Palmeira. Sem escala.....	82
Figura 104. Esquema com base na Planta de Situação do Anteprojeto do restaurante (1967). Fernando Távora. Parque Municipal da Quinta da Conceição. Leça da Palmeira. Sem escala.....	84
Figura 105. Planta Geral do Anteprojeto do restaurante (1967). Fernando Távora. Parque Municipal da Quinta da Conceição. Leça da Palmeira. Sem escala.....	86
Figura 106. Cortes C1, C2. Anteprojeto do restaurante (1967). Fernando Távora. Parque Municipal da Quinta da Conceição. Leça da Palmeira. Sem escala.....	86
Figura 107. Entrada Norte, Zona de Intervenção. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	92
Figura 108. Entrada Norte, Zona de Intervenção. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	92
Figura 109. Plataforma e Cruzeiro, Fernando Távora. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	92
Figura 110. Edifício da Guarda Nacional Republicana. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2015). Leça da Palmeira.....	92
Figura 111. Terreiro no extremo Sul da Zona de Intervenção, adjacente ao edifício da Guarda Nacional Republicana. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2015). Leça da Palmeira.....	92
Figura 112. Quadro demonstrativo dos pressupostos programáticos para a elaboração do projeto da Escola de Dança.....	94
Figura 113. Vista aérea do espaço atual da Quinta da Conceição com esquema gráfico demonstrativo da Quinta da Conceição e Zona de Intervenção.....	96
Figura 114. Vista Panorâmica da Zona de Intervenção. Parque Municipal da Quinta da Conceição (2016). Leça da Palmeira.....	96
Figura 115. Vista aérea do espaço atual da Quinta da Conceição com esquema gráfico demonstrativo da Zona de Intervenção.....	96
Figura 116. Maqueta de estudo e edifício proposto, vista Norte e Nascente, 1ª Fase, Relação com o terreno (2015).....	98
Figura 117. Maqueta de estudo e edifício proposto, vista Norte e Nascente, 1ª Fase, Relação com o terreno (2015).....	98
Figura 118. Esquema de Implantação, 1ª Fase (2015).....	100
Figura 119. Perfil Longitudinal e Transversal, 1ª Fase (2015).....	100
Figura 120. Maqueta de estudo e edifício proposto, vista Norte, 2ª Fase, Relação com o terreno (2015).....	102

Figura 121. Maqueta de estudo e edifício proposto, vista Sul, 2ª Fase, Relação com o terreno (2015).....	102
Figura 122. Esquema de Implantação, 2ª Fase (2015).....	104
Figura 123. Perfil Longitudinal e Transversal, 2ª Fase (2015).....	104
Figura 124. Maqueta de estudo e edifício proposto, vista Norte, 3ª e última Fase, Relação com o terreno (2016).....	106
Figura 125. Maqueta de estudo e edifício proposto, vista Norte, 3ª e última Fase, Relação com o terreno (2016).....	106
Figura 126. Esquema de Implantação, 3ª e última Fase (2016).....	108
Figura 127. Perfil Longitudinal e Transversal, 3ª e última Fase (2016).....	108
Figura 128. Esquema demonstrativo da implantação do edifício da Escola de Dança no conjunto das duas Quintas, Conceição e Santiago. Baseado em Clementino (2013). Sem data. Sem escala.....	110
Figura 129. Imagem virtual da proposta final da Escola de Dança (2016).....	114

Figura 1. Esquema do autor com base em: Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). 002. (p. 26)

Figura 2. Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. SIPA FOTO.00956371

Figura 3. Imagem do autor (2016)

Figura 4. Imagem do autor (2016)

Figura 5. Imagem do autor (2016)

Figura 6. Imagem do autor (2016)

Figura 7. Imagem do autor (2016)

Figura 8. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 012. (p. 42)

Figura 9. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 014. (p. 50)

Figura 10. Imagem compilada pelo autor, obtida através de:

<https://vakkum.com/2014/06/20/1956-60-parque-municipal-quinta-da-conceicao-fernando-tavora/>

Figura 11. Lima, S. R. M. (2012). *Fernando Távora e o Espaço Público Português*. (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). (p. 36)

Figura 12. Lima, S. R. M. (2012). *Fernando Távora e o Espaço Público Português*. (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 55 (p. 68)

Figura 13. Lima, S. R. M. (2012). *Fernando Távora e o Espaço Público Português*. (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 63 (p. 78)

Figura 14. Tostões, A. (1992). *Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande*. KEIL DO AMARAL, *Arquitecto dos Espaços Verdes de Lisboa*. Lisboa: Edições Salamandra. (p. 47)

Figura 15. Tostões, A. (2013). *Francisco Keil do Amaral. Colecção de Arquitectos Portugueses, série 2, publico*, Vila do Conde. (p. 14)

Figura 16. Tostões, A. (2013). *Francisco Keil do Amaral. Colecção de Arquitectos Portugueses, série 2, publico*, Vila do Conde. (p. 12)

Figura 17. Tostões, A. (1992). *Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande*. KEIL DO AMARAL, *Arquitecto dos Espaços Verdes de Lisboa*. Lisboa: Edições Salamandra

Figura 18. Tostões, A. (2013). *Francisco Keil do Amaral. Colecção de Arquitectos Portugueses, série 2, publico*, Vila do Conde. (p. 36)

Figura 19. Tostões, A. (1992). *Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande*. KEIL DO AMARAL, *Arquitecto dos Espaços Verdes de Lisboa*. Lisboa: Edições Salamandra (p. 59)

Figura 20. Tostões, A. (2013). *Francisco Keil do Amaral. Colecção de Arquitectos Portugueses, série 2, publico*, Vila do Conde. (p. 43)

Figura 21. Tostões, A. (2013). *Francisco Keil do Amaral. Colecção de Arquitectos Portugueses, série 2, publico*, Vila do Conde. (p. 44)

Figura 22. Tostões, A. (1992). *Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande*. KEIL DO AMARAL, *Arquitecto dos Espaços Verdes de Lisboa*. Lisboa: Edições Salamandra (p. 94)

Figura 23. Tostões, A. (2013). *Francisco Keil do Amaral. Colecção de Arquitectos Portugueses, série 2, publico*, Vila do Conde. (p. 56)

Figura 24. Tostões, A. (2013). *Francisco Keil do Amaral. Colecção de Arquitectos Portugueses, série 2, publico*, Vila do Conde. (p. 57)

Figura 25. Tostões, A. (2013). *Francisco Keil do Amaral. Colecção de Arquitectos Portugueses, série 2, publico*, Vila do Conde. (p. 59)

Figura 26. Imagem alterada pelo autor, Arquivo Histórico Municipal da Câmara Municipal de Matosinhos

Figura 27. Fundação Instituto José Marques da Silva, FIMS_FT_0107-pd0012

Figura 28. Imagem alterada pelo autor, Arquivo Histórico Municipal da Câmara Municipal de Matosinhos

Figura 29. Imagem do autor (2016)

Figura 30. Imagem do autor (2016)

Figura 31. Imagem do autor (2016)

Figura 32. Imagem obtida através de:

https://matosinhosantigo.blogspot.pt/2009_11_01_archive.html

Figura 33. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 012. (p. 42)

Figura 34. Imagem alterada pelo autor, Arquivo Histórico Municipal da Câmara Municipal de Matosinhos

Figura 35. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 012. (p. 42)

Figura 36. Esquema do autor com base em: Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 012. (p. 42)

Figura 37. Esquema do autor com base em: Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 012. (p. 42)

Figura 38. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 014. (p. 50)

Figura 39. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 012. (p. 42)

Figura 40. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 014. (p. 50)

Figura 41. Esquema do autor com base em: Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 014. (p. 50)

Figura 42. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 024. (p. 58)

Figura 43. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 025. (p. 58)

Figura 44. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 025. (p. 58)

Figura 45. Esquema do autor com base em: Fundação Instituto José Marques da Silva, FIMS_FT_0107-pd0026_2de2

Figura 46. Arquivo Histórico Municipal da Câmara Municipal de Matosinhos

Figura 47. Arquivo Histórico Municipal da Câmara Municipal de Matosinhos

Figura 48. Arquivo Histórico Municipal da Câmara Municipal de Matosinhos

Figura 49. Imagem do autor (2016)

Figura 50. Imagem do autor (2016)

Figura 51. Imagem do autor (2016)

Figura 52. Imagem do autor (2016)

Figura 53. Esquema do autor com base em: Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 030. (p. 62)

Figura 54. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). (p. 97)

Figura 55. Imagem do autor (2016)

Figura 56. Imagem do autor (2016)

Figura 57. Imagem obtida através de:

<http://www.24-horas.mx/la-casa-prieto-lopez-y-luis-barragan/>

Figura 58. Imagem obtida através de:

<https://revisitavora.wordpress.com/bloco-residencial-de-ramalde/>

Figura 59. Imagem obtida através de:

<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-65458/clasicos-de-arquitectura-los-clubes-cuadra-san-cristobal-y-fuente-de-los-amantes-luis-barragan>

Figura 60. Imagem obtida através de:

<https://epicures.wordpress.com/2010/05/19/katsura-imperial-villa-kyoto/>

Figura 61. Imagem do autor (2016)

Figura 62. Imagem do autor (2016)

Figura 63. Imagem do autor (2016)

Figura 64. Imagem do autor (2016)

Figura 65. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). (p. 143)

Figura 66. Imagem do autor (2016)

Figura 67. Imagem do autor (2016)

Figura 68. Imagem do autor (2016)

Figura 69. Imagem do autor (2016)

Figura 70. Imagem do autor (2016)

Figura 71. Imagem do autor (2016)

Figura 72. Imagem do autor (2016)

Figura 73. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). (p. 191)

Figura 74. Imagem do autor (2016)

Figura 75. Imagem do autor (2016)

Figura 76. Imagem do autor (2016)

Figura 77. Imagem do autor (2016)

Figura 78. Imagem do autor (2016)

Figura 79. Imagem do autor (2016)

Figura 80. Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva (2015). *Sobre o “projeto-de-arquitetura” de Fernando Távora*, Porto. (p. 113)

Figura 81. Imagem do autor (2016)

Figura 82. Arquivo Histórico Municipal da Câmara Municipal de Matosinhos

Figura 83. Imagem do autor (2016)

Figura 84. Imagem obtida através de:

<http://kyoto.asanoxn.com/places/kinkaku/kinkakuji/phkkj770.htm>

Figura 85. Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva (2015). *Sobre o “projeto-de-arquitetura” de Fernando Távora*, Porto. 10. (p. 393)

Figura 86. Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva (2015). *Sobre o “projeto-de-arquitetura” de Fernando Távora*, Porto. 15. [A]_7

Figura 87. Imagem obtida através de:

<http://www.archdaily.com.br/br/01-46426/classicos-da-arquitetura-residencia-rietveld-schroder-gerrit-rietveld>

Figura 88. Imagem obtida através de:

<http://www.archdaily.com.br/br/01-123635/classicos-da-arquitetura-taliesin-oeste-slash-frank-lloyd-wright>

Figura 89. Imagem do autor (2016)

Figura 90. Trigueiros, L., Barata, P. M. (1997). *Álvaro Siza 1954-1976*. Lisboa: Blau. (p. 48)

Figura 91. Trigueiros, L., Barata, P. M. (1997). *Álvaro Siza 1954-1976*. Lisboa: Blau. (p. 48)

Figura 92. Imagem do autor (2016)

Figura 93. Imagem obtida através de:

<http://www.archdaily.com/784684/ten-projects-by-alvar-aalto-which-highlight-the-breadth-of-his-built-work>

Figura 94. Imagem do autor (2016)

Figura 95. Esquema do autor com base em: Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 012. (p. 42)

Figura 96. Esquema do autor com base em: Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 012. (p. 62)

Figura 97. Imagem obtida através de:

<http://artbooks.vupnet.org/2015/01/16/sneak-peek-aldo-van-eyck/>

Figura 98. Imagem obtida através de:

<https://pt.pinterest.com/pin/310607705529211359/>

Figura 99. Imagem obtida através de:

<https://i0.wp.com/artbooks.vupnet.org/wp-content/uploads/sites/13/2014/12/2.26.jpg>

Figura 100. Fundação Instituto José Marques da Silva, FIMS_FT_0107-0005

Figura 101. Arquivo Histórico Municipal da Câmara Municipal de Matosinhos

Figura 102. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 012. (p. 42)

Figura 103. Furtado, J. M. C. (2015). *Percorrer, Habitar, Representar. Estratégias do projecto de Fernando Távora para a Quinta da Conceição* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto). Fig. 012. (p. 50)

Figura 104. Esquema do autor com base em: Fundação Instituto José Marques da Silva, FIMS_FT_0153-pd0003

Figura 105. Fundação Instituto José Marques da Silva, FIMS_FT_0153-pd0004

Figura 106. Fundação Instituto José Marques da Silva, FIMS_FT_0153-pd0006

Figura 107. Imagem do autor (2016)

Figura 108. Imagem do autor (2016)

Figura 109. Imagem do autor (2016)

Figura 110. Imagem do autor (2015)

Figura 111. Imagem do autor (2015)

Figura 112. Quadro do autor (2016)

Figura 113. Esquema do autor (2016) com base em Google Earth; Mapa de 2013

Figura 114. Imagem do autor (2016)

Figura 115. Esquema do autor (2016) com base em Google Earth; Mapa de 2013

Figura 116. Imagem do autor (2016)

Figura 117. Imagem do autor (2016)

Figura 118. Imagem do autor (2016)

Figura 119. Imagem do autor (2016)

Figura 120. Imagem do autor (2016)

Figura 121. Imagem do autor (2016)

Figura 122. Imagem do autor (2016)

Figura 123. Imagem do autor (2016)

Figura 124. Imagem do autor (2016)

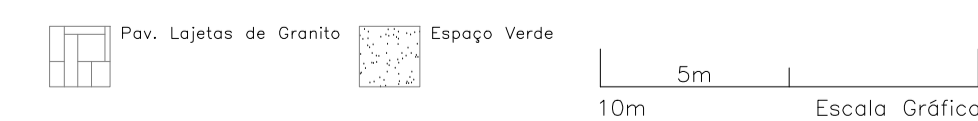
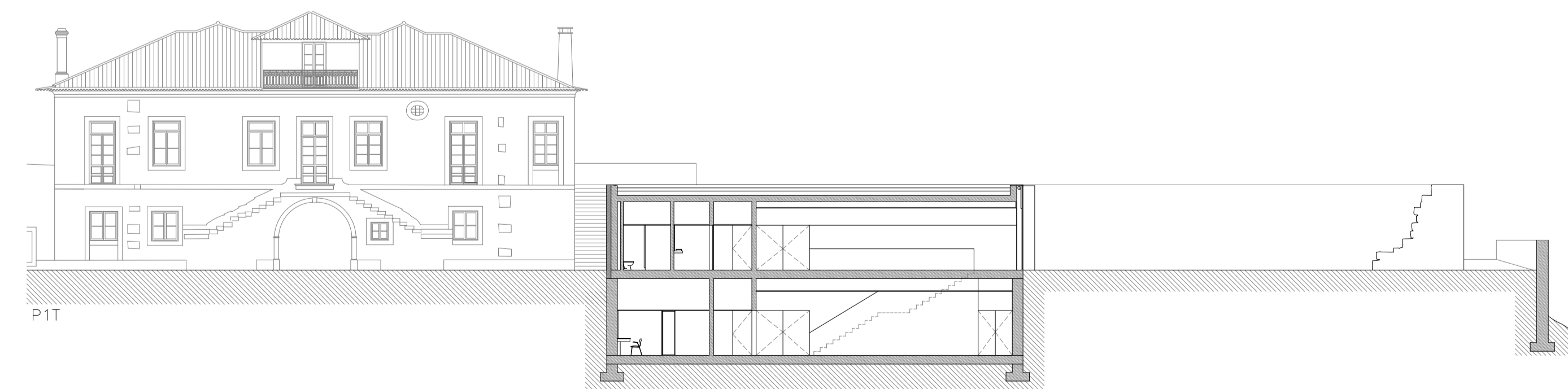
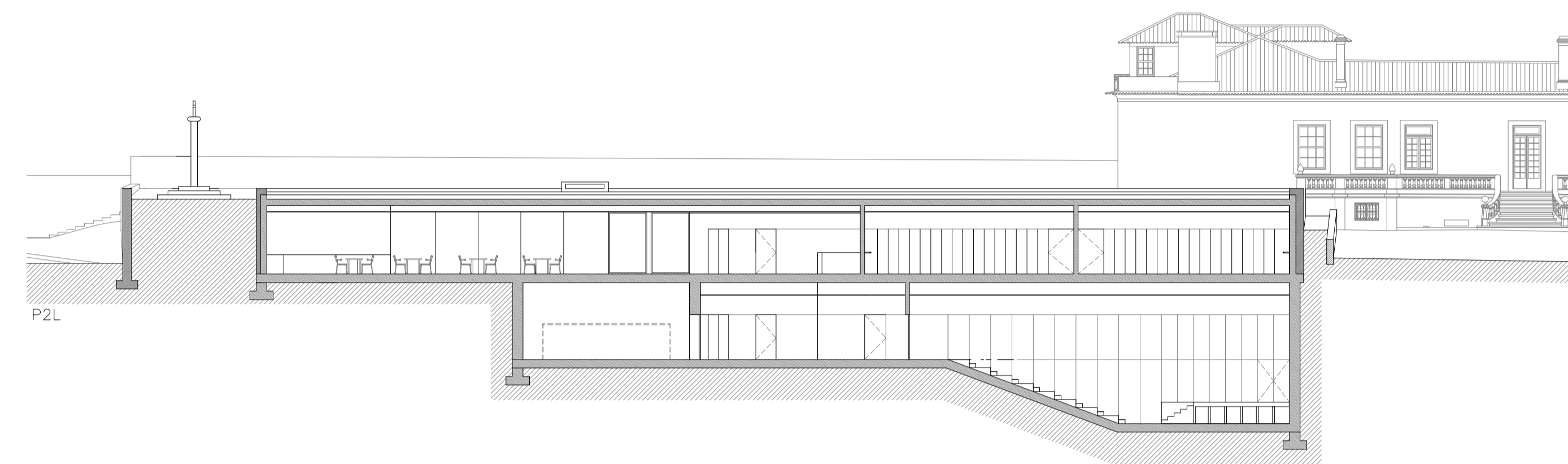
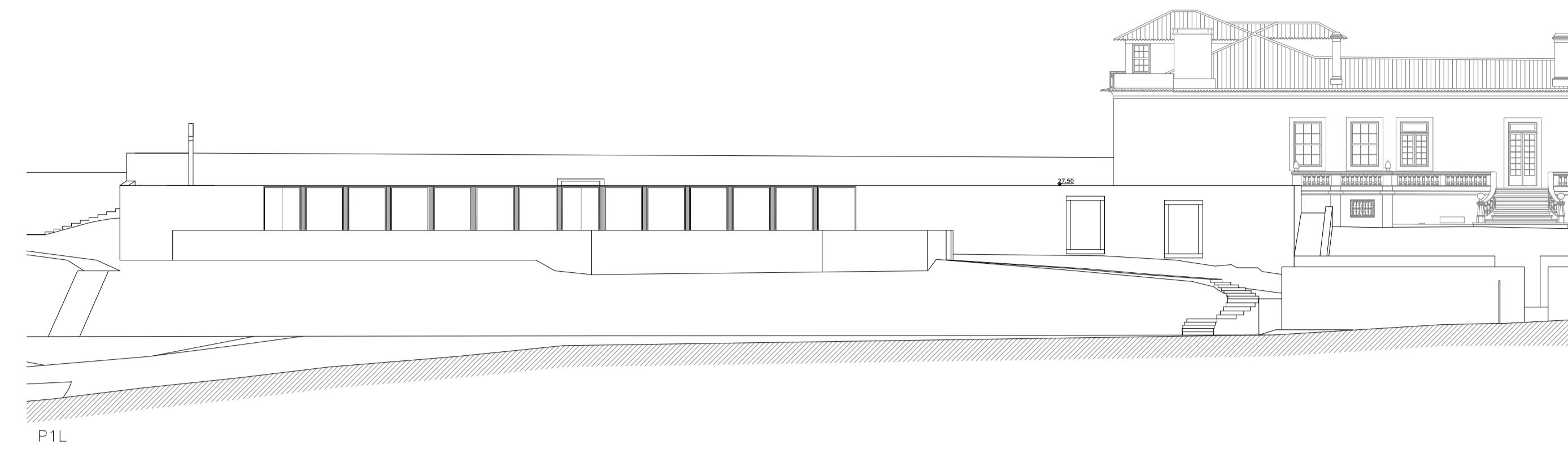
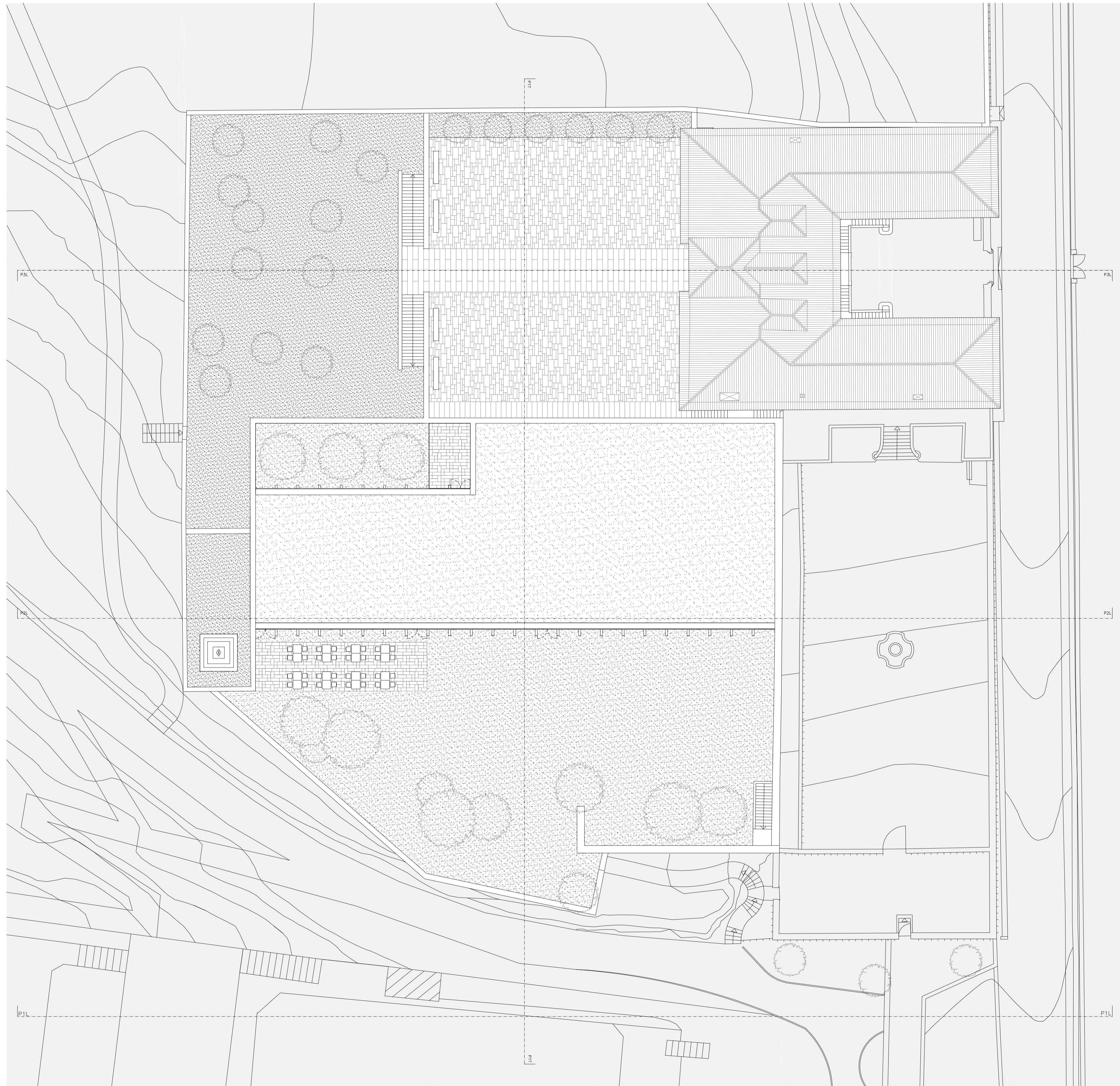
Figura 125. Imagem do autor (2016)

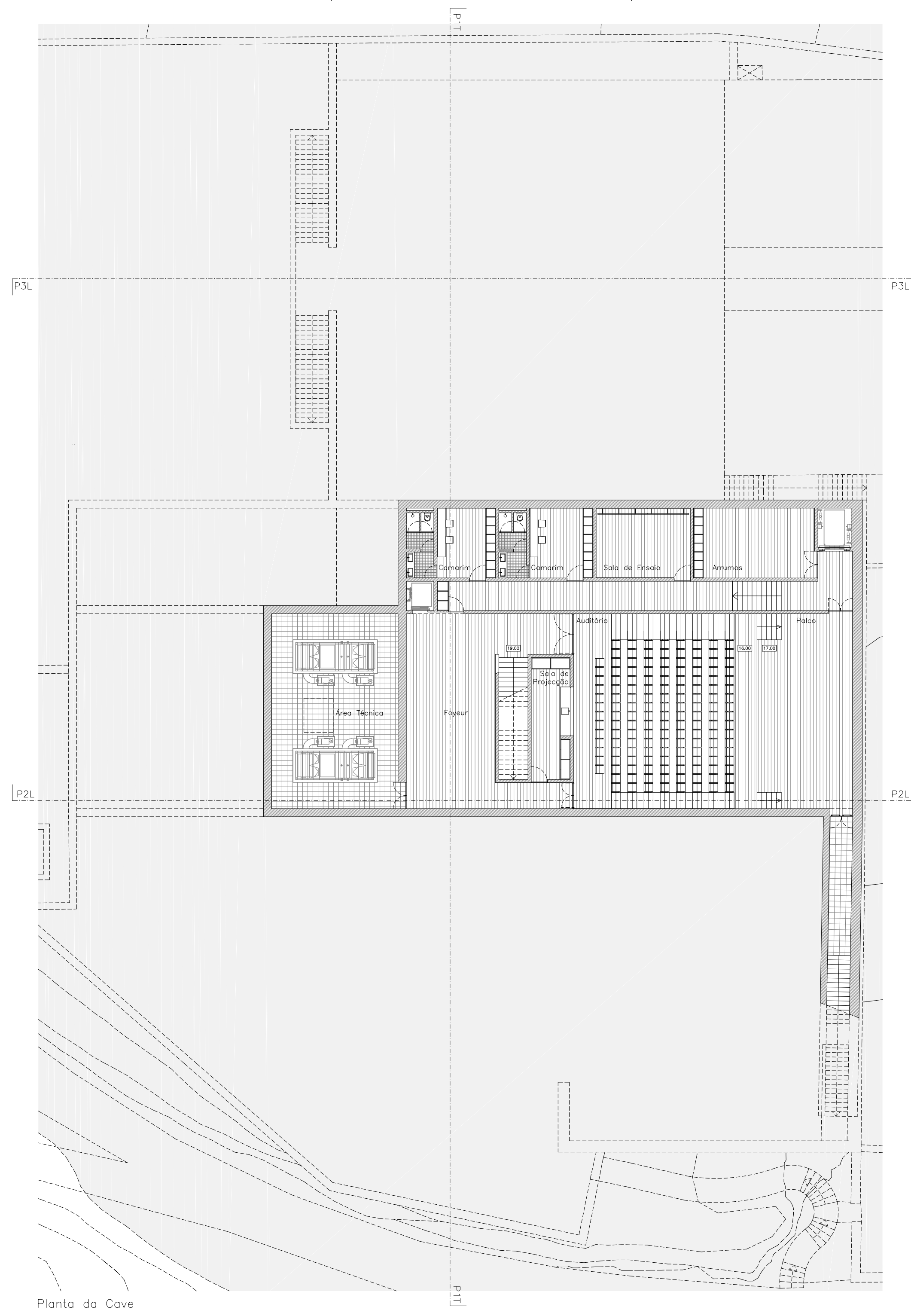
Figura 126. Imagem do autor (2016)

Figura 127. Imagem do autor (2016)

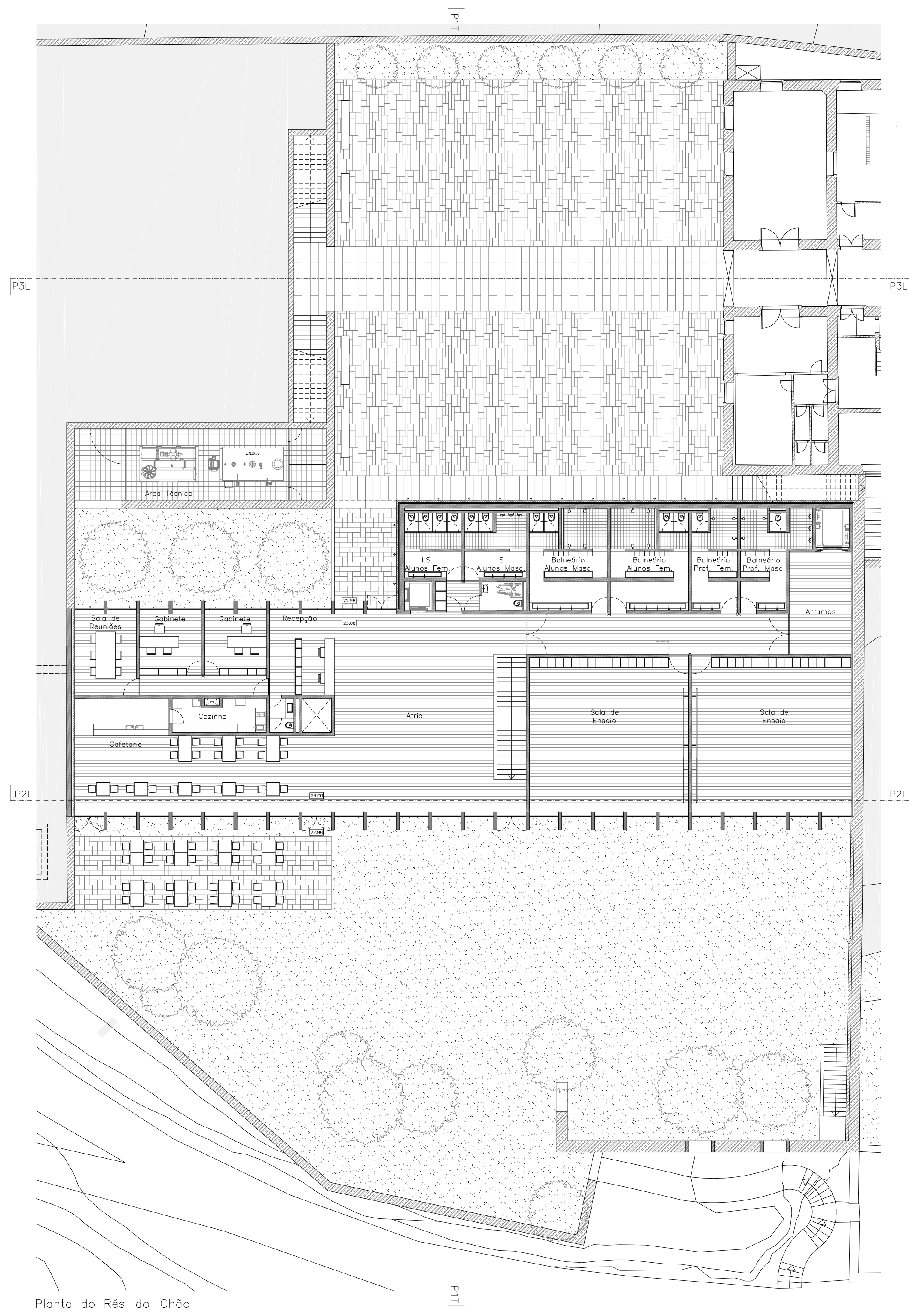
Figura 128. Esquema demonstrativo da implantação do edifício da Escola de Dança no conjunto das duas Quintas, Conceição e Santiago. Baseado em Clementino (2013). Sem data. Sem escala

Figura 129. Imagem do autor (2016)

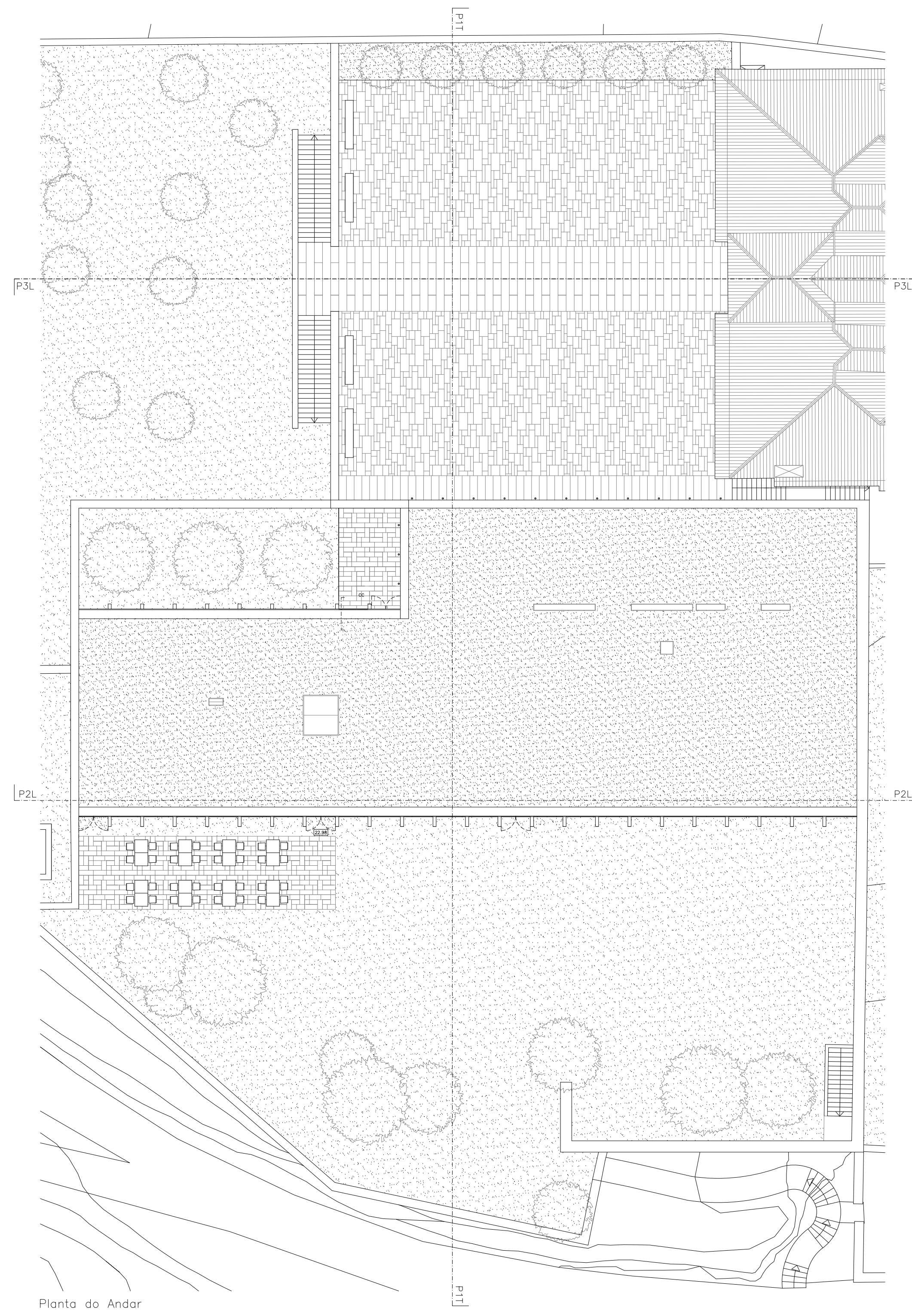




Planta da Cave



Planta do Rés-do-Chão



Planta do Andar

